

1

As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se não me ajudar o engenho e arte.

3

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

4

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandiloquo e corrente,
Porque de vossas águas, Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipoerene.

5

Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se não sublime preceito cabe em verso.

6

E vós, Ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, Ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,

Para do mundo a Deus dar parte grande;

7

Vûs, tenro e novo ramo florescente
De uma rvore de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Ces·rea ou Cristianlssima chamada;
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitûria j· passada,
Na qual vos deu por armas, e deixou
As que Ele para si na Cruz tomou)

8

Vûs, poderoso Rei, cujo alto ImpÈrio
O Sol, logo em nascendo, ví primeiro;
VÍ-o tambÈm no meio do HemisfÈrio,
E quando desce o deixa derradeiro;
Vûs, que esperamos jugo e vitupÈrio
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do santo rio;

9

Inclinai por um pouco a majestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que j· se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no ch,,o: vereis um novo exemplo
De amor dos p·trios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

10

Vereis amor da p·tria, n,,o movido
De prÈmio vil, mas alto e quase eterno:
Que n,,o È prÈmio vil ser conhecido
Por um preg,,o do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual È mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de til gente.

11

Ouvi, que n,,o vereis com v,,s faÁanhas,
Fant·sticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas s,,o tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rodamonte, e o v,,o Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro,

12

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei o ao Reino tal serviÁo,
Um Egas, e um D. Fuas, que de Homero
A cõtara para eles sÛ cobiÁo.
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu MagriÁo;
Dou-vos tambÈm aquele ilustre Gama,

Que para si de Eneias toma a fama.

13

Pois se a troco de Carlos, Rei de França,
Ou de César, quereis igual memória,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha glória;
E aquele que a seu Reino a segurança
Deixou com a grande e próspera vitória;
Outro Joane, invicto cavaleiro,
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

14

Nem deixar, o meus versos esquecidos
Aqueles que nos Reinos da Aurora
Fizeram, só por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortíssimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terrível, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

15

E enquanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as razões vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faz espanto)
De exércitos e feitos singulares,
De África as terras, e do Oriente os mares,

16

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exílio afigurado;
Só com vos ver o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tethys todo o círculo senhorio
Tem para vós por dote aparelhado;
Que afeiçoada ao gesto belo e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

17

Em vós se vê da olímpica morada
Dos dois avós as almas célebres,
Uma na paz angelical dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas;
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras valerosas;
E lá vos tem lugar, no fim da idade,
No templo da suprema Eternidade.

18

Mas enquanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam;
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, por que vejam
Que são vistos de vós no mar irado,

E costumai-vos já a ser invocado.

19

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas cingiam inchando;
Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próprio são cortadas

20

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu formoso,
Vêm pela Via-Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

21

Deixam dos sete Céus o regimento,
Que do poder mais alto lhes foi dado,
Alto poder, que só com o pensamento
Governa o Céu, a Terra, e o Mar irado.
Ali se acharam juntos num momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

22

Estava o Padre ali sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano.
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com uma coroa e cetro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

23

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros Deuses todos assentados,
Como a razão e a ordem concertavam:
Precedem os antigos mais honrados;
Mais abaixo os menores se assentavam;
Quando Júpiter alto, assim dizendo,
Com um tom de voz começa, grave e horrendo:

24

"Eternos moradores do luzente
Estelífero pólo, e claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente,
Como é dos fados grandes certo intento,
Que por ela se esqueçam os humanos

De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

25

"J· lhe foi (bem o vistes) concedido
C'um poder t,,o singelo e t,,o pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra, que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhana t,,o temido,
Sempre alcanÁou favor do CÊu sereno.
Assim que sempre, enfim, com fama e glÛria,
Teve os trofÊus pendentes da vitÛria.

26

"Deixo, Deuses, atr·s a fama antiga,
Que coa gente de RÛmulo alcanÁaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram;
TambÊm deixo a memÛria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capit,,o, que peregrino
Fingiu na cerva esprito divino.

27

"Agora vedes bem que, cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, n,,o temendo
De j·f rico e Noto a forÁa, a mais se atreve:
Que havendo tanto j· que as partes vendo
Onde o dia Ê comprido e onde breve,
Inclinam seu propÛsito e porfia
A ver os berÁos onde nasce o dia.

28

"Prometido lhe est· do Fado eterno,
Cuja alta Lei n,,o pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que ví do Sol a roxa entrada.
Nas ·guas tÍm passado o duro inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
J· parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

29

"E porque, como vistes, tÍm passados
Na viagem t,,o ·speros perigos,
Tantos climas e cÊus experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa africana, como amigos.
E tendo guarnecida a lassa frota,
Tornar,,o a seguir sua longa rota."

30

Estas palavras J·piter dizia,
Quando os Deuses por ordem respondendo,
Na sentenÁa um do outro diferia,
Razies diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali n,,o consentia
No que J·piter disse, conhecendo
Que esquecer,,o seus feitos no Oriente,

Se l· passar a Lusitana gente.

31

Ouvido tinha aos Fados que viria
Uma gente fortíssima de Espanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da Índia tudo quanto D'Úris banha,
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.
Altamente lhe d'Ui perder a glória,
De que Nisa celebra inda a memória.

32

Ví que j· teve o Indo sojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água de Parnaso.
Teme agora que seja sepultado
Seu t.,o célebre nome em negro vaso
D'água do esquecimento, se l· chegam
Os fortes Portugueses, que navegam.

33

Sustentava contra ele Vênus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nela
Da antiga t.,o amada sua Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela,
Que mostraram na terra Tingitana,
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção, o crí que é a Latina.

34

Estas causas moviam Citereia,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que h· de ser celebrada a clara Deia,
Onde a gente beliger se estende.
Assim que, um pela infâmia, que arreceia,
E o outro pelas honras, que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.

35

Qual Austro fero, ou Búreas na espessura
De silvestre arvoredado abastecida,
Rompendo os ramos v.,o da mata escura,
Com ímpeto e braveza desmedida;
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os Deuses, no Olimpo consagrado.

36

Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todas as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De entre os Deuses em pé se levantava:
Merencúrio no gesto parecia;
O forte escudo ao colo pendurado

Deitando para tr·s, medonho e irado,

37

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer, se pÙs diante
De J·piter, armado, forte e duro:
E dando uma pancada penetrante,
Com o conto do bast.,o no sÙlio puro,
O CÈu tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado.

38

E disse assim: "" Padre, a cujo impÈrio
Tudo aquilo obedece, que criaste,
Se esta gente, que busca outro hemisfÈrio,
Cuja valia, e obras tanto amaste,
N.,o queres que padeÁam vitupÈrio,
Como h· j· tanto tempo que ordenaste,
N.,o onÁas mais, pois Ès juiz direito,
Razies de quem parece que È suspeito.

39

"Que, se aqui a raz.,o se n.,o mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu t.,o privado;
Mas esta tenÁ.,o sua agora passe,
Porque enfim vem de est,mago danado;
Que nunca tirar· alheia inveja
O bem, que outrem merece, e o CÈu deseja.

40

"E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinaÁ.,o, que tens tomada,
N.,o tornes por detr·s, pois È fraqueza
Desistir-se da cousa comeÁada.
Merc·rio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e ‡ seta bem talhada,
Lhe v· mostrar a terra, onde se informe
Da Índia, e onde a gente se reforme."

41

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeÁa inclinando, consentiu
No que disse Mavorte valeroso,
E nÈctar sobre todos esparziu.
Pelo caminho L·cteo glorioso
Logo cada um dos Deuses se partiu,
Fazendo seus reais acatamentos,
Para os determinados aposentos.

42

Enquanto isto se passa na formosa
Casa etÈrea do Olimpo onipotente,
Cortava o mar a gente belicosa,
J· l· da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa EtiÙpica e a famosa
Ilha de S.,o LourenÁo; e o Sol ardente
Queimava ent.,o os Deuses, que Tifeu

Com o temor grande em peixes converteu.

43

T„o brandamente os ventos os levavam,
Como quem o cEu tinha por amigo:
Serenos o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontório Prasso já passavam,
Na costa de Etiópia, nome antigo,
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

44

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas empresas se oferece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem Fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão,
Que inabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas não lhe sucedeu como cuidava.

45

Eis aparecem logo em companhia
Uns pequenos batedores, que vêm daquela
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela.
A gente se alvoroa, e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa dela.
Que gente será esta, em si diziam,
Que costumes, que Lei, que Rei teriam?

46

As embarcações eram, na maneira,
Muito velozes, estreitas e compridas:
As velas, com que, vêm, eram de esteira
Dumas folhas de palma, bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira,
Que Faeton, nas terras acendidas,
Ao mundo deu, de ousado, o não prudente:
O Pado o sabe, o Lampetusa o sente.

47

De panos de algodão vinham vestidos,
De várias cores, brancos e listrados:
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Da cinta para cima vêm despidos;
Por armas têm adargas o terçados;
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis sonoros vão tocando.

48

Co'os panos e co'os braços acenavam
As gentes Lusitanas, que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto às ilhas amainassem.
A gente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos se acabassem;

Tomam velas; amaina-se a verga alta;
Da ,ncora, o mar ferido, em cima salta.

49

N,,o eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas j· subia.
No gesto ledos vím, e humanamente
O Capit,,o sublime os recebia:
As mesas manda pÙr em continente;
Do licor que Lieo prantado havia
Enchem vasos de vidro, e do que deitam,
Os de Faeton queimados nada enjeitam.

50

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Ar·bica língua, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam,
Ou que partes do mar corrido tinham?
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham:
"Os Portugueses somos do Ocidente,
Imos buscando as terras do Oriente.

51

"Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Ant·rtico e Calisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos cËus e terras temos visto;
Dum Rei potente somos, t,,o amado,
T,,o querido de todos, e benquisto,
Que n,,o no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Aqueronte.

52

"E por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental que o Indo rega;
Por ele, o mar remoto navegamos,
Que sÛ dos feios focas se navega.
Mas j· raz,,o parece que saibamos,
Se entre vÛs a verdade n,,o se nega,
Quem sois, que terra Ë esta que habitais,
Ou se tendes da Õndia alguns sinais?"

53

"Somos, um dos das ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, Lei e naÁ,,o;
Que os prÛprios s,,o aqueles, que criou
A natura sem Lei e sem raz,,o.
NÛs temos a Lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abra,,o
Que agora tem do mundo o senhorio,
A m,,e HebrËia teve, e o pai Gentio.
InformaÁies. A Ilha de MoÁambique.

54

"Esta ilha pequena, que habitamos,
em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Qulloa, de MombaÁa e de Sofala;
E, por ser necess·ria, procuramos,

Como prŔprios da terra, de habit-la;
E por que tudo enfim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha MoÁambique.

55

"E j- que de t,,o longe navegais,
Buscando o Indo Idaspe e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente.
TambŔm ser- bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necess-rio vos proveja."

56

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus batŔis com toda a companhia;
Do Capit,,o e gente se apartou
Com mostras de devida cortesia.
Nisto Febo nas -guas encerrou,
Co'o carro de cristal, o claro dia,
Dando cargo ‡ irm,,, que alumiasse
O largo mundo, enquanto repousasse.

57

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e n,,o cuidada,
Por acharem da terra t,,o remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer ent,,o consigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada,
E como os que na errada Seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam,

58

Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argŔntneas ondas Neptuninas,
As estrelas os CŔus acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas;
PorŔm da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

59

Mas assim como a Aurora marchetada
Os formosos cabelos espalhou
No CŔu sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro HiperiŔnio, que acordou,
ComeÁa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria
O Regedor das ilhas, que partia.

60

Partia alegremente navegando,
A ver as naus ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que s,,o aquelas gentes inumanas,
Que, os aposentos c-sprios habitando,

A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do Destino,
O ImpÉrio tomaram a Constantino.

61

Recebe o Capit.,o alegremente
O Mouro, e toda a sua companhia;
D-lhe de ricas peÁas um presente,
Que sÛ para este efeito j- trazia;
D-lhe conserva doce, e d-lhe o ardente
N.,o usado licor, que d- alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe;
E muito mais contente come e bebe.

62

Est- a gente marítima de Luso
Subida pela enx-rcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem t.,o b-rbara e enleada.
TambÈm o Mouro astuto est- confuso,
Olhando a cor, o traje, e a forte armada;
E perguntando tudo, lhe dizia
"Se por ventura vinham de Turquia?"

63

E mais lhe diz tambÈm, que ver deseja
Os livros de sua Lei, preceito eu fÈ,
Para ver se conforme ‡ sua seja,
Ou se s.,o dos de Cristo, como Crí.
E porque tudo note e tudo veja,
Ao Capit.,o pedia que lhe dí
Mostra das fortes armas de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.

64

Responde o valeroso Capit.,o
Por um, que a língua escura bem sabia:
"Dar-te-ei, Senhor ilustre, relaÁ.,o
De mim, da Lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geraÁ.,o
Das gentes enojosas de Turquia:
Mas sou da forte Europa belicosa,
Busco as terras da Índia t.,o famosa.

65

A lei tenho daquele, a cujo impÈrio
Obedece o visível e invisível
Aquele que criou todo o HemisfÈrio,
Tudo o que sente, o todo o insensível;
Que padeceu desonra e vitupÈrio,
Sofrendo morte injusta e insofribil,
E que do CÈu ‡ Terra, enfim desceu,
Por subir os mortais da Terra ao CÈu.

66

Deste Deus-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes n.,o trazia,
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,

Cumprido esse desejo te seria;
Como amigo as ver-s; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo."

67

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vím arneses, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e lminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes,
Pelouros, espingardas de aÁo puras,
Arcos, e sagitlferas aljavas,
Partazanas agudas, chuÁas bravas:

68

As bombas vím de fogo, e juntamente
As panelas sulf'reas, t,,o danosas;
PorÊm aos de Vulcano n,,o consente
Que díem fogo ‡s bombardas temerosas;
Porque o generoso ,nimo e valente,
Entre gentes t,,o poucas e medrosas,
N,,o mostra quanto pode, e com raz,,o,
Que Ê fraqueza entre ovelhas ser le,,o.

69

PorÊm disto, que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que viu com olho atento
Um Ûdio certo na alma lhe ficou,
Uma vontade m· de pensamento.
Nas mostras e no gesto o n,,o mostrou;
Mas com risonho e ledto fingimento
Trat·-los brandamente determina,
AtÊ que mostrar possa o que imagina.

70

Pilotos lhe pedia o Capit,,o,
Por quem pudesse ‡ Ôndia ser levado;
Diz-lhe que o largo prÊmio levar,,o
Do trabalho que nisso for tomado.
Promete-lhos o Mouro, com tenÁ,,o
De peito venenoso, e t,,o danado,
Que a morte, se pudesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.

71

Tamanho o Ûdio foi, e a m· vontade,
Que aos estrangeiros s·bito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o Filho de David nos ensinou.
Û segredos daquela Eternidade,
A quem julzo algum nunca alcanÁou!
Que nunca falte um pÊrfido inimigo
Aqueles de quem foste tanto amigo!

72

Partiu-se Disto enfim coa companhia,
Das naus o falso Mouro despedido,
Com enganosa e grande cortesia,
Com gesto ledto a todos, e fingido.

Cortaram os batéis a curta via
Das águas de Neptuno, e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento
Se foi o Mouro ao cônio aposento.

73

Do claro assento etéreo o grão Tebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto e avorrecido,
No pensamento cuida um falso engano,
Com que seja de todo destruído.
E enquanto isto só na alma imaginava,
Consigo estas palavras praticava:

74

"Está do fado já determinado,
Que tamanhas vitórias, tão famosas,
Hajam os Portugueses alcançado
Das Indianas gentes belicosas.
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de sofrer que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

75

"Já quiseram os Deuses que tivesse
O filho de Filipo nesta parte
Tanto poder, que tudo submetesse
Debaixo de seu jugo o fero Marte.
Mas há-se de sofrer que o fado desse
A tão pouco tamanho esforço e arte,
Que eu com o grão Macedônio, e o Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

76

"Não ser assim, porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricados
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei à Terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via ir direita
Quem do oportuno tempo se aproveita."

77

Isto dizendo, irado e quase insano,
Sobre a terra africana descendeu,
Onde vestindo a forma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveu.
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
Dum Mouro, em Moçambique conhecido
Velho, sábio, e com o Xequê mui válido.

78

E entrando assim a falar-lhe a tempo e horas
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz como eram gentes roubadoras,
Estas que ora de novo são chegadas;

Que das naÁies na costa moradoras
Correndo a fama veio que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

79

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes crist,,os sanguinolentos,
Que quase todo o mar tÍm destruído
Com roubos, com incÍndios violentos;
E trazem j- de longe engano urdido
Contra nUs; e que todos seus intentos
S,,o para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos cativarem.

80

"E tambÊm sei que tem determinado
De vir por -gua a terra muito cedo
O Capit,,o dos seus acompanhado,
Que da tens,,o danada nasce o medo.
Tu deves de ir tambÊm co'os teus armado
Esper--lo em cilada, oculto e quedo;
Porque, saindo a gente descuidada,
Cair,,o facilmente na cilada.

81

"E se inda n,,o ficarem deste jeito
Destruídos, ou mortos totalmente
Eu tenho imaginado no conceito
Outra manha e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de jeito
Seja astuto no engano, e t,,o prudente,
Que os leve aonde sejam destruídos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos."

82

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro, nos tais casos s-bio e velho,
Os braÁos pelo colo lhe lanÁou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o bellgero aparelho,
Para que ao PortuguÍs se lhe tornasse
Em roxo sangue a -gua, que buscasse.

83

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro, que por piloto ‡ nau lhe mande,
Sagaz, astuto, e s-bio em todo o dano,
De quem fiar-se possa um feito grande.
Diz-lhe que acompanhando o Lusitano,
Por tais costas e mares com ele ande,
Que, se daqui escapar, que l- diante
V- cair onde nunca se alevante.

84

J- o raio ApolÍneo visitava
Os montes NabatÍos acendido,
Quando o Gama, colos seus determinava
De vir por -gua a terra apercebido.

A gente nos batêis se concertava,
Como se fosse o engano j· sabido:
Mas pode suspeitar-se facilmente,
Que o coraÁ,,o pressago nunca mente.

85

E mais também mandado tinha a terra,
De antes, pelo piloto necess·rio,
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contr·rio;
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crí de seu pÈrfido advers·rio,
Apercebido vai como podia,
Em trís batêis somente que trazia.

86

Mas os Mouros que andavam pela praia,
Por lhe defender a ·gua desejada,
Um de escudo embraÁado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e seta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos j· postos em cilada.
E, porque o caso leve se lhe faÁa,
Piem uns poucos diante por negaÁa,

87

Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os belicosos Mouros acenando
Com a adarga e co'a h·stia perigosa,
Os fortes Portugueses incitando.
N,,o sofre muito a gente generosa
Andar-lhe os c,,es os dentes amostrando.
Qualquer em terra salta t,,o ligeiro,
Que nenhum dizer pode que È primeiro.

88

Qual no corro sanguino o ledó amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada,
Mas o animal atreço, nesse instante,
Com a fronte cornlgera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere e mata, e pie por terra:

89

Eis nos batêis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilharia,
A pl'mbea pÈla mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba e assovia:
O coraÁ,,o dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfia.
J· foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventureiro.

90

N,,o se contenta a gente Portuguesa,
Mas seguindo a vitÚria estrui e mata;
A povoaÁ,,o, sem muro e sem defesa,
Esbombardeia, acende e desbarata.

Da cavalgada ao Mouro j· lhe pesa,
Que bem cuidou compr·-la mais barata;
J· blasfema da guerra, e maldizia,
O velho inerte, e a m„e que o filho cria.

91

Fugindo, a seta o Mouro vai tirando
Sem forÁa, de covarde e de apressado,
A pedra, o pau, e o canto arremessando;
D·-lhe armas o furor desatinado.
J· a ilha e todo o mais desemparrando,
A terra firme foge amedrontado;
Passa e corta do mar o estreito braÁo,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaÁo

92

Uns v„o nas almadias carregadas,
Um corta o mar a nado diligente,
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as mi'das bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portuguís enfim castiga
A vil malícia, pÈrfida, inimiga.

93

Tornam vitoriosos para a armada,
Co' o despojo da guerra e rica presa,
E v„o a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistÍncia, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No Údio antigo mais que nunca acesa;
E vendo sem vinganÁa tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

94

Pazes cometer manda arrependido
O Regedor daquela inÍqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra;
Porque o piloto falso prometido,
Que toda a m· tenÁ„o no peito encerra,
Para os guiar ‡ morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.

95

O Capit„o, que j· lhe ent„o convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha
Para ir buscar o Indo desejado,
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
Foi dele alegremente agasalhado;
E respondendo ao mensageiro a tento,
As velas manda dar ao largo vento.

96

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Anfitrite dividia,
Das filhas de Nereu acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia.

O Capitão, que não, o cala em nada
Do enganoso artil, que o Mouro urdia,
Dele mui largamente se informava
Da Índia toda, e costas que passava.

97

Mas o Mouro, instruído nos enganos
Que o malévolo Baco lhe ensinara,
De morte ou cativoiro novos danos,
Antes que a Índia chegue, lhe prepara:
Dando razies dos portos Indianos,
Também tudo o que pede lhe declara,
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

98

E diz-lhe mais, com o falso pensamento
Com que Sinon os Frígios enganou:
Que perto está uma ilha, cujo assento
Povo antigo cristão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava a tento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com d'divas grandes lhe rogava,
Que o leve a terra onde esta gente estava.

99

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Cristão lhe manda e pede;
Que a ilha é possuída da malina
Gente que segue o torpe Mahamede.
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida pela fama.

100

Para lá se inclinava a leda frota;
Mas a Deusa em Citere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota
Por ir buscar a morte não, o cuidada,
Não, o consente que em terra tão, o remota
Se perca a gente dela tanto amada.
E com ventos contrários a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia.

101

Mas o malvado Mouro, não, o podendo
Tal determina, o levar avante,
Outra maldade iníqua cometendo,
Ainda em seu propósito constante,
Lhe diz que, pois as águas percorrendo
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Cristãos com Mouros juntamente.

102

Também nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento enfim levava,
Que aqui gente de Cristo não, o havia,
Mas a que a Mahamede celebrava.

O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a ilha demandava;
Mas, não querendo a Deusa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fora.

103

Estava a ilha à terra tão chegada,
Que um estreito pequeno a dividia;
Uma cidade nela situada,
Que na frente do mar aparecia,
De nobres edifícios fabricada,
Como por fora ao longe descobria,
Regida por um Rei de antiga idade:
Mombaça É o nome da ilha e da cidade.

104

E sendo a ela o Capitão chegado,
Estranhamente ledado, porque espera
De poder ver o povo batizado,
Como o falso piloto lhe dissera,
Eis vêm batizados da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era:
Que Baco muito de antes o avisara,
Na forma doutro Mouro, que tomara.

105

O recado que trazem É de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
" grandes e gravíssimos perigos!
" caminho de vida nunca certo:
Que aonde a gente põe sua esperançada,
Tenha a vida tão pouca segurançada!

106

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde ter-se segura a curta vida,
Que não se arme, e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

Canto Segundo

1

Já neste tempo o líquido Planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava à desejada e lenta meta,
A luz celeste às gentes encobrindo,
E da casa marítima secreta
Lhe estava o Deus Noturno a porta abrindo,
Quando as infidas gentes se chegaram
As naus, que pouco havia que ancoraram.

2

Dentre eles um, que traz encomendado

O mortífero engano, assim dizia:
"Capitão, o valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via,
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessário reformar-te.

3
"E porque estás em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente débil e cansada,
Diz que na terra podes reformá-la,
Que a natureza obriga a desejá-la.

4
"E se buscando vossas mercadoria
Que produz o auriífero Levante,
Canela, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutífera e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante,
Daqui levarás tudo isso, o sobejo
Com que fazeis o fim a teu desejo."

5
Ao mensageiro o Capitão responde
As palavras do Rei agradecendo:
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro, obedecendo;
Porém que, como a luz mostrar por onde
Vós sem perigo a frota, não temendo,
Cumprir sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor estás obrigado.

6
Pergunta-lhe depois, se estás na terra
Cristãos, como o piloto lhe dizia;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Cristo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta fantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

7
E de alguns que trazia condenados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Por que pudessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Por que notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e por que vejam
Os Cristãos, que só tanto ver desejam.

8
E por estes ao Rei presentes manda,

Por que a boa vontade, que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda;
A qual bem ao contr·rio em tudo estava.
J· a companhia pÈrfida e nefanda
Das naus se despedia e o mar cortava:
Foram com gestos ledos e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

9

E depois que ao Rei apresentaram,
Co'o recado, os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquilo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaras
De lhes mostrarem tudo o que pediam:
Que onde reina a malícia, est· o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

10

Mas aquele que sempre a mocidade
Tem no rosto perpÈtua, e foi nascido
De duas m.,es, que urdia a falsidade
Por ver o navegante destruído,
Estava numa casa da cidade,
Com rosto humano e h·bito fingido,
Mostrando-se Crist.,o, e fabricava
Um altar sumptuoso, que adorava.

11

Ali tinha em retrato afigurada
Do alto e Santo Esp·rito a pintura:
A c,ndida pombinha debuxada
Sobre a `nica FÈnix, Virgem pura;
A companhia santa est· pintada
Dos doze, t.,o torvados na figura,
Como os que, sÛ das l·nguas que caíram,
De fogo, v·rias l·nguas referiram.

12

Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde com este engano Baco estava,
Piem em terra os gíolhos, e os sentidos
Naquele Deus que o mundo governava.
Os cheiros excelentes, produzidos
Na Pancaia odorífera, queimava
O Tioneu, e assim por derradeiro
O falso Deus adora o verdadeiro.

13

Aqui foram de noite agasalhados,
Com todo o bom e honesto tratamento,
Os dous Crist.,os, n.,o vendo que enganados
Os tinha o falso e santo fingimento.
Mas assim como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e num momento
Apareceu no r·bido horizonte
Da moÁa de Tit.,o a roxa fronte,

14

Tornam da terra os Mouros co'o recado

Do Rei, para que entrassem, e consigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo;
E sendo o Português certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Cristo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

15

Dizem-lhe os que mandou, que em terra
Sacras aras e sacerdote sinto; viram
Que ali se agasalharam o dormiram,
Enquanto a luz cobriu o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
Numa mostra tão clara e tão perfeita.

16

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam;
Que levemente um nimo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A nau da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam.
Alegres vinham todos, porque crim
Que a presa desejada certa têm.

17

Na terra, cautamente aparelhavam
Armas e munições que, como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Neles ousadamente se subissem;
E, nesta treição, determinavam
Que os de Luso de todo destruíssem,
E que incautos pagassem deste jeito
O mal que em Moambique tinham feito.

18

As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada;
Da proa as velas sãs ao vento dando
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Voa do Céu ao mar como uma seta.

19

Convoca as alvas filhas de Nereu,
Com toda a mais cerleia companhia,
Que, porque no salgado mar nasceu,
Das águas o poder lhe obedecia.
E propondo-lhe a causa a que desceu,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

20

Já na água erguendo vão, com grande pressa,

Com as argénteas caudas branca escuma;
Cloto eo'o peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da :gua crespá, em forÁa suma.
Abrem caminho as ondas encurvadas
De temor das Nereidas apressadas.

21

Nos ombros de um Trit,,o, com gesto aceso,
Vai a linda Dione furiosa;
N,,o sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga t,,o formosa.
J- chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota belicosa;
Repartem-se e rodeiam nesse instante
As naus ligeiras, que iam por diante.

22

Pie-se a Deusa com outras em direito
Da proa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra, est,,o de jeito,
Que em v,,o assopra o vento, a vela inchando.
Piem no madeiro duro o brando peito,
Para detr-s a forte nau forÁando;
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

23

Quais para a cova as prŰvidas formigas,
Levando o peso grande acomodado,
As forÁas exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Ali s,,o seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Tais andavam as Ninfas estorvando
A gente Portuguesa o fim nefando.

24

Torna para detr-s a nau forÁada,
Apesar dos que leva, que gritando
Mareiam velas; ferve a gente irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando;
O mestre astuto em v,,o da popa brada,
Vendo como diante ameaÁando
Os estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nau lhe mete medo.

25

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem hŰrrida batalha;
N,,o sabem a raz,,o de f'ria tanta,
N,,o sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos s,,o sabidos,
E que h,,o de ser por isso aqui punidos.

26

Ei-los subitamente se lanÁavam

A seus batẽis velozes que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'gua, a nado se acolhiam;
De um bordo e doutro s'bito saltavam,
Que o medo os compelia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se
Que nas m,,os inimigas entregar-se.

27

Assim como em selv·tica alagoa
As r,,s, no tempo antigo Lìcia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fora da ·gua incautamente,
Daqui e dali saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente,
E acolhendo-se ao couto que conhecem,
SÙs as cabeÁas na ·gua lhe aparecem:

28

Assim fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as naus guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
TambÊm foge, saltando na ·gua amara.
Mas, por n,,o darem no penedo imoto,
Onde percam a vida doce e cara,
A ,ncora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto dela amaina.

29

Vendo o Gama, atentado, a estranheza
Dos Mouros, n,,o cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente;
E vendo, sem contraste e sem braveza
Dos ventos, ou das ·guas sem corrente,
Que a nau passar avante n,,o podia,
Havendo-o por milagre, assim dizia:

30

"” caso grande, estranho e n,,o cuidado,
” milagre claríssimo e evidente,
” descoberto engano inopinado,
” pÈrfida, inimiga e falsa gente!
Quem poder· do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se l· de cima a Guarda soberana
N,,o acudir ‡ fraca forÁa humana?

31

"Bem nos mostra a divina Providência
Destes portos a pouca seguranÁa;
Bem claro temos visto na aparência,
Que era enganada a nossa confianÁa.
Mas pois saber humano nem prudência
Enganos t,,o fingidos n,,o alcanÁa,
” tu, Guarda Divina, tem cuidado
De quem sem ti n,,o pode ser guardado!

32

"E se te move tanto a piedade

Desta mísera gente peregrina,
Que s'Ú por tua altíssima bondade,
Da gente a salvas p'Érfida e malina,
Nalgum porto seguro de verdade
Conduzir-nos j' agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois s'Ú por teu serviÁo navegamos."

33

Ouviu-lhe essas palavras piedosas
A formosa Dione, e comovida,
Dentre as Ninfas se vai, que saudosas
Ficaram desta s'bita partida.
J' penetra as Estrelas luminosas,
J' na terceira Esfera recebida
Avante passa, e l' no sexto C'Eu,
Para onde estava o Padre, se moveu.

34

E como ia afrontada do caminho,
T'„o formosa no gesto se mostrava,
Que as Estrelas e o C'Eu e o Ar vizinho,
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espíritos vivos inspirava,
Com que os P'Úlos gelados acendia,
E tornava do Fogo a esfera fria.

35

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e eriÁa,
Se lhe apresenta assim como ao Troiano,
Na selva Idea, j' se apresentara.
Se a vira o caÁador, que o vulto humano
Perdeu, vendo Diana na ·gua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

36

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia;
Andando, as l·ctas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava, e n'„o se via;
Da alva petrina flamas lhe saíam,
Onde o Menino as almas acendia;
Pelas lisas colunas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

37

C'um delgado sendal as partes cobre,
De quem vergonha É natural reparo,
PorÉm nem tudo esconde, nem descobre,
O v'Eu, dos roxos lírios pouco avaro;
Mas, para que o desejo acenda o dobre,
Lhe pie diante aquele objeto raro.
J' se sentem no C'Eu, por toda a parte,
Ci'mes em Vulcano, amor em Marte.

38

E mostrando no angÉlico semblante

Co'o riso uma tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa e se ri num mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada,
Desta arte a Deusa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala:

39

"Sempre eu cuidei, Ô Padre poderoso,
Que, para as cousas que eu do peito amasse,
Te achasse brando, af·bil e amoroso,
Posto que a algum contr·rio lhe pesasse;
Mas, pois que contra mim te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
FaÁa-se como Baco determina;
Assentarei enfim que fui mofina.

40

"Este povo que È meu, por quem derramo
As l·grimas que em v„o caldas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo!
Por ele a ti rogando choro e bramo,
E contra minha dita enfim pelejo.
Ora pois, porque o amo È mal tratado,
Quero-lhe querer mal, ser· guardado.

41

"Mas mouroa enfim nas m„os das brutas gentes,
Que pois eu fui..." E nisto, de mimosa,
O rosto banha em l·grimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa.
Calada um pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a fala piedosa,
Torna a segui-la; e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso e gr„o Tonante.

42

E destas brandas mostras comovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
Co'o vulto alegre, qual do CÈu subido,
Torna sereno e claro o ar escuro,
As l·grimas lhe alimpa, e acendido
Na face a beija, e abraÁa o colo puro;
De modo que dali, se sÛ se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

43

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluÁos e l·grimas aumenta,
Como menino da ama castigado,
Que quem no afaga o choro lhe acrescenta,
Por lhe pÛr em sossego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira enfim lhe est· dizendo:

44

"Formosa filha minha, n„o temais

Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguÉm comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometo, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos ilustres feitos que esta gente
H-de fazer nas partes do Oriente.

45

"Que se o facundo Ulisses escapou
De ser na Ogígia ilha eterno escravo,
E se Antenor os seios penetrou
Ilíricos e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneias navegou
De Cila e de Caríbdis o mar bravo,
Os vossos, mores cousas atentando,
Novos mundos ao mundo ir,,o mostrando.

46

"Fortalezas, cidades e altos muros,
Por eles vereis, filha, edificados;
Os Turcos belacíssimos e duros,
Deles sempre vereis desbaratados.
Os Reis da Índia, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente sojugados;
E por eles, de tudo enfim senhores,
Ser,,o dadas na terra leis melhores.

47

"Vereis este, que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremar dele Neptuno, de medroso
Sem vento suas ·guas encrespando.
" caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
" gente forte e de altos pensamentos,
Que tambÉm dela h,,o medo os Elementos!

48

"Vereis a terra, que a ·gua lhe tolhia,
Que inda h-de ser um porto mui decente,
Em que v,,o descansar da longa via
As naus que navegarem do Ocidente.
Toda esta costa enfim, que agora urdia
O mortífero engano, obediente
Lhe pagar· tributos, conhecendo
N,,o poder resistir ao Luso horrendo.

49

"E vereis o mar Roxo, t,,o famoso,
Tornar-se-lhe amarelo, de enfiado;
Vereis de Ormuz o Reino poderoso
Duas vezes tomado e sojugado.
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado:
Que quem vai contra os vossos, claro veja
Que, se resiste, contra si peleja.

50

"Vereis a inexpugn·bil Dio forte,

Que dous cercos ter·, dos vossos sendo.
Ali se mostrar· seu preÁo e sorte,
Feitos de armas grandíssimos fazendo.
Invejoso vereis o gr.,o Mavorte
Do peito Lusitano fero e horrendo:
Do Mouro ali ver.,o que a voz extrema
Do falso Mahamede ao CÊu blasfema.

51

"Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual vir· depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triunfos da gente vencedora.
Ali soberba, altiva, e exalÁada,
Ao Gentio, que os Ídolos adora,
Duro freio por·, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

52

"Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca forÁa e gente;
E vereis Calecu desbaratar-se,
Cidade populosa e t.,o potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito soberbo e insolente,
Que cõtara jamais cantou vitÛria,
Que assim mereÁa eterno nome e glÛria.

53

"Nunca com Marte instructo e furioso,
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Actias guerras animoso,
O Capit.,o venceu Romano injusto,
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Cõtico e robusto
A vitÛria trazia, e presa rica,
Preso na Eglÿpcia linda e nego pudica.

54

Como vereis o mar fervendo aceso
Colos incíndios dos vossos pelejando,
Levando o Idololatra, e o Mouro preso,
De naÁies diferentes triunfando.
E sujeita a rica jurea Quersoneso,
AtÊ ao longínquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-- todo o Oceano obediente.

55

"De modo, filha minha, que de jeito
Amostrar.,o esforÁo mais que humano,
Que nunca se ver· t.,o forte peito,
Do GangÊtico mar ao Gaditano,
Nem das Boreais ondas ao Estreito,
Que mostrou o agravado Lusitano,
Posto que em todo o mundo, de afrontados,
Ressuscitassem todos os passados."

56

Como isto disse, manda o consagrado

Filho de Maia ‡ Terra, por que tenha
Um pacífico porto o sossegado,
Para onde sem receio a frota venha;
F, para que em MombaÁa, aventurado,
O forte Capit„o se n„o detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostra
A terra, onde quieto repousasse.

57

J· pelo ar o Cileneu voava;
Com as asas nos pÊs ‡ Terra desce;
Sua vara fatal na m„o levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas revocava
Do Inferno, e o vento lhe obedece.
Na cabeÁa o galero costumado.
E desta arte a Melinde foi chegado.

58

Consigo a Fama leva, por que diga
Do Lusitano o preÁo grande e raro,
Que o nome ilustre a um certo amor obriga
E faz, a quem o tem, amado e caro.
Desta arte vai fazendo a gente amiga,
Co rumor famosíssimo, e perclaro.
J· Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

59

Dali para MombaÁa logo parte,
Aonde as naus estavam temerosas,
Para que ‡ gente mande que se aparte
Da barra amiga e terras suspeitosas:
Porque mui pouco val esforÁo e arte,
Contra infernais vontades enganosas;
Pouco val coraÁ„o, ast'cia e siso,
Se l· dos CÊus n„o vem celeste aviso.

60

No feio caminho a noite tinha anelado,
E, as estrelas no CÊu, coa luz alhea,
Tinham o largo Mundo alumiado;
E sÚ co'o sono a gente se recreia.
O Capit„o ilustre, j· cansado
De vigiar a noite que arreceia,
Breve repouso ent„o aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava;

61

Quando Merc'rio em sonhos lhe aparece,
Dizendo: "Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano;
Fuge, que o vento, e o CÊu te favorece;
Seren o tempo tens e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

62

"N„o tens aqui sen„o aparelhado

O hospício que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavalos a gente que hospedava;
As aras de Busíris infamado,
Onde os hóspedes tristes imolava,
Ter-s certas aqui, se muito esperas.
Fuge das gentes perversas e feras.

63

"Vai-te ao longo da costa percorrendo,
E outra terra achar-s de mais verdade,
Lá quase junto donde o Sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade;
Ali tua frota alegre recebendo
Um Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E, para a Índia, certa e sábia guia."

64

Isto Mercúrio disse, e o sono leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De uma súbita luz e raio santo.
E vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iníqua tanto,
Com novo espírito ao mestre seu mandava
Que as velas desse ao vento que assopravam.

65

"Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o Céu nos favorece e Deus o manda;
Que um mensageiro vi do claro assento
Que só em favor de nossos passos anda."
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de uma e de outra banda;
Levam gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda forçada, que se estima.

66

Neste tempo, que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando à costa, destruídos;
Mas com vista de lince vigiavam
Os Portugueses, sempre apercebidos.
Eles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

67

Mas já as agudas proas apartando
Lam as vias húmidas de argento;
Assopra-lhe galeno o vento, e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perder, o do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

68

Tinha uma volta dado o Sol ardente

E noutro comeÁava, quando viram
Ao longe deus navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respiram:
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para eles arribando, as velas viram:
Um, de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente ‡ costa dava.

69

N.,o È o outro que fica t.,o manhoso;
Mas nas m.,os vai cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a f'ria horrenda de Vulcano;
Que como fosse d'Èbil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
N.,o teve resistÍncia; e se a tivera,
Mais dano resistindo recebera.

70

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a Ôndia que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas n.,o lhe sucedeu como cuidava,
Que nenhum deles h· que lhe ensinasse
A que parte dos c'Èus a Ôndia estava;
Por'Em dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde achar· piloto certo.

71

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
CondiÁ.,o liberal, sincero peito,
MagnificÍncia grande e humanidade,
Com partes de grandÍssimo respeito.
O Capit.,o o assela por verdade,
Porque j· lhe dissera, deste jeito,
Cileneu em sonhos; e partia
Para onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

72

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Febeia,
Quando um e outro corno lhe aqueitava,
E Flora derramava o de Amalteia:
A mem'Úria do dia renovava
O pressuroso Sol, que o C'Eu rodeia,
Em que Aquele, a quem tudo est· sujeito,
O selo p'Us a quanto tinha feito;

73

Quando chegava a frota ‡quela parte,
Onde o Reino Melinde j· se via,
De toldos adornada, e leda de arte
Que bem mostra estimar o santo dia.
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purp'rea ao longe aparecia;
Soam os atambores o pandeiros,
E assim entravam ledos e guerreiros.

74

Enche-se toda a praia Melindana

Da gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a doutra terra atr-s deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a ,ncora pesada;
Mandam fora um dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

75

O Rei, que j- sabia da nobreza
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortíssima merece:
E com verdadeiro ,nimo e pureza,
Que os peitos generosos enobrece,
Lhe manda rogar muito que saíssem,
Para que de seus reinos se servissem.

76

S,,o oferecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, n,,o dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavaleiros,
Que tanto mar e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lan\geros carneiros,
E galinhas domÉsticas cevadas,
Com as frutas, que ent,,o na terra havia;
E a vontade ‡ d·diva excedia.

77

Recebe o Capit,,o alegremente
O mensageiro ledado e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purp'rea, cor ardente,
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das ·guas mole cresce,
E como É fora delas se endurece.

78

Manda mais um, na pr·tica elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse,
E que de n,,o sair naquele instante
De suas naus em terra o desculpasse.
Partido assim o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estilo que Palas lhe ensinava,
Estas palavras tais falando orava:

79

"Sublime Rei, a quem do Olimpo puro
Foi da suma JustiÁa concedido
Refrear o soberbo povo duro,
N,,o menos dele amado, que temido:
Como porto mui forte e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remÉdio certo que queremos.

80

"N,,o somos roubadores, que passando

Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes v,,o matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiÁadas;
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da Ôndia grande e rica, por mandado
De um Rei que temos, alto e sublimado.

81

"Que geraÁ,,o t,,o dura h· hi de gente,
Que b·rbaro costume e usanÁa feia,
Que n,,o vedem os portos t,,o somente,
Mas inda o hospìcio da deserta areia?
Que m· tenÁ,,o, que peito em nÔs se sente,
Que de t,,o pouca gente se arreceia?
Que com laÁos armados, t,,o fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruídos?

82

"Mas tu, e quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, Ô Rei benigno,
E aquela certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ôtaco em Alcino,
A teu porto seguro navegamos,
Conduzidos do intÈrprete divino;
Que, pois a ti nos manda, est· mui claro,
Que És de peito sincero, humano e raro.

83

"E n,,o cuides, Ô Rei, que n,,o saísse
O nosso Capit,,o esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saber·s que o fez, porque cumprisse
O regimento, em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que n,,o saia,
Deixando a frota, em nenhum porto ou praia.

84

"E porque È, de vassalos o exercìcio,
Que os membros tem regidos da cabeÁa,
N,,o querer·s, pois tens de Rei o ofìcio,
Que ninguÈm a seu Rei desobedeÁa;
Mas as mercís e o grande benefìcio,
Que ora acha em ti, promete que conheÁa
Em tudo aquilo que ele e os seus puderem,
Enquanto os rios para o mar correrem."

85

Assim dizia; e todos juntamente,
Uns com outros em pr·tica falando,
Louvavam muito o est,mago da gente,
Que tantos cÈus e mares vai passando.
E o Rei ilustre, o peito obediente
Dos Portugueses na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei que È t,,o longe obedecido.

86

E com risonha vista e ledó aspeito,

Responde ao embaixador, que tanto estima:

"Toda a suspeita m· tirai do peito,
Nenhum frio temor em vûs se imprima;
Que vosso preÁo e obras s,,o de jeito
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
N,,o pode ter subido pensamento.

87

"De n,,o sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preminÍncia,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediÍncia;
Mas, se lho o regimento n,,o consente,
Nem eu consentirei que a excelÍncia
De peitos t,,o leais em si desfaÁa,
SÛ porque a meu desejo satisfaÁa.

88

"PorËm, como a luz cr·stina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, h· tantos dias;
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento e longas vias,
Aqui ter·, de limpos pensamentos,
Piloto, muniÁies e mantimentos."

89

Isto disse; e nas ·guas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
Coa embaixada alegre se partia
Para a frota, no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria.
Por terem o remËdio verdadeiro
Para acharem a terra que buscavam;
E assim ledos a noite festejavam.

90

N,,o faltam ali os raios de artifÍcio,
Os trÍmulos cometas imitando;
Fazem os bombardeiros seu ofÍcio,
O cËu, a terra e as ondas atroando.
Mostra-se dos Ciclopas o exercÍcio
Nas bombas que de fogo est,,o queimando;
Outros com vozes, com que o cËu feriam,
Instrumentos altÍssimos tangiam.

91

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zunido;
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o pÛ sulf·reo escondido.
A grita se alevanta ao cËu, da gente;
O mar se via em fogos acendido,
E n,,o menos a terra; e assim festeja
Um ao outro, a maneira de peleja.

92

Mas j· o CËu inquieto revolvendo,

As gentes incitava a seu trabalho,
E já a m„e de Menon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho;
Iam-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

93

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver sũ concorre leda;
Luzem da fina p'rpura as cabaiaas,
Lustram os panos da tecida seda;
Em lugar das guerreiras azagaias
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem, coroa verdadeira.

94

Um batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres e seu Reino e de senhores:
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores;
Na cabeÁa uma fota guarneçada
De ouro, e de seda e de algod„o tecida.

95

Cabaia de Damasco rico e dino,
Da Tíria cor, entre eles estimada,
Um colar ao pescoÁo, de ouro fino,
Onde a matÉria da obra È superada,
C'um resplendor reluze adamantino;
Na cinta, a rica bem lavrada;
Nas alparcas dos pÊs, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljÚfar ao veludo.

96

Com um redondo emparo alto de seda,
Numa alta e dourada h·stia enxerido,
Um ministro ‡ solar quentura veda.
Que n„o ofenda e queime o Rei subido.
M'sica traz na proa, estranha e leda,
De ·spero som, horríssonos ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que, sem concerto, fazem rudo estrondo.

97

N„o menos guarnecido o Lusitano
Nos seus batÊis, da frota se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e lograda companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De cetim da Adri·tica Veneza
Carmesi, cor que a gente tanto preza:

98

De boties douras as mangas vím tomadas,

Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calÁas soldadescas recamadas
Do metal, que Fortuna a tantos nega,
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gib„o ajunta e achega;
Ao It·lico modo a ·urea espada;
Pluma na gorra, um pouco declinada.

99

Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta, que d· o m·rice excelente,
A v·ria cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do traje diferente.
Tal o formoso esmalte se notava
Dos vestidos, olhados juntamente,
Qual aparece o arco rutilante
Da bela Ninfa, filha de Taumante.

100

Sonorosas trombetas incitavam
Os ,nimos alegres, ressoando;
Dos Mouros os batËis, o mar coalhavam,
Os toldos pelas ·guas arrojando;
As bombardas horrÿssonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Ami·dam-se os brados acendidos,
Tapam com as m„os os Mouros os ouvidos.

101

J· no batel entrou do Capit„o
O Rei, que nos seus braÁos o levava;
Ele coa cortesia, que a raz„o
(Por ser Rei) requeria, lhe falava.
C'umas mostras de espanto e admiraÁ„o,
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de t„o longe ‡ Índia vinha.

102

E com grandes palavras lhe oferece
Tudo o que de seus Reinos lhe cumprisse,
E que, se mantimento lhe falece,
Como se prÛprio fosse, lho pedisse.
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que j· ouviu dizer, que noutra terra
Com gente de sua Lei tivesse guerra.

103

E como por toda ¶frica se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nela ganharam a coroa
Do Reino, onde as HespËridas viveram;
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram,
E o mais que pela fama o Rei sabia.
Mas desta sorte o Gama respondia:

104

”” tu, que sÛ tiveste piedade,

Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miséria e adversidade
Dos mares experimenta a f'ria insana;
Aquele alta e divina Eternidade,
Que o Céu revolve e rege a gente humana,
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

105

"Tu s'ê, de todos quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz, cio mar profundo;
Em ti dos ventos h'úrridos de Eolo
Ref'gio achamos bom, fido e jocundo.
Enquanto apascentar o largo P'úlo
As Estrelas, e o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gl'ória
Viver,,o teus louvores em mem'ria."

106

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naus uma e uma rodeando,
Porque de todas tudo note e veja.
Mas para o céu Vulcano fuzilando,
A frota coas bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os anafis os Mouros respondiam.

107

Mas depois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava,
Mandava estar quieto e ancorado
N'gua o batel ligeiro que os levava,
Por falar de vagar co'o forte Gama,
Nas cousas de que tem notícia e faina.

108

Em práticas o Mouro diferentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excelentes
Co'o povo havidas, que a Mafoma adora;
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesp'ria 'ltima, onde mora;
Agora pelos povos seus vizinhos,
Agora pelos 'midos caminhos.

109

"Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente,
Da terra tua o clima, e região,
Do mundo onde morais distintamente;
E assim de vossa antiga geração,
E o princípio do Reino tão potente,
Co'os sucessos das guerras do começo,
Que, sem sabê-las, sei que são de começo.

110

"E assim também nos conta dos rodeios

Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes bárbaros alheios.
Que a nossa África ruda tem criado.
Conta: que agora vêm co'os áureos freios
Os cavalos que o carro marchetado
Do novo Sol, da fria Aurora trazem,
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

111

"E não, o menos co'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem há, que por fama não, conhece
As obras Portuguesas singulares?
Não, o tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares
Que os Melindanos têm t, o rudo peito,
Que não, o estimem muito um grande feito.

112

"Cometeram soberbos os Gigantes,
Com guerra v, o Olimpo claro e puro;
Tentou Pírrito e Teseu, de ignorantes,
O Reino de Plutão, o horrendo e escuro.
Se houve feitos no mundo t, o possantes,
Não, o menos É trabalho ilustre e duro,
Quanto foi cometer Inferno o Céu,
Que outrem cometa a f'ria de Nereu.

113

"Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Tesifónio fabricado,
Heróstrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado:
Se também com tais obras nos engana
O desejo de um nome avantajado,
Mais razão, o há que queira eterna glória
Quem faz obras t, o dignas de memória."

Canto Terceiro

1

Agora tu, Calíope, me ensina
O que contou ao Rei o ilustre Gama:
Inspira mortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assim o claro inventor da Medicina,
De quem Orfeu pariste, Ó linda Dama,
Nunca por Dafne, Clície ou Leucotoe,
Te negue o amor devido, como soe.

2

Pie tu, Ninfa, em efeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apolo na água soberana;
Senão direi que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orfeo.

3

Prontos estavam todos escutando
O que o sublime Gama contaria,
Quando, depois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assim dizia:
"Mandas-me, Ô Rei, que conte declarando
De minha gente a gr.,o genealogia:
N.,o me mandas contar estranha histÚria,
Mas mandas-me louvar dos meus a glÚria.

4

"Que outrem possa louvar esforÁo alheio,
Cousa È que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus prÚpios, arreceo
Que louvor t.,o suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo e creio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas, pois o mandas, tudo se te deve,
Irei contra o que devo, e serei breve.

5

"AlÈm disso, o que a tudo enfim me obriga,
... n.,o poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me h--de ficar inda por dizer.
Mas, porque nisto a ordens leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

6

"Entre a Zona que o Cancro senhoreia,
Meta setentrional do Sol luzente,
E aquela que por f ria se arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,
Pela parte do Areturo, e do Ocidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterraneo.

7

"Da parte donde o dia vem nascendo,
Com jsia se avizinha; mas o rio
Que dos montes Rifeios vai correndo,
Na alagoa Meotis, curvo o frio,
As divide: e o mar que, fero e horrendo,
Viu dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de TrÚia triunfante
N.,o ví mais que a memÚria o navegante.

8

"L· onde mais debaixo est· do PÚlo,
Os montes HiperbÚreos aparecem,
E aqueles onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome, dos sopros se enobrecem.
Aqui t.,o pouca forÁa tem de Apolo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve est· contido pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

9

"Aqui dos Citas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade,
Co'os que tinham ent.,o a Egípcia terra;
Mas quem t.,o fora estava da verdade,
(J. que o juízo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.

10

"Agora nestas partes se nomeia
A L·pia fria, a inculta Noruega,
Escandin·via Ilha, que se arreia
Das vit·rias que It·lia n.,o lhe nega.
Aqui, enquanto as ·guas n.,o refreia
O congelado inverno, se navega
Um bra·o do Sarm·tico Oceano
Pelo Br·sio, Su·cio e frio Dano.

11

"Entre este mar e o T·nais vive estranha
Gente: Rutenos, Moseos e Liv·nios,
S·rmatas outro tempo; e na montanha
Hirc·nia os Marcomanos s.,o Pol·nios.
Sujeitos ao Imp·rio de Alemanha
S.,o Saxones, Bo·mios e Pan·nios,
E outras v·rias na·ies, que o Reno frio
Lava, e o Dan·bio, Amasis e Albis rio.

12

"Entre o remoto Istro e o claro Estreito,
Aonde Hele deixou co' o nome a vida,
Est.,o os Traces de robusto peito,
Do fero Marte p·tria t.,o querida,
Onde, colo Hemo, o R·dope sujeito
Ao Otomano est·, que submetida
Biz·ncio tem a seu servi·o indino:
Boa inj·ria do grande Constantino!

13

"Logo de Maced·nia est.,o as gentes,
A quem lava do Axio a ·gua fria;
E v·s tamb·m, · terras excelentes
Nos costumes, engenhos e ousadia,
Que criastes os peitos eloquentes
E os ju·zos de alta fantasia,
Com quem tu, clara Gr·cia, o C·eu penetras,
E n.,o menos por armas, que por letras.

14

"Logo os D·lmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor j· muros levantou,
A soberba Veneza est· no meio
Das ·guas, que t.,o baixa come·ou.
Da terra um bra·o vem ao mar, que cheio
De esfor·o, na·ies v·rias sujeitou,
Bra·o forte, de gente sublimada,
N.,o menos nos engenhos, que na espada.

15

"Em torno o cerca o Reino Neptunino,
Co'os muros naturais por outra parte;
Pelo meio o divide o Apenino,
Que t,,o ilustre fez o p·trio Marte;
Mas depois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforÁo veio, e bÈlica arte;
Pobre est· j· de antiga potestade:
Tanto Deus se contenta de humildade!

16

"G·lia ali se ver· que nomeada
Co'os Ces·reos triunfos foi no mundo,
Que do SÈquana e RÛdano È regada,
E do Giruna frio e Reno fundo.
Logo os montes da Ninfa sepultada
Pirene se alevantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata ent,,o correram.

17

"Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeÁa ali de Europa toda,
Em cujo senhorio o glÙria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda;
Mas nunca poder·, com forÁa ou manha,
A fortuna inquieta pÙr-lhe noda,
Que lhe n,,o tire o esforÁo e ousadia
Dos belicosos peitos que em si cria.

18

"Com Tingit,nia entesta, e ali parece
Que quer fechar o mar Mediterraneo,
Onde o sabido Estreito se enobrece
Co'o extremo trabalhado Tebano.
Com naÁies diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer delas cuida que È melhor.

19

"Tem o TarragonÍs, que se fez claro
Sujeitando PartÈnope inquieta;
O Navarro, as Ast·rias, que reparo
J· foram contra a gente Mahometa;
Tem o Galego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu Planeta
Restituidor de Espanha e senhor dela,
BÈtis, Li,,o, Granada, com Castela.

20

"Eis aqui, quase cume da cabeÁa
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar comeÁa,
E onde Febo repousa no Oceano.
Este quis o CÈu justo que floresÁa
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fora, e l· na ardente
Ífrica estar quieto o n,,o consente.

22

"Esta È a ditosa p·tria minha amada,
A qual se o CÊu me d· que eu sem perigo
Torne, com esta empresa j· acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.
Esta foi Lusit,nia, derivada
De Luso, ou Lisa, que de Baco antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nela ent,,o os Ôncolas primeiros.

22

"Desta o pastor nasceu, que no seu nome
Se ví que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguÊm vir· que dome,
Pois a grande de Roma n,,o se atreve.
Esta, o velho que os filhos prÔprios come
Por decreto do CÊu, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criando-a Reino ilustre; e foi desta arte:

23

"Um Rei, por nome Afonso, foi na Espanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, forÁa e manha,
A muitos fez perder a vida o a terra;
Voando deste Rei a fama estranha
Do Herculano Calpe ‡ C·spia serra,
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinhã a ele e ‡ morte oferecer-se.

24

"E com um amor intrìnseco acendidos
Da FÊ, mais que das honras populares,
Eram de v·rias terras conduzidos,
Deixando a p·tria amada e prÔprios lares.
Depois que em feitos altos e subidos
Se mostraram nas armas singulares,
Quis o famoso Afonso que obras tais
Levassem prÊmio digno e dons iguais.

25

"Destes Anrique, dizem que segundo
Filho de um Rei de Ungria exprimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Ent,,o n,,o era ilustre nem prezado;
E, para mais sinal d'amor profundo,
Quis o Rei Castelhana, que casado
Com Teresa, sua filha, o Conde fosse;
E com ela das terras tornou posse.

26

"Este, depois que contra os descendentes
Da escrava Agar vitÔrias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em prÊmio destes feitos excelentes,
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve,
Um filho, que ilustrasse o nome ufano
Do belicoso Reino Lusitano.

27

"J· tinha vindo Anrique da conquista
Da cidade HierosÚlima sagrada,
E do Jord·,o a areia tinha vista,
Que viu de Deus a carne em si lavada;
Que n·,o tendo Gotfredo a quem resista,
Depois de ter Judeia sojugada,
Muitos, que nestas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram;

28

"Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso /ngaro estremado,
ForÁado da fatal necessidade,
O esp·rito deu a quem lhe tinha dado,
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava;
Que de tal pai tal filho se esperava.

29

"Mas o velho rumor, n·,o sei se errado,
Que em tanta antiguidade n·,o h· certeza,
Conta que a m·,e, tomando todo o estado,
Do segundo himeneu n·,o se despreza.
O filho Úrf·,o deixava deserdado,
Dizendo que nas terras a grandeza
Do senhorio todo sÚ sua era,
Porque, para casar, seu pai lhes dera.

30

"Mas o Prìncipe Afonso, que desta arte
Se chamava, do avÚ tomando o nome,
Vendo-se em suas terras n·,o ter parte,
Que a m·,e, com seu marido, as manda e come,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome.
Revolvidas as causas no conceito,
Ao propÚsito firme segue o efeito.

31

"De Guimar·,es o campo se tingia
Co'o sangue prÚprio da intestina guerra,
Onde a m·,e, que t·,o pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com ele posta em campo j· se via;
E n·,o ví a soberba o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor;
Mas nela o sensual era maior.

32

"” Progne crua! Ú m·gica Medeia!
Se em vossos prÚprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhai que inda Teresa peca mais:
IncontinÍncia m·, cobiÁa feia,
S·,o as causas deste erro principais:
Cila, por uma, mata o velho pai,
Esta, por ambas, contra o filho vai.

33

"Mas j· o Príncipe claro o vencimento
Do padraço e da iníqua m.,e levava;
J· lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra ele pelejava.
Porém, vencido de ira o entendimento,
A m.,e em ferros ·speros atava;
Mas de Deus foi vingada em tempo breve:
Tanta veneraÁ,,o aos pais se deve!

34

"Eis se ajunta o soberbo Castelhana,
Para vingar a injúria de Teresa,
Contra o t.,o raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho agrava ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angélica defesa,
N.,o sÚ contra tal fúria se sustenta,
Mas o inimigo aspérrimo afugenta.

35

"N.,o passa muito tempo, quando o forte
Príncipe em Guimarães,es est· cercado
De infinito poder; que desta sorte
Foi refazer-se o inimigo magoado;
Mas, com se oferecer ‡ dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

36

"Iulas o leal vassalo, conhecendo
Que seu senhor n.,o tinha resistência,
Se vai ao Castelhana, prometendo
Que ele faria dar-lhe obediência.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciência
De Egas Moniz; mas n.,o consente o peito
Do moço ilustre a outrem ser sujeito.

37

"Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o Rei Castelhana j· aguardava
Que o Príncipe, a seu mando sometido,
Lhe desse a obediência que esperava.
Vendo Egas que ficava fermentado,
O que dele Castela n.,o cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

38

"E com seus filhos e mulher se parte
A levantar com eles a fiança,
Descalços e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade que a vingança.
--"Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temerária confiança,
Dizia, eis aqui venho oferecido
A te pagar, coa vida, o prometido.

39

"Vís aqui trago as vidas inocentes
Dos filhos sem pecado e da consorte;
Se a peitos generosos e excelentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vís aqui as m.,os e a llingua delinquentes:
Nelas sÛs exprimenta toda a sorte
De tormentos, de mortes, pelo estilo
De Clnis e do touro de Perilo"!--

40

"Qual diante do algoz o condenado,
Que j· na vida a morte tem bebido,
Pie no cepo a garganta, e j· entregado
Espera pelo golpe t.,o temido:
Tal diante do Príncipe indinado,
Egas estava a tudo oferecido.
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pÛde, enfim, que a ira a piedade.

41

"” gr.,o fidelidade Portuguesa,
De vassalo, que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquela empresa,
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo suspirava,
Que mais o seu Zopiro s.,o prezara,
Que vinte BabilÛnias que tomara.

42

Mas j· o Príncipe Afonso aparelhava
O Lusitano exÉrcito ditoso,
Contra o Mouro que as terras habitava
D'alÊm do claro Tejo deleitoso;
J· no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e belicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em forÁa e gente t.,o pequeno.

43

"Em nenhuma outra cousa confiado,
Sen.,o no sumo Deus, que o CÊu regia,
Que t.,o pouco era o povo batizado,
Que para um sÛ cem Mouros haveria.
Julga qualquer julzo sossegado
Por mais temeridade que ousadia,
Cometer um tamanho ajuntamento,
Que para um cavaleiro houvesse cento.

44

"Cinco Reis Mouros s.,o os inimigos,
Dos quais o principal Ismar se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcanÁa a ilustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte Dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Termodonte j· gostaram.

45

"A matutina luz serena e fria,
As estrelas do PÚlo j· apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava.
Ele, adorando quem lhe aparecia,
Na FÊ todo inflamado assim gritava:
--"Aos infiÊis, Senhor, aos infiÊis,
E n,,o a mim, que creio o que podeis!"

46

"Com tal milagre os ,nimos da gente
Portuguesa inflamados, levantavam
Por seu Rei natural este excelente
Príncipe, que do peito tanto amavam;
E diante do exÊrcito potente
Dos imigos, gritando o cÊu tocavam,
Dizendo em alta voz:--"Real, real,
Por Afonso alto Rei de Portugal."

47

"Qual co'os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o r·bido Moloso,
Contra o touro remete, que fiado
Na forÁa est· do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forÁoso,
AtÊ que enfim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a forÁa horrenda se quebranta:

48

"Tal do Rei novo o est,mago acendido
Por Deus e pelo povo juntamente,
O B·rbaro comete apercebido,
Co'o animoso exÊrcito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam a arma, ferve a gente,
As lanÁas e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

49

"Bem como quando a flama, que ateadada
Foi nos ·ridos campos (assoprando
O sibilante BÛreas) animada
Co'o vento, o seco mato vai queimando;
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce sono estava, despertando
Ao estridor do fogo que se ateia,
Recolhe o fato, e foge para a aldeia:

50

"Desta arte o Mouro atÛnito e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
N,,o foge; mas espera confiado,
E o ginete bellgero arremessa.
O Portuguís o encontra denodado,
Pelos peitos as lanÁas lhe atravessa:
Uns caem meios mortos, e outros v,,o
A ajuda convocando do Alcor,,o.

51

"Ali se vïem encontros temerosos,
Para se desfazer uma alta serra,
E os animais correndo furiosos
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se d,,o medonhos e forÁosos;
Por toda a parte andava acesa a guerra:
Mas o de Luso arnís, couraÁa e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

52

"CabeÁas pelo campo v,,o saltando
BraÁos, pernas, sem dono e sem sentido;
E doutros as entranhas palpitando,
P·lida a cor, o gesto amortecido.
J· perde o campo o exÈrcito nefando;
Correm rios de sangue desparzido,
Com que tambÈm do campo a cor se perde,
Tornado carmesi de branco e verde.

53

"J· fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trofÈus e presa rica;
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
Trís dias o gr,,o Rei no campo fiei.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta vitÙria certifica,
Cinco escudos azuis esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reis vencidos,

54

"E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros por que Deus fora vendido,
Escrevendo a memÙria em v·ria tinta,
Daquele de quem foi favorecido.
Em cada uni dos cinco, cinco pinta,
Porque assim fica o n·mero cumprido,
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azuis, que em cruz pintando veio.

55

"Passado j· algum tempo que passada
Era esta gr,,o vitÙria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora, mui pouco havia, do vencido.
Com esta a forte Arronches sojugada
Foi juntamente, e o sempre enobrecido
Scalabicastro, cujo campo ameno,
Tu, claro Tejo, regas t,,o sereno.

56

"A estas nobres vilas sometidas,
Ajunta tambÈm Mafra, em pouco espaÁo,
E nas serras da Lua conhecidas,
Sojuga a fria Sintra o duro braÁo;
Sintra, onde as Naiades, escondidas
Nas fontes, v,,o fugindo ao doce laÁo,
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas ·guas acendendo fogo ardente.

57

"E tu, nobre Lisboa, que no Mundo
Facilmente das outras És princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dard,nia acesa;
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste ‡ forÁa Portuguesa,
Ajudada tambÊM da forte armada,
Que das Boreais partes foi mandada.

58

"L· do Germ,nico Albis, e do Rene,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tens,,o santa eram partidos.
Entrando a boca j· do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Afonso unidos,
Cuja alta fama ent,,o subia aos CËus,
Foi posto cerco tos muros Ulisseus.

59

"Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foi a batalha t,,o sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme pressuposto
De vencedores ·speros e ousados,
E de vencidos j· desesperados.

60

"Desta arte enfim tomada se rendeu
Aquele que, nos tempos j· passados,
A grande forÁa nunca obedeceu
Dos frios povos Clíticos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeu
Que o Ibero o viu e o Tejo amedrontados;
E enfim co'o BËtis tanto alguns puderam
Que ‡ terra de Vand·lia nome deram.

61

"Que cidade t,,o forte por ventura
Haver· que resista, se Lisboa
N,,o pÙde resistir ‡ forÁa dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
J· lhe obedece toda a Estremadura,
"bidos, Alenquer, por onde soa
O tom das frescas ·guas, entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

62

"E vÙs tambÊM, Û terras Transtaganas,
Afamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ‡s forÁas mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes.
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fËrtil terra queres;
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alc·cere-do-Sal est,,o rendidas.

63

"Eis a nobre Cidade, certo assento
Do rebelde Sertúrio antigamente,
Onde ora as guas nítidas de argento
Vem sustentar de longo a terra e a gente,
Pelos arcos reais, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceu por meio e ousadia
De Giraldo, que medos n,,o temia.

64

"J· na cidade Beja vai tomar
VinganÁa de Trancoso destruída
Afonso, que n,,o sabe sossegar,
Por estender coa fama a curta vida.
N,,o se lhe pode muito sustentar
A cidade; mas sendo j· rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

65

"Com estas sojugada foi Palmela,
E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrela,
Desbarata um exÉrcito potente:
Sentiu-o a vila, e viu-o a serra dela,
Que a socorrí-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado.

66

"O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavalos furiosos,
In'meros peies, d'armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas, qual no mês de Maio o bravo touro,
Co'os ci'mes da vaca, arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante
Salteia o descuidado caminhante:

67

"Desta arte Afonso s'bito mostrado
Na gente d·, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o Rei Mouro, e sÚ da vida cura.
Dum p,nico terror todo assombrado,
SÚ de segui-lo o exÉrcito procura;
Sendo estes que fizeram tanto abalo
N,,o mais que sÚ sessenta de cavalo.

68

"Logo segue a vitÚria sem tardanÁa
O gr,,o Rei incans·bil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usanÁa
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcanÁa
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforÁo, e arte, e valentia,
Que a fez fazer ãs outras companhia.

69

"Mas o alto Deus, que para longe guarda
O castigo daquele que o merece,
Ou, para que se emende, ‡s vezes tarda,
Ou por segredos que homem n„o conhece,
Se atÈ que sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos a que ele se oferece;
Agora lhe n„o deixa ter defesa
Da maldiÁ„o da m„e que estava presa.

70

"Que estando na cidade, que cercara,
Cercado nela foi dos Lioneses,
Porque a conquista dela lhe tomara,
De Li„o sendo, e n„o dos Portugueses.
A pertin·cia aqui lhe custa cara,
Assim como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso
A batalha, onde foi vencido e preso.

71

"” famoso Pompeio, n„o te pene
De teus feitos ilustres a ruína,
Nem ver que a justa NÈmesis ordene
Ter teu sogro de ti vitÙria dina,
Posto que o frio F·sis, ou Siene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado e a linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente.

72

"Posto que a rica Ar·bia e que os ferozes
Enlocos e Colcos, cuja fama
O VÈu dourado estende, e os Capadoces,
E Judeia, que um Deus adora e ama,
E que os moles Sofenos, e os atroces
Cilícios, com a ArmÈnia, que derrama
As ·guas dos dous rios, cuja fonte
Est· noutro mais alto e santo monte;

73

"E posto enfim que desde o mar de Atlante
AtÈ o Cltico Tauro monte erguido,
J· vencedor te vissem, n„o te espanto
Se o campo Em·tio sÙ te viu vencido,
Porque Afonso ver·s, soberbo e ovante,
Tudo render-se ser depois rendido.
Assim o quis o conselho alto e celeste,
Que venÁa o sogro a ti, e o genro a este.

74

"Tornado o Rei sublime finalmente,
Do divino Julzo castigado,
Depois que em SantarÈm soberbamente
Em v„o dos Sarracenos foi cercado,
E depois que do m·rtire Vicente
O santÍssimo corpo venerado
Do Sacro PromontÙrio conhecido
A cidade Ulisseia foi trazido;

75

"Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho
Que ãs terras se passasse d'Alentejo,
Com gente e co'o beligerο aparelho.
Sancho, d'esforço o d',nimo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando,
Co'o sangue Mauro, bárbaro e nefando.

76

"E com esta vitória cobiçoso,
J. n.,o descansa o moço até que veja
Outro estrago como este, temeroso,
No Bárbaro que tem cercado Beja.
N.,o tarda muito o Príncipe ditoso
Sem ver o fim daquilo que deseja.
Assim estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas pie sua esperança.

77

"J. se ajuntam do monte a quem Medusa
O corpo fez perder, que teve o Céu;
J. vem do promontório de Ampelusa
E do Tinge, que assento foi de Anteu.
O morador de Abila n.,o se escusa,
Que também com suas armas se moveu,
Ao som da Mauritana e ronca tuba,
Todo o Reino que foi do nobre Juba.

78

"Entrava com toda esta companhia
O Miralmomini em Portugal;
Treze Reis mouros leva de valia,
Entre os quais tem o ceptro imperial;
E assim fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarém;
Porém n.,o lhe sucede muito bem.

79

"D.-lhe combates speros, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
N.,o lhe aproveita j. trabuco horrendo,
Mina secreta, arlete forçoso:
Porque o filho de Afonso n.,o perdendo
Nada do esforço e acordo generoso,
Tudo proví com ,nimo e prudência;
Que em toda a parte h. esforço e resistência.

80

"Mas o velho, a quem tinham j. obrigado
Os trabalhosos anos ao sossego,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as guas do Mondego,
Sabendo como o filho est. cercado
Em Santarém do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que n.,o perde a presteza coa idade.

81

"E coa famosa gente ‡ guerra usada
Vai socorrer o filho; e assim ajuntados,
A Portuguesa f'ria costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda est' coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavalos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

82

"Logo todo o restante se partiu
De Lusit,nia, postos em fugida;
O Miralmomini sÛ n,,o fugiu,
Porque, antes de fugir, lhe fuge a vida.
A quem lhe esta vitÙria permitiu
D,,o louvores e graÁas sem medida:
Que em casos t,,o estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deus que a gente.

83

"De tamanhas vitÙrias triunfava
O velho Afonso, Prìncipe subido,
Quando, quem tudo enfim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A p-lida doenÁa lhe tocava
Com fria m,,o o corpo enfraquecido;
E pagaram seus anos deste jeito
A triste Libitina seu direito.

84

"Os altos promontÙrios o choraram,
E dos rios as ·guas saudosas
Os semeados campos alagaram
Com l-grimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com faina suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reino chamar,,o
"Afonso, Afonso" os ecos, mas em v,,o.

85

"Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida j· se exprimentara,
Quando o BÊtis de sangue se tingia,
E o b·rbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia;
E mais quando os que Beja em v,,o cercaram,
Os golpes de seu braÁo em si provaram;

86

"Depois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos anos que reinava,
A cidade de Silves tem cercado,
Cujos campos o b·rbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germ,nica armada que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judeia j· perdida.

87

"Passavam a ajudar na santa empresa
O roxo Federico, que moveu
O poderoso exército em defesa
Da cidade onde Cristo padeceu,
Quando Guido, coa gente em sede acesa,
Ao grande Saladino se rendeu,
No lugar onde aos Mouros sobejavam
As guas que os de Guido desejavam.

88

"Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento daquela parte,
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do santo Marte.
Assim como a seu pai acontecera
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do Germano ajudado Silves toma,
E o bravo morador destrue e doma.

89

"E se tantos troféus do Mahometa
Alevantando vai, também do forte
Lionís não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte,
Até que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tui, que a mesma sorte
Viu ter a muitas vilas suas vizinhas,
Que, por armas, tu, Sancho, humildes tinhas.

90

"Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro.
No tempo deste, aos Mouros foi tomado
Alcacer-do-Sal por derradeiro;
Porque dantes os Mouros o tomaram,
Mas agora estrúdos o pagaram.

91

"Morto depois Afonso, lhe sucede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o Reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado,
Porque, como por eles se regia,
Em todos os seus vícios consentia.

92

"Não era Sancho, não, o tão desonesto
Como Nero, que um moço recebia
Por mulher, e depois horrendo incesto
Com a mãe Agripina cometia;
Nem tão cruel às gentes e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia,
Nem tão mau como foi Heliogabalo,
Nem como o mole Rei Sardanapalo.

93

"Nem era o povo seu tiranizado,
Como Sicília foi de seus tiranos;
Nem tinha como Falaris achado
Gínero de tormentos inumanos;
Mas o Reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei n.,o obedece, nem consente,
Que n.,o for mais que todos excelente.

94

"Por esta causa o Reino governou
O Conde Bolonhís, depois alÁado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irm.,o Sancho, sempre ao Úcio dado.
Este, que Afonso o bravo, se chamou,
Depois de ter o Reino segurado,
Em dilat--lo cuida, que em terreno
N.,o cabe o altivo peito, t.,o pequeno.

95

"Da terra dos Algarves, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braÁo, e deita fora
O Mouro, mal querido j· de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusit,nia, com forÁa e bÈlica arte;
E acabou de oprimir a naÁ.,o forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

96

"Eis depois vem Dinis, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o Reino prÚspero floresce
(AlcanÁada j· a paz ·urea divina)
Em constituiÁies, leis e costumes,
Na terra j· tranquila claros lumes.

97

"Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso ofÍcio de Minerva;
E de Helicon as Musas fez passar-se
A pisar do Monde-o a fÈrtil erva.
Quanto pode de Atenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.
Aqui as capelas d· tecidas de ouro,
Do b·caro e do sempre verde louro.

98

"Nobres vilas de novo edificou
Fortalezas, castelos mui seguros,
E quase o Reino todo reformou
Com edifÍcios grandes, e altos muros.
Mas depois que a dura ¡tropos cortou
O fio de seus dias j· maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso, mas forte e excelente.

99

"Este sempre as soberbas Castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno,
Porque n.,o È das forÁas Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porÈm, quando as gentes Mauritanas,
A possuir o HespÈrico terreno
Entraram pelas terras de Castela,
Foi o soberbo Afonso a socorrÍ-la.

100

"Nunca com Semir,mis gente tanta
Veio os campos id·spicos enchendo,
Nem Atila, que It·lia toda espanta,
Chamando-se de Deus aÁoute horrendo,
GÛtica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno b·rbaro estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos TartÈsios ajuntada.

101

"E vendo o Rei sublime Castelhana
A forÁa inexpugn·bil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo hispano,
J· perdido uma vez, que a prÛpria morte,
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a carÍssima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquele a cujo Reino foi mandada.

102

"Entrava a formosÍssima Maria
Pelos paternais paÁos sublimados,
Lindo o gesto, mas fora de alegria,
E seus olhos em l·grimas banhados;
Os cabelos angÈlicos trazia
Pelos eb·rneos ombros espalhados:
Diante do pai ledor, que a agasalha,
Estas palavras tais, chorando, espalha:

103

--"Quantos povos a terra produziu
De j·frica toda, gente fera e estranha,
O gr.,o Rei de Marrocos conduziu
Para vir possuir a nobre Espanha:
Poder tamanho junto n.,o se viu,
Depois que o salso mar a terra banha.
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

104

--"Aquele que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder, oferecido
Ao duro golpe est· da Maura espada;
E se n.,o for contigo socorrido,
Ver-me--s dele e do Reino ser privada,
Vi·va e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino, e sem ventura.

105

"Portanto, Ô Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca se congela,
Rompe toda a tardança, acude cedo
A miseranda gente de Castela.
Se esse gesto, que mostras claro e ledado,
De pai o verdadeiro amor assela,
Acude e corre, pai, que se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres."--

106

"Não de outra sorte a tímida Maria
Falando está, que a triste Vênus, quando
A Júpiter, seu pai, favor pedia
Para Eneias, seu filho, navegando;
Que a tanta piedade o comovia
Que, calado das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesando-lhe do pouco que lhe pede.

107

"Mas já co'os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados:
Lustra co'o Sol o arnés, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavalos jaezados.
A canora trombeta embandeirada,
Os corações e paz acostumados
Vai às fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

108

"Entre todos no meio se sublima,
Das insígnias Reais acompanhado,
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o colo alevantado;
E somente co'o gesto esforçada e anima
A qualquer coração, o amedrontado.
Assim entra nas terras de Castela
Com a filha gentil, Rainha dela.

109

"Juntos os dous Afonsos finalmente
Nos campos de Tarifa estão de frente
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não o há peito tão alto e tão potente,
Que de desconfiança não se afronte,
Enquanto não o conheça e claro veja
Que co'o braço dos seus Cristo peleja.

110

"Estão de Agarrar os netos quase rindo
Do poder dos Cristãos fraco e pequeno,
As terras como suas repartindo
Antes, o, entre o exército Agareno,
Que com título falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno.
Assim também com falsa conta e nua,
A nobre terra alheia chamam sua.

111

"Qual o membrudo e bárbaro Gigante,
Do rei Saul, com causa, tão temido,
Vendo o pastor inerte estar diante,
Sua de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pode a Fênix que a força humana:

112

"Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Cristãos, e não entende
Que está ajudado da Alta Fortaleza,
A quem o inferno horrífico se rende.
Com ela o Castelhana, e com destreza
De Marrocos o Rei comete e ofende.
O Português, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

113

"Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arneses: bravo estrago!
Chamam (segundo as leis que ali seguiam)
Uns Mafamede, e os outros Santiago.
Os feridos com grita o Céu feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

114

"Com esforço tamanho estruí e mata
O Luso ao Granadil, que, em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa ou peito de aço.
De alcançar tal vitória tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhana,
Que pelejando está com o Mauritano.

115

"Já se ia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Tethys, e inclinado
Para o Ponente, o Véspero trazendo,
Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mauro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memória
Nunca no mundo viu tão grã vitória.

116

"Não matou a quarta parte o forte Mário
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as águas com o sangue do adversário
Fez beber ao exército sedento;
Nem o Peno asperíssimo contrário
Do Romano poder, de nascimento,
Quando tantos matou da ilustre Roma,
Que alqueires três de anéis dos mortos toma.

117

"E se tu tantas almas sÛ pudeste
Mandar ao Reino escuro de Cocito,
Quando a santa Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito:
Permiss,,o e vingança foi celeste,
E n,,o forÁa de braÁo, Û nobre Tito,
Que assim dos Vates foi profetizado,
E depois por Jesu certificado.

118

"Passada esta t,,o prÛspera vitÛria,
Tornando Afonso ‡ Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glÛria
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e dino da memÛria,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mÿsера e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.

119

"Tu sÛ, tu, puro Amor, com forÁa crua,
Que os coraÁies humanos tanto obriga,
Deste causa ‡ molesta morte sua,
Como se fora pËrfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com l·grimas tristes se mitiga,
... porque queres, ·spero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

120

"Estavas, linda InÍs, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledο e cego,
Que a fortuna n,,o deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e ‡s ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

121

"Do teu PrÍncipe ali te respondiam
As lembranÁas que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam:
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam.
E quanto enfim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memÛrias de alegria.

122

"De outras belas senhoras e Princesas
Os desejados t·lamos enjeita,
Que tudo enfim, tu, puro amor, despreza,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a fantasia
Do filho, que casar-se n,,o queria,

123

"Tirar Inís ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co'o sangue sÛ da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pÛde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

124

"Traziam-na os horríficos algozes
Ante o Rei, j· movido a piedade:
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razies, ‡ morte crua o persuade.
Ela com tristes o piedosas vozes,
Saídas sÛ da m·goa, e saudade
Do seu Príncipe, e filhos que deixava,
Que mais que a prÛpria morte a magoava,

125

"Para o CÊu cristalino alevantando
Com l·grimas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as m.,os lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos;
E depois nos meninos atentando,
Que t.,o queridos tinha, e t.,o mimosos,
Cuja orfandade como m.,e temia,
Para o avÛ cruel assim dizia:

126

--"Se j· nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aÈreas têm o intento,
Com pequenas crianÁas viu a gente
Terem t.,o piedoso sentimento,
Como coa m.,e de Nino j· mostraram,
E colos irm.,os que Roma edificaram;

127

--" tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano È matar uma donzela
Fracas e sem forÁa, sÛ por ter sujeito
O coraÁ.,o a quem soube vencê-la)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o n.,o tens ‡ morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te n.,o move a culpa que n.,o tinha.

128

--"E se, vencendo a Maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vicia com clemência
A quem para perdê-la n.,o fez erro.
Mas se to assim merece esta inocência,
Pie-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Cítia fria, ou l· na Líbia ardente,
Onde em l·grimas viva eternamente.

129

"Pie-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se neles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei:
Ali com o amor intrínseco e vontade
Naquele por quem morro, criarei
Estas relíquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da minha triste."--

130

--Morte de Inês de Castro
"Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra uma dama, ô peitos carniceros,
Feros vos amostrais, e cavaleiros?

131

"Qual contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da minha velha,
Porque a sombra de Aquiles a condena,
Co'o ferro o duro Pirro se aparelha;
Mas ela os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na mísera minha postos, que endoudece,
Ao duro sacrifício se oferece:

132

"Tais contra Inês os brutos matadores
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquele que depois a fez Rainha;
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos.

133

"Bem puderas, ô Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes,
Quando os filhos por minha de Atreu comia.
Vós, ô uncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetisses!

134

"Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das minhas lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está morta a plácida donzela,
Secas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, coa doce vida.

135

"As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memÚria eterna, em fonte pura
As l-grimas choradas transformaram;
O nome lhe puseram, que inda dura,
Dos amores de InÍs que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que l-grimas s,,o a ·gua, e o nome amores.

136

"N,,o correu muito tempo que a vinganÁa
N,,o visse Pedro das mortais feridas,
Que, em tomando do Reino a governanÁa,
A tomou dos fugidos homicidas.
Do outro Pedro cruÍssimo os alcanÁa,
Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram, duro e injusto,
Que com LÈpido e AntÚnio fez Augusto.

137

"Este, castigador foi rigoroso
De latrocínios, mortes e adultÈrios:
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigÈrios.
As cidades guardando justiÁoso
De todos os soberbos vitupÈrios,
Mais ladries castigando ‡ morte deu,
Que o vagabundo Aleides ou Teseu.

138

"Do justo e duro Pedro nasce o brando,
(Vede da natureza o desconcerto!)
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o Reino pÙs em muito aperto:
Que, vindo o Castelhana devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que um fraco Rei f az fraca a forte gente.

139

"Ou foi castigo claro do pecado
De tirar Lianor a seu marido,
E casar-se com ela, de enlevado
Num falso parecer mal entendido;
Ou foi que o coraÁ,,o sujeito e dado
Ao vÍcio vil, de quem se viu rendido,
Mole se fez e fraco; e bem parece,
Que um baixo amor os fortes enfraquece.

140

"Do pecado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deus o quis, e permitiu:
Os que foram roubar a bela Helena,
E com Apio tambÈm Tarquilio o viu.
Pois por quem David Santo se condena?
Ou quem o Tribo ilustre destruiu
De Benjamim? Bem claro no-lo ensina
Por Sara FaraÚ, SiquÈm por Dina.

141

"E pois se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em 'nfale andava transformado.
De Marco AntÚnio a faina se escurece
Com ser tanto a Cleopatra afeiÁoado.
Tu tambÈm, Peno prÚspero, o sentiste
Depois que uma moÁa vil na Ap'lia viste.

142

"Mas quem pode livrar-se por ventura
Dos laÁos que Amor arma brandamente
Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o alabastro transparente?
Quem de uma peregrina formosura,
De um vulto de Medusa propriamente,
Que o coraÁ,,o converte, que tem preso,
Em pedra n,,o, mas em desejo aceso?

143

"Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Uma suave e angÈlica excelÍncia,
Que em si est· sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ela resistÍncia?
Desculpado por certo est· Fernando,
Para quem tem de amor experiÍncia;
Mas antes, tendo livre a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

Canto Quarto

1

"Depois de procelosa tempestade,
Noturna sombra e sibilante vento,
Traz a manh,, serena claridade,
EsperanÁa de porto e salvamento;
Aparta o sol a negra escuridade,
Removendo o temor do pensamento:
Assim no Reino forte aconteceu,
Depois que o Rei Fernando faleceu.

2

"Porque, se muito os nossos desejaram
Quem os danos e ofensas v· vingando
Naqueles que t,,o bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando,
Depois de pouco tempo o alcanÁaram,
Joane, sempre ilustre, alevantando
Por Rei, como de Pedro 'nico herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

3

"Ser isto ordenaÁ,,o dos cÈus divina,
Por sinais muito claros se mostrou,
Quando em ...vora a voz de uma menina,
Ante tempo falando o nomeou;
E como cousa enfim que o CÈu destina,
No berÁo o corpo e a voz alevantou:

--"Portugal! Portugal!" alÁando a m,,o
Disse "pelo Rei novo, Dom Jo,,o."--

4

"Alteradas ent,,o do Reino as gentes
Co'o Ũdio, que ocupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor por onde vinha;
Matando v,,o amigos e parentes
Do ad'ltero Conde e da Rainha,
Com quem sua incontínÍncia desonesta
Mais (depois de vi'va) manifesta.

5

"Mas ele enfim, com causa desonrado,
Diante dela a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado,
Que tudo o fogo erguido queima e corre:
Quem, como Astian·s, precipitado,
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre,
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaÁos feito.

6

"Podem-se pŨr em longo esquecimento
As cruezas mortais que Roma viu
Feitas do feroz M·rio e do cruento
Sila, quando o contr·rio lhe fugiu.
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobriu,
Faz contra Lusit,nia vir Castela,
Dizendo ser sua filha herdeira dela.

7

"Beatriz era a filha, que casada
Co'o Castelhana est·, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lhe concede.
Com esta voz Castela alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai sucede,
Suas forÁas ajunta para as guerras
De v·rias regiies e v·rias terras.

8

Vem de toda a provÍncia que de um Brigo
(Se foi) j· teve o nome derivado;
Das terras que Fernando e que Rodrigo
Ganharam do tirano e Mauro estado.
N,,o estimam das armas o perigo
Os que cortando v,,o co'o duro arado
Os campos Lioneses, cuja gente
C'os Mouros foi nas armas excelente.

9

"Os V,ndalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeÁa de toda Andaluzia,
Que do Guadalquivir as ·guas lavam.
A nobre Ilha tambÊm se apercebia,
Que antigamente os TÍrios habitavam,

Trazendo por insígnias verdadeiras
As Herc'leas colunas nas bandeiras.

10

"Também vem l· do Reino de Toledo,
Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e ledó
Que das serras de Conca vem manando.
A v'ós outros também n.,o tolhe o medo,
" s'úrdidos Galegos, duro bando,
Que para resistirdes vos armastes,
Aqueles, cujos golpes j· provasses.

11

"Também movem da guerra as negras f'rias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razies, e que as inj'rias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guip'scua e das Ast'rias,
Que com minas de ferro se enobrece,
Armou dele os soberbos moradores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

12

"Joane, a quem do peito o esfor'Áo cresce,
Como a Sans.,o Hebr'Éio da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu Reino se aparelha;
E n.,o porque conselho lhe falece,
Co'os principais senhores se aconselha,
Mas s'Ú por ver das gentes as senten'Áas:
Que sempre houve entre muitos diferen'Áas.

13

"N.,o falta com razies quem desconcerte
Da opini.,o de todos, na vontade,
Em quem o esfor'Áo antigo se converte
Em desusada e m· deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a pr'Úpria e natural fidelidade:
Negam o Rei e a p'tria, e, se conv'Em,
Negar.,o (como Pedro) o Deus que t'ím.

14

"Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares; mas antes,
Posto que em seus irm.,os t.,o claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Aqueles duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A m.,o na espada, irado, e n.,o facundo,
Amea'Áando a terra, o mar e o mundo:

15

--"Como! Da gente ilustre Portuguesa
H·-de haver quem refuse o p'trio Marte?,
Como! Desta província, que princesa
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
H·-de sair quem negue ter defesa?
Quem negue a F'É, o amor, o esfor'Áo e arte

De Português, e por nenhum respeito
O próprio Reino queira ver sujeito?

16

--"Como! Não, os vossos inda os descendentes
Daqueles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puseram em fugida, de maneira
Que sete ilustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?

17

--"Com quem foram contínuos sopeados
Estes, de quem o estais agora vossos,
Por Dinis e seu filho, sublimados,
Senão, os vossos fortes pais, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou pecados,
Fernando em tal fraqueza assim vos pôs,
Torne-vos vossas forças o Rei novo:
Se é certo que com o Rei se muda o povo.

18

--"Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem já desbaratasses.
E se com isto enfim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vó, receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

19

--"Eu só com meus vassallos, e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem sojugada.
Em virtude do Rei, da pátria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei (não, só estes adversários)
Mas quantos a meu Rei forem contrários."--

20

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canisio, relíquias só de Canas,
Já para se entregar quase movidos
A fortuna das forças Africanas,
Cornélio moço os faz que, compelidos
Da sua espada, jurem que as Romanas
Armas não deixarão, enquanto a vida
Os não deixar, ou nelas for perdida:

21

"Destarte a gente força e esforço Nuno,
Que, com lhe ouvir as últimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações.
Nos animais cavalgam de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessias;

V,,o correndo e gritando a boca aberta:
--"Viva o famoso Rei que nos liberta!"--

22

"Das gentes populares, uns aprovam
A guerra com que a p·tria se sustinha;
Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenÁies de seus amores.

23

"Com toda esta lustrosa companhia
Joane forte sai da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambÊm da fonte fria
Do Tejo logra as ·guas abundantes.
Os primeiros armígeros regia
Quem para reger era os mui possantes
Orientais exÊrcitos, sem conto,
Com que passava Xerxes o Helesponto.

24

"Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
AÁoute de soberbos Castelhanos
Como j· o fero Huno o foi primeiro
Para Franceses, para Italianos.
Outro tambÊm famoso cavaleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mand·-los, e regí-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.

25

"E da outra ala, que a esta corresponde,
Ant,,o Vasques de Almada Ê capit,,o,
Que depois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra m,,o.
Logo na retaguarda n,,o se esconde
Das quinas e castelos o pend,,o,
Com Joane, Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preÁo vai de Alarte.

26

"Estavam pelos muros, temerosas,
E de um alegre medo quase frias,
Rezando as m,,es, irm,,s, damas e esposas,
Prometendo jejuns e romarias.
J· chegam as esquadras belicosas
Defronte das amigas companhias,
Que com grita grandíssima os recebem,
E todas grande d'vida concebem.

27

"Respondem as trombetas mensageiras,
Pífaros sibilantes e atambores;
AlfÊrezes volteam as bandeiras,
Que variadas s,,o de muitas cores.
Era no seco tempo, que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores,

Entra em Astreia o Sol, no mês de Agosto,
Baco das uvas tira o doce mosto.

28

"Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
OuvIU-o o monte Artabro, e Guadiana
Atr-s tornou as ondas de medroso;
OuvIU-o o Douro e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as m,,es, que o som terrível escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

29

"Quantos rostos ali se vêm sem cor,
Que ao coraÁ,,o acode o sangue amigo!
Que, nos perigos grandes, o temor
... maior muitas vezes que o perigo;
E se o n,,o È, parece-o; que o furor
De ofender ou vencer o duro amigo
Faz n,,o sentir que È perda grande e rara,
Dos membros corporais, da vida cara.

30

"ComeÁa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns leva a defens,,o da prÛpria terra,
Outros as esperanÁas de ganh--la;
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala:
Derriba, e encontra, e a terra enfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

31

"J· pelo espesso ar os estridentes
Farpies, setas e v·rios tiros voam;
Debaixo dos pÊs duros dos ardentes
Cavalos treme a terra, os vales soam;
EspedaÁam-se as lanÁas; e as frequentes
Quedas coas duras armas, tudo atroam;
Recrescem os amigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

32

"Eis ali seus irm,,os contra ele v,,o,
(Caso feio e cruel!) mas n,,o se espanta,
Que menos È querer matar o irm,,o,
Quem contra o Rei e a P·tria se alevanta:
Destes arrenegados muitos s,,o
No primeiro esquadr,,o, que se adianta
Contra irm,,os e parentes (caso estranho!)
Quais nas guerras civis de J'lio e Magno.

33

" tu, SertÛrio, Û nobre Coriolano,
Catilina, e vÛs outros dos antigos,
Que contra vossas p·trias, com profano
CoraÁ,,o, vos fizestes inimigos,
Se l· no reino escuro de Sumano
Receberdes gravíssimos castigos,

Dizei-lhe que também dos Portugueses
Alguns treedores houve algumas vezes.

34

"Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a eles v,,o!
Est· ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita est· o fortíssimo le,,o,
Que cercado se ví dos cavaleiros
Que os campos v,,o correr de Tetu,,o:
Perseguem-no com as lanÁas, e ele iroso,
Torvado um pouco est·, mas n,,o medroso.

35

"Com torva vista os ví, mas a natura
Ferina e a ira n,,o lhe compadecem
Que as costas dí, mas antes na espessura
Das lanÁas se arremessa, que recrescem.
Tal est· o cavaleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio; ali perecem
Alguns dos seus, que o ,nimo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

36

"Sentiu Joane a afronta que passava
Nuno, que, como s·bio capit,,o,
Tudo corria e via, e a todos dava,
Com presenÁa e palavras, coraÁ,,o.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos que no ninho sÛs est,,o,
Sentiu que, enquanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massília lhos furtara;

37

"Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete lrm,,os atroa e abala:
Tal Joane, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode ‡ primeira ala:
-"" fortes companheiros, Û subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras, que a esperanÁa
Da liberdade est· na vossa lanÁa.

38

-"Vedes-me aqui, Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanÁas, e setas, e os arneses
Dos inimigos corro e vou primeiro:
Pelejai, verdadeiros Portugueses!"--
Isto disse o magn,nimo guerreiro,
E, sopesando a lanÁa quatro vezes,
Com forÁa tira; e, deste 'nico tiro,
Muitos lanÁaram o 'ltimo suspiro.

39

"Porque eis os seus acesos novamente
Duma nobre vergonha e honroso fogo,
Sobre qual mais com ,nimo valente
Perigos vencer· do M·rcio jogo,
Porfiam: tinge o ferro o sangue ardente;
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:

Assim recebem junto e d,,o feridas,
Como a quem j· n,,o dÛi perder as vidas.

40

"A muitos mandam ver o Estlgio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
O Mestre morre ali de Santiago,
Que fortlssimamente pelejava;
Morre tambEm, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava;
Os Pereiras tambEm arrenegados
Morrem, arrenegando o CEu e os fados.

41

"Muitos tambEm do vulgo vil sem nome
V,,o, e tambEm dos nobres, ao profundo,
Onde o trifauce C,,o perpEtua fome
Tem das almas que passam deste mundo.
E porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do amigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pEs da Lusitana.

42

"Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multid,,o da gente que perece
Tem as flores da prUpria cor mudadas;
J· as costas d,,o e as vidas; j· falece
O furor e sobejam as lanÁadas;
J· de Castela o Rei desbaratado
Se ví, e de seu propUsito mudado.

43

"O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe n,,o deixar a vida.
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe d·, n,,o pEs, mas asas ‡ fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da m·goa, da desonra, e triste nojo
De ver outrem triunfar de seu despojo.

44

"Alguns v,,o maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura v,,o culpando
Do peito cobiÁoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ‡s penas do profundo,
Deixando tantas m,,es, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

45

"O vencedor Joane esteve os dias
Costumados no campo, em grande glÛria;
Com ofertas depois, e romarias,
As graÁas deu a quem lhe deu vitÛria.
Mas Nuno, que n,,o quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memÛria

Sen,,o por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

46

"Ajuda-o seu destino de maneira
Que fez igual o efeito ao pensamento,
Porque a terra dos V,ndalos fronteira
Lhe concede o despojo e o vencimento.
J· de Sevilha a BÈtica bandeira
E de v·rios senhores num momento
Se lhe derriba aos pÈs, sem ter defesa
Obrigados da forÁa Portuguesa.

47

"Destas e outras vitÙrias longamente
Eram os Castelhanos oprimidos,
Quando a paz, desejada j· da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
Depois que quis o Padre onipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
As duas ilustríssimas Inglesas,
Gentis, formosas, Inclitas princesas.

48

"N,,o sofre o peito forte, usado ‡ guerra,
N,,o ter amigo j· a quem faÁa dano;
E assim n,,o tendo a quem vencer na terra,
Vai cometer as ondas do Oceano.
Este È o primeiro Rei que se desterra
Da P·tria, por fazer que o Africano
ConheÁa, pelas armas, quanto excede
A lei de Cristo ‡ lei de Mafamede.

49

"Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Tethys inquieta
Abrindo as pandas asas v,,o ao vento,
Para onde Alcides pÙs a extrema meta.
O monte Abila e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fora, e segura toda Espanha
Da Juliana, m·, e desleal manha.

50

"N,,o consentiu a morte tantos anos
Que de HerÙi t,,o ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do CÈu supremo quis que povoasse.
Mas para defens,,o dos Lusitanos
Deixou, quem o levou quem governasse,
E aumentasse a terra mais que dantes,
Inclita geraÁ,,o, altos Infantes.

51

"N,,o foi do Rei Duarte t,,o ditoso
O tempo que ficou na suma alteza,
Que assim vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto coa tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em fortuna haver firmeza?

Pois inda neste Reino e neste Rei
N.,o ousou ela tanto desta lei.

52

"Viu ser cativo o santo irm.,o Fernando,
Que a t.,o altas empresas aspirava,
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno se entregava.
SÛ por amor da p·tria est· passando
A vida de senhora feita escrava,
Por n.,o se dar por ele a forte Ceita:
Mais o p·blico bem que o seu respeita.

53

"Codro, porque o inimigo n.,o vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
RÊgulo, porque a p·tria n.,o perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Espanha n.,o temesse,
Ao cativo eterno se convida:
Codro, nem C·rcio, ouvido por espanto,
Nem os DÊcios leais fizeram tanto.

54

"Mas Afonso, do Reino ·nico herdeiro,
Nome em armas ditoso em nossa HespÈria,
Que a soberba do b·rbaro fronteira
Tornou em baixa e humlilima misÈria,
Fora por certo invicto cavaleiro,
Se n.,o quisera ir ver a terra IbÈria.
Mas ¡frica dir· ser impossìbil
Poder ninguÈm vencer o Rei terrìbil.

55

"Este pÙde colher as maÁ.,s de ouro,
Que somente o TirIntio colher pÙde:
Do jugo que lhe pÙs, o bravo Mouro
A cerviz inda agora n.,o sacode.
Na fronte a palma leva e o verde louro
Das vitÙrias do B·rbaro, que acode
A defender Alc·cer, forte vila,
T,ngere populoso e a dura Arzila.

56

"PorÈm elas enfim por forÁa entradas,
Os muros abaixaram de diamante
As Portuguesas forÁas, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escritura dinas elegante,
Fizeram cavaleiros nesta empresa,
Mais afinando a fama Portuguesa.

57

"PorÈm depois, tocado de ambiÁ.,o
E glÙria de mandar, amara e bela,
Vai cometer Fernando de Arag.,o,
Sobre o potente Reino de Castela.
Ajunta-se a inimiga multid.,o
Das soberbas e v·rias gentes dela,

Desde Cidis ao alto Pireneu,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceu.

58

"N.,o quis ficar nos Reinos ocioso
O mancebo Joane, e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que ent.,o lhe foi ajuda n.,o pequena.
Saiu-se enfim do trance perigoso
Com fronte n.,o torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento
Mas ficou duvidoso o vencimento.

59

"Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavaleiro,
Nos contrários fazendo imenso dano,
Todo um dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antônio vencedor, sem companheiro,
Quando daqueles que César mataram
Nos Filípicas campos se vingaram.

60

"Porém depois que a escura noite eterna
Afonso aposentou no Céu sereno,
O Príncipe, que o Reino ent.,o governa,
Foi Joane segundo e Rei trezeno.
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os términos, que eu vou buscando agora.

61

"Manda seus mensageiros, que passaram
Espanha, França, Itália celebrada,
E lá no ilustre porto se embarcaram
Onde já foi Partenope enterra:
Nápoles, onde os Xados se mostraram,
Fazendo-a a várias gentes subjugada,
Pola ilustrar no fim de tantos anos
Co'o senhorio de Incultos Hispanos.

62

"Pelo mar alto Sículo navegam;
V.,o-se às praias de Rodes arenosas;
E dali às ribeiras altas chegam,
Que com morte de Magno são famosas;
V.,o a Mífnis e às terras, que se regam
Das enchentes Nilóticas undosas;
Sobem à Etiópia, sobre Egito,
Que de Cristo lá guarda o santo rito.

63

"Passam também as ondas Eritreias,
Que o povo de Israel sem nau passou;
Ficam-lhe atrás as serras Nabateias,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou.
As costas odoríferas Sabeias,
Que a mãe do belo Adônis tanto honrou,

Cercam, com toda a Ar·bia descoberta
Feliz, deixando a PÊtreia e a Deserta.

64

"Entram no estreito PÊrsico, onde dura
Da confusa Babel inda a memÛria;
Ali co'o Tigre o Eufrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por glÛria.
Dali v,,o em demanda da ·gua pura,
Que causa inda ser· de larga histÛria,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde n,,o se atreveu passar Trajano.

65

"Viram gentes incÛgnitas e estranhas
Da Ôndia, da Carm,nia e Gedrosia,
Vendo v·rios costumes, v·rias manhas,
Que cada regi,,o produz e cria.
Mas de vias t,,o ·speras, tamanhas,
Tornar-se facilmente n,,o podia:
L· morreram enfim, e l· ficaram,
Que ‡ desejada p·tria n,,o tornaram.

66

"Parece que guardava o claro CÊu
A Manuel, e seus merecimentos,
Esta empresa t,,o ·rdua, que o moveu
A subidos e ilustres movimentos:
Manuel, que a Joane sucedeu
No Reino e nos altivos pensamentos,
Logo, corno tornou do Reino o cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

67

"O qual, como do nobre pensamento
Daquela obrigaÁ,,o, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre acrescentar a terra cara)
N,,o deixasse de ser um sÛ momento
Conquistado: no tempo que a luz clara
Foge, e as estrelas nítidas, que saem,
A repouso convidam quando caem,

68

"Estando j· deitado no ·ureo leito,
Onde imaginaÁies mais certas s,,o?
Revolvendo contino no conceito
Seu ofício e sangue a obrigaÁ,,o,
Os olhos lhe ocupou o sono aceito,
Sem lhe desocupar o coraÁ,,o;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morfeu em v·rias formas lhe aparece.

69

"Aqui se lhe apresenta que subia
T,,o alto, que tocava a prima Esfera,
Donde diante v·rios mundos via,
NaÁies de muita gente estranha e fera;
E l· bem junto donde nasce o dia,
Depois que os olhos longos estendera,

Viu de antigos, longínquos e altos montes
Nascerem duas claras e altas fontes.

70

"Aves agrestes, feras e alimórias,
Pelo monte selvático habitavam;
Mil árvores silvestres e ervas várias
O passo e o tracto às gentes atalhavam.
Estas duras montanhas, adversórias
De mais conversaão, por si mostravam
Que, desde Adão, pecou aos nossos anos,
Nas as romperam nunca pões humanos.

71

"Das águas se lhe antolha que saiam,
Para ele os largos passos inclinando,
Dois homens, que mui velhos pareciam,
De aspecto, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabelos lhe caíam
Gotas, que o corpo vão, banhando;
A cor da pele branca e denegrida,
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

72

"Dambos de dois a fronte coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha;
Um deles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe ali caminha.
E assim a água, com ímpeto alterada,
Parecia que doutra parte vinha,
Bem como Alfeu de Arcádia em Siracusa
Vai buscar os abraços de Aretusa.

73

"Este, que era o mais grave na pessoa,
Destarte para o Rei de longe brada:
--" tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cujá cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

74

--"Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro;
Estoutro é o Indo Rei que, nesta serra
Que vís, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-emos contudo dura guerra;
Mas insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio,
A quantas gentes vís, por o freio."--

75

"Não, disse mais o rio ilustre e santo,
Mas ambos desaparecem num momento.
Acorda Emanuel c'um novo espanto
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Febo o claro manto
Pelo escuro Hemisfério sonolento;

Veio a manh,, no cEu pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores.

76

"Chama o Rei os senhores a conselho,
E propie-lhe as figuras da vis,,o;
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos foram grande admiraÁ,,o.
Determinam o n·utico aparelho,
Para que com sublime coraÁ,,o
V· a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

77

"Eu, que bem mal cuidava que em efeito
Se pusesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste jeito
Pressago o coraÁ,,o me prometia,
N,,o sei por que raz,,o, por que respeito,
Ou por que bom sinal que em mi se via,
Me pie o Inclito Rei nas m,,os a chave
Deste cometimento grande e grave.

78

"E com rogo o palavras amorosas,
Que È um mando nos Reis, que a mais obriga,
Me disse:--"As cousas ·rduas e lustrosas
Se alcanÁam com trabalho e com fadiga;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga;
Que, quando ao medo infame n,,o se rende,
Ent,,o, se menos dura, mais se estende.

79

--"Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empresa, qual a vÛs se deve,
Trabalho ilustre, duro e esclarecido,
O que eu sei que por mi vos ser· leve."--
N,,o sofri mais, mas logo:--"" Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
... t,,o pouco por vÛs, que mais me pena
Ser esta vida cousa t,,o pequena.

80

--"Imaginaí tamanhas aventuras,
Quais Euristeu a Alcides inventava,
O le,,o Cleoneu, Harpías duras,
O porco de Erimanto, a Hidra brava,
Descer enfim ‡s sombras v,,s e escuras
Onde os campos de Dite a Estige lava;
Porque a maior perigo, a mor afronta,
Por vÛs, Û Rei, o esp·rito e a carne È pronta."

81

"Com mercís sumptuosas me agradece
E com razies me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e cresce,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se oferece,
Obrigado d'amor e d'amizade,

Não menos covarde de honra e fama,
O caro meu irmão, o Paulo da Gama.

82

"Mais se me ajunta Nicolau Coelho,
De trabalhos mui grande sofredor;
Ambos são de valia e de conselho,
De experiência em armas e furor.
Já de manceba gente me aparelho,
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assim parece
Quem a tantas cousas se oferece.

83

"Foram de Emanuel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos sucedessem.
Assim foram os mínimos ajuntados,
Para que o Veu dourado combatessem,
Na fatídica Nau, que ousou primeira
Tentar o mar Eúlio, aventureira.

84

"E já no porto da Íclita Ulisseia
C'um alvoroço nobre, e é um desejo,
(Onde o licor mistura e branca areia
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naus prestes estão; e não refreia
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente marítima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

85

"Pelas praias vestidos os soldados
De várias cores vêm e várias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Para buscar do inundo novas partes.
Nas fortes naus os ventos sossegados
Ondeam os aéreos estandartes;
Elas prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olimpo estrelas como a de Argos.

86

"Depois de aparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhamos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o sumo Poder que a etérea corte
Sustenta só coa vista veneranda,
Imploramos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

87

"Partimo-nos assim do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, Ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,

Cheio dentro de d'vida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

88

"A gente da cidade aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudosos na vista e descontentes.
E n'Us coa virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em prociss.,o solene a Deus orando,
Para os bat'Es viemos caminhando.

89

"Em t.,o longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres c'um choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam;
M.,es, esposas, irm.,s, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperar.,o, e frio medo
De j- nos n.,o tornar a ver t.,o cedo.

90

"Qual vai dizendo:--"" filho, a quem eu tinha
S'U para refrig'Èrio, e doce amparo
Desta cansada j- velhice minha,
Que em choro acabar., penoso e amaro,
Por que me deixas, m'isera e mesquinha?
Por que de mim te v-s, 'U filho caro,
A fazer o fun'Èreo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento!"--

91

"Qual em cabelo:--"" doce e amado esposo,
Sem quem n.,o quis Amor que viver possa,
Por que is aventurar ao mar iroso
Essa vida que 'È minha, e n.,o 'È vossa?
Como por um caminho duvidoso
Vos esquece a afei'Á.,o t.,o doce nossa?
Nosso amor, nosso v.,o contentamento
Quereis que com as velas leve o vento?"--

92

"Nestas e outras palavras que diziam
De amor e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos os seguiam,
Em quem menos esfor'Áo pie a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quase movidos de alta piedade;
A branca areia as l-grimas banhavam,
Que em multid.,o com elas se igualavam.

93

"N'Us outros sem a vista alevantarmos
Nem a m.,e, nem a esposa, neste estado,
Por nos n.,o magoarmos, ou mudarmos
Do prop'Usito firme come'Áado,
Determinei de assim nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,

Que, posto que È de amor usanÁa boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

94

"Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nŮs os olhos, meneando
Trís vezes a cabeÁa, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nŮs no mar ouvimos claramente,
C'um saber sŮ de experiŷncias feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

95

--" glŮria de mandar! " v,, cobiÁa
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
" fraudulento gosto, que se atiÁa
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiÁa
Fazes no peito v,,o que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

96

--"Dura inquietaÁ,,o d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultĚrios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impĚrios:
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupĚrios;
Chamam-te Fama e GlŮria soberana,
Nomes com quem se o povo nĚscio engana!

97

--"A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe far-s t,,o facilmente?
Que famas lhe prometer-s? que histŮrias?
Que triunfos, que palmas, que vitŮrias?

98

--"Mas Ů tu, geraÁ,,o daquele insano,
Cujo pecado e desobediŷncia,
N,,o somente do reino soberano
Te pŮs neste desterro e triste ausŷncia,
Mas inda doutro estado mais que humano
Da quieta e da simples inocŷncia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d'armas te deitou:

99

--"J· que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantasia,
J· que ‡ bruta crueza e feridade
Puseste nome esforÁo e valentia,
J· que prezas em tanta quantidades
O desprezo da vida, que devia

De ser sempre estimada, pois que j·
Temeu tanto perdÍ-la quem a d·:

100

--"N„o tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre ter·s guerras sobejas?
N„o segue ele do Ar·bio a lei maldita,
Se tu pela de Cristo sÛ pelejas?
N„o tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
N„o È ele por armas esforÁado,
Se queres por vitÛrias ser louvado?

101

--"Deixas criar ‡s portas o inimigo,
Por ires buscar outro de t„o longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueÁa e se v· deitando a longe?
Buscas o incerto e incÛgnito perigo
Por que a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga cÛpia,
Da Õndia, PËrsia, Ar·bia e de EtiÛpia?

102

--"” maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas pÛs em seco lenho,
Dino da eterna pena do profundo,
Se È justa a justa lei, que sigo e tenho!
Nunca julzo algum alto e profundo,
Nem cltara sonora, ou vivo engenho,
Te dí por isso fama nem memÛria,
Mas contigo se acabe o nome e glÛria.

103

--"Trouxe o filho de J·peto do CËu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu
Em mortes, em desonras (grande engano).
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua est·tua ilustre n„o tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

104

--"N„o cometera o moÁo miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande Arquitecto co'o filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, ·gua, calma e frio,
Deixa intentado a humana geraÁ„o.
MÍsera sorte, estranha condiÁ„o!"--

Canto Quinto

1

"Estas sentenÁas tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.

E, como È j· no mar costume usado,
A vela desfraldando, o cÈu ferimos,
Dizendo: "Boa viagem", logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

2

"Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento,
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo e lento:
Nela ví, como tinha por costume,
Cursos do sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

3

"J· a vista pouco e pouco se desterra
Daqueles p·trios montes que ficavam;
Ficava o caro Tejo, e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambÈm na amada terra
O coraÁ,,o, que as m·goas l· deixavam;
E j· depois que toda se escondeu,
N,,o vimos mais enfim que mar e cÈu.

4

"Assim fomos abrindo aqueles mares,
Que geraÁ,,o alguma n,,o abriu,
As novas ilhas vendo e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobriu;
De Maurit,nia os montes e lugares,
Terra que Anteu num tempo possuiu,
Deixando ‡ m,,o esquerda; que ‡ direita
N,,o h· certeza doutra, mas suspeita.

5

"Passamos a grande Ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assim se chama,
Das que nÙs povoamos, a primeira,
Mais cÈlebre por nome que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe aventajam quantas VÈnus ama,
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cipro, Gnido, Pafos e Citera.

6

"Deixamos de Massìlia a estÈril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam,
Gente que as frescas ·guas nunca gosta
Nem as ervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fruto enfim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inÙpia,
Que aparta a Barbaria de EtiÙpia.

7

"Passamos o limite aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos a quem nega
O filho de Climene a cor do dia.

Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanag· a corrente fria,
Onde o Cabo Arsin·rio o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

8

"Passadas tendo j· as Can·rias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entramos, navegando, pelas filhas
Do velho HespÈrio, HespÈrides chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo j· nossas armadas.
Ali tomamos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

9

"Aquele ilha apartamos, que tomou
O nome do guerreiro Santiago,
Santo que os EspanhÔis tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que BÔreas nos ventou,
Tornamos a cortar o imenso lago
Do salgado Oceano, e assim deixamos
A terra onde o refresco doce achamos.

10

"Por aqui rodeando a larga parte
De jfrica, que ficava ao Oriente,
A província Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logramos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambeia as ·guas bebe,
As quais o largo Atlântico recebe.

11

"As DÔrcadas passamos, povoadas
Das Irmãs, que outro tempo ali viviam,
Que de vista total sendo privadas,
Todas trís dum sÔ olho se serviam.
Tu sÔ, tu, cujas tranças encrespadas
Netuno l· nas ·guas acendiam,
Tornada j· de todas a mais feia,
De bôvoras encheste a ardente areia.

12

"Sempre enfim para o Austro a aguda proa
No grandíssimo gÔlf,,o nos metemos,
Deixando a serra aspÈrrima Leoa,
Co'o cabo a quem das Palmas nome demos.
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas que ali temos,
Ficou, com a Ilha ilustre que tomou
O nome dum que o lado a Deus tocou.

13

"Ali o mui grande reino est· de Congo,
Por nÔs j· convertido ‡ fÊ de Cristo,
Por onde o Zaire passa, claro e longo,
Rio pelos antigos nunca visto.

Por este largo mar enfim me alongo
Do conhecido pÙlo de Calisto,
Tendo o tÈrmino ardente j- passado,
Onde o meio do mundo È limitado.

14

"J- descoberto tìnhamos diante,
L- no novo HemisfÈrio, nova estrela,
N,,o vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta dela.
Vimos a parte menos rutilante,
E, por falta de estrelas, menos bela,
Do PÙlo fixo, onde ainda se n,,o sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

15

"Assim passando aquelas regiies
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dois invernos fazendo e dois veries,
Enquanto corre dum ao outro PÙlo,
Por calmas, por tormentas e opressies,
Que sempre f az no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, apesar de Juno,
Banharem-se nas ·guas de Netuno.

16

"Contar-te longamente as perigosas
Coisas do mar, que os homens n,,o entendem:
S'·bitas trovoadas temerosas,
Rel,mpados que o ar em fogo acendem,
Negros chuviros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovies que o mundo fendem,
N,,o menos È trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

17

"Os casos vi que os rudos marinheiros,
Que tìm por mestra a longa experiÍncia,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas sÙ pela aparÍncia,
E que os que tìm julzos mais inteiros,
Que sÙ por puro engenho e por ciÍncia,
Viem do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

18

"Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a marítima gente tem por santo
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
N,,o menos foi a todos excessivo
Milagre, e coisa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar com largo cano
Sorver as altas ·guas do Oceano.

19

"Eu o vi certamente (e n,,o presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se:

Daqui levado um cano ao pŭlo sumo
Se via, t„o delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente n„o podia:
Da matĒria das nuvens parecia.

20

"Ia-se pouco e pouco acrescentando
E mais que um largo masto se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de „gua em si chupava;
Estava-se coas ondas ondeando:
Em cima dele uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'„gua em si tomada.

21

"Qual roxa sanguessuga se veria
Nos beiĀos da alim„ria (que imprudente,
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sede ardente;
Chupando mais e mais se engrossa e cria,
Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta
A si, e a nuvem negra que sustenta.

22

"Mas depois que de todo se fartou,
O pŭ que tem no mar a si recolhe,
E pelo cĒu chovendo enfim voou,
Porque coa „gua a jacente „gua molhe:
As ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os s„bios na escritura,
Que segredos s„o estes de Natura.

23

"Se os antigos filŭsofos, que andaram
Tantas terras, por ver segredos delas,
As maravilhas que eu passei, passaram,
A t„o diversos ventos dando as velas,
Que grandes escrituras que deixaram!
Que influiĀ„o de signos e de estrelas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

24

"Mas j„ o Planeta que no cĒu primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,
Quando da etĒrea g„vea um marinheiro,
Pronto coa vista, "Terra! Terra!" brada.
Salta no bordo alvoroĀada a gente
Co'os olhos no horizonte do Oriente.

25

"A maneira de nuvens se comeĀam
A descobrir os montes que enxergamos;
As „ncoras pesadas se adereĀam;
As velas, j„ chegados, amainamos.

E para que mais certas se conheÁam
As partes t„o remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrol·bio,
InvenÁ„o de subtil juízo e s·bio,

26

"Desembarcamos logo na espaÁosa,
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver eousas estranhas desejosa
Da terra que outro povo n„o pisou;
PorÊm eu co'os pilotos na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura
E compassar a universal pintura.

27

"Achamos ter de todo j· passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre ele e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis, de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir de pele preta,
Que tomaram por forÁa, enquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

28

"Torvado vem na vista, como aquele
Que n„o se vira nunca em tal extremo;
Nem ele entende a nÛs, nem nÛs a ele,
Selvagem mais que o bruto Polifemo.
ComeÁo-lhe a mostrar da rica pelo
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.

29

"Mando mostrar-lhe peÁas mais somenos:
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascavÊis pequenos,
Um barrete vermelho, cor contente.
Vi logo, por sinais e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente.
Mando-o soltar com tudo, e assim caminha
Para a povoaÁ„o que perto tinha.

30

"Mas logo ao outro dia, seus parceiros,
Todos nus, e da cor da escura treva,
Descendo pelos ·speros outeiros,
As peÁas vÍm buscar que estoutro leva:
DomÊsticos j· tanto e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fern„o Veloso a ir ver da terra o trato
E partir-se com eles pelo mato.

31

"... Veloso no braÁo confiado,
E de arrogante crÍ que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaÁo j· passado,
Em que algum bom sinal saber procuro,

Estando, a vista alÁada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monto duro
Aparece, e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora, vinha.

32

"O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas, antes que chegasse,
Um Etlope ousado se arremessa
A ele, por que n.,o se lhe escapasse;
Outro e outro lhe saem; ví-se em pressa
Veloso, sem que alguÊm lhe ali ajudasse;
Acudo eu logo, e enquanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro descoberto.

33

"Da espessa nuvem setas e pedradas
Chovem sobre nÔs outros sem medida;
E n.,o foram ao vento em v.,o deitadas,
Que esta perna trouxe eu dali ferida;
Mas nÔs, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos t.,o tecida,
Que, em mais que nos barretes, se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita.

34

"E sendo j., Veloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malícia feia e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da Índia desejada
Que estarmos ainda muito longe dela;
E assim tornei a dar ao vento a vela.

35

"Disse ent.,o a Veloso um companheiro
(ComeÁando-se todos a sorrir)
-"I., Veloso amigo, aquele outeiro
... melhor de descer que de subir."
--"Sim, Ê, (responde o ousado aventureiro)
Mas quando eu para c. vi tantos vir
Daqueles c.,es, depressa um pouco vim,
Por me lembrar que est·veis c. sem

36

"Contou ent.,o que, tanto que passaram
Aquele monte, os negros de quem falo,
Avante mais passar o n.,o deixaram,
Querendo, se n.,o torna, ali mat--lo;
E tornando-se, logo se emboscaram,
Por que, saindo nÔs para tom--lo,
Nos pudessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

37

"PorÊm j. cinco SÔis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca doutrem navegados,
PrÔsperamente os ventos assoprando,

Quando uma noite estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças aparece.

38

"T, o temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo o negro mar, de longe brada
Como se desse em v, o nalgum rochedo.
--" Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?"--

39

"N, o acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e v-lida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esqui-lida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e m-, e a cor terrena e p-lida,
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

40

"T, o grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo:
Com um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabelo
A mi e a todos, s' de ouvi-lo e ví-lo.

41

"E disse:--" gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos v, os nunca repousas,
Pois os vedados t'êrminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo h- j- que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou pr'óprio lenho:

42

--"Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do 'mido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mim, que apercebidos
Est, o a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pela terra,
Que ainda h-s de sojugar com dura guerra.

43

--"Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga ter, o esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas.

E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mor o dano que o perigo.

44

--"Aqui espero tomar, se n.,o me engano,
De quem me descobriu, suma vinganÁa.
E n.,o se acabar· sÛ nisto o dano
Da vossa pertinace confianÁa;
Antes em vossas naus vereis cada ano,
Se È verdade o que meu julzo alcanÁa,
Nauf·gios, perdiÁies de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

45

--"... do primeiro llustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os CËus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por julzos incÛgnitos de Deus.
Aqui por· da Turca armada dura
Os soberbos e prÛsperos trofËus;
Comigo de seus danos o ameaÁa
A destruída Quíloa com MombaÁa.

46

--"Outro tambËm vir· de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trar· a formosa dama
Que Amor por gr., mercí lhe ter· dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixar· dum cru naufr·gio vivos
Para verem trabalhos excessivos.

47

--"Ver.,o morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Ver.,o os Cafres ·speros e avaros
Tirar ‡ linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e perclaros
A calma, ao frio, ao ar ver.,o despidos,
Depois de ter pisada longamente
Co'os delicados pËs a areia ardente.

48

--"E ver.,o mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes mīseros ficarem
Na fËrvida e implac·vel espessura.
Ali, depois que as pedras abrandarem
Com l·grimas de dor, de m·goa pura,
AbraÁados as almas soltar.,o
Da formosa e misËrrima pris.,o."--

49

"Mais ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alÁado
Lhe disse eu:--Quem Ès tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado.--

A boca e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:

50

--"Eu sou aquele oculto e grande Cabo,
A quem chamais vûs outros Tormentûrio,
Que nunca a Ptolomeu, Pompûnio, Estrabo,
Plínio, e quantos passaram, fui notûrio.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontûrio,
Que para o Pûlo Antartico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende.

51

--"Fui dos filhos aspèrrimos da Terra,
Qual Encêlado, Egeu e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;
N,,o que pusesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capit,,o do mar, por onde andava
A armada de Netuno, que eu buscava.

52

--"Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empresa.
Todas as Deusas desprezei do cÊu,
Sû por amar das guas a princesa.
Um dia a vi coas filhas de Nereu
Sair nua na praia, e logo presa
A vontade senti de tal maneira
Que ainda n,,o sinto coisa que mais queira.

53

--"Como fosse impossível alcanÁ-la
Pela grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tom-la,
E a Doris este caso manifesto.
De medo a Deusa ent,,o por mim lhe fala;
Mas ela, com um formoso riso honesto,
Respondeu:--"Qual ser o amor bastante
De Ninfa que sustente o dum Gigante?

54

--"Contudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que, com minha honra, escuse o dano."
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu, que cair n,,o pude neste engano,
(Que É grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abundanÁas
O peito de desejos e esperanÁas.

55

--"J· nÊscio, j· da guerra desistindo,
Uma noite de Dûris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Têtis nica despida:

Como doido corri de longe, abrindo
Os braços, para aquela que era vida
Deste corpo, e começo os olhos belos
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

56

--" que n, o sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei com um duro monte
De spero mato e de espessura brava.
Estando com um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angélico apertava
N, o fiquei homem n, o, mas mudo e quedo,
E junto dum penedo outro penedo.

57

--" Ninfa, a mais formosa do Oceano,
J. que minha presença n, o te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
Daqui me parto irado, e quase insano
Da m. goa e da desonra ali passada,
A buscar outro inundo, onde n, o visse,
Quem de meu pranto e de meu mal se risse,

58

--"Eram j. neste tempo meus irm, os
Vencidos e em miséria extrema postos;
E por mais segurar-se os Deuses v, os,
Alguns a v. rios montes sotopostos:
E como contra o Céu n, o valem m, os,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado inimigo
Por meus atrevimentos o castigo.

59

--"Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram,
Estes membros que vís e esta figura
Por estas longas .guas se estenderam;
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os Deuses, e por mais dobradas m. goas,
Me anda Tétis cercando destas .guas."--

60

"Assim contava, e com um medonho choro
S'bito diante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e com um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as m, os ao santo coro
Dos anjos, que t, o longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

61

"J. Flegon e Pirêis vinham tirando
Com os outros dois o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o gr, o Gigante.

Ao longo desta costa, comeando
J. de cortar as ondas do Levante,
Por ela abaixo um pouco navegamos,
Onde segunda vez terra tomamos.

62

"A gente que esta terra possuía,
Posto que todos Etíopes eram,
Mais humana no trato parecia
Que os outros, que t.,o mal nos receberam.
Com bailos e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nUs vieram,
As mulheres consigo e o manso gado
Que apascentavam, gordo e bem criado.

63

"As mulheres queimadas víam em cima
Dos vagarosos bois, ali sentadas,
Animais que eles têm em mais estima
Que todo o outro gado das manadas.
Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,
Na sua língua cantam concertadas
Com o doce som das rísticas avenas,
Imitando de Tíro as Camenas.

64

"Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos galinhas e carneiros,
A troco doutras peÁas, que levaram.
Mas como nunca enfim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcanÁaram
Que desse algum sinal do que buscamos,
As velas dando, as ,ncoras levamos.

65

"J. aqui tínhamos dado um gr., rodeio
A costa negra de África, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do Céu, e o pólo Antártico ficava:
Aquele ilhéu deixamos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentário cabo, e descoberto,
Naquele ilhéu fez seu limite certo.

66

Daqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanÁas,
No largo mar fazendo novas vias,
SÚ conduzidos de rduas esperanÁas.
Colo mar um tempo andamos em porfias,
Que, como tudo nele s.,o mudanÁas.
Corrente nele achamos t.,o possante
Que passar n.,o deixava por diante.

67

"Era maior a forÁa em demasia,
Segundo para tr-s nos obrigava,
Do mar, que contra nUs ali corria,
Que por nUs a do vento que assoprava.

Injuriado Noto da porfia
Em que colo mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforÁa iradamente,
Com que nos fez vencer a gr„o corrente.

68

"Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que trís Reis das partes do Oriente
Foram buscar um Rei de pouco nado,
No qual Rei outros trís h· juntamente.
Neste dia outro porto foi tomado
Por nŮs, da mesma j· contada gente,
Num largo rio, ao qual o no e demos
Do dia, em que por ele nos metemos.

69

"Desta gente refresco algum tomamos,
E do rio fresca ·gua; mas contudo
Nenhum sinal aqui da Ōndia achamos
No Povo, com nŮs outros quase mudo.
Ora ví, Rei, que tamanha terra andamos,
Sem sair nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova nem sinal
Da desejada parte Oriental.

70

"Ora imagina agora coitados
Andaríamos todos, perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares n„o sabidos,
E do esperar comprido t„o cansados,
Quanto a desesperar j· compelidos,
Por cŔus n„o naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

71

"Corrupto j· e danado o mantimento,
Danoso e mau ao fraco corpo humano,
E alŔm disso nenhum contentamento,
Que sequer da esperanÁa fosse engano.
Crís tu que, se este nosso ajuntamento
De soldados n„o fora Lusitano,
Que durara ele tanto obediente
Por ventura a seu Rei e a seu regente?

72

"Crís tu que j· n„o foram levantados
Contra seu Capit„o, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperaÁ„o, de fome, de ira?
Grandemente, por certo, est„o provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquela Portuguesa alta excelŔncia
De lealdade firme, e obediŔncia.

73

"Deixando o porto enfim do doce rio
E tornando a cortar a ·gua salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pego toda a armada;

Porque, ventando Noto manso e frio,
N.,o nos apanhasse a ·gua da enseada,
Que a costa faz ali daquela banda
Donde a rica Sofala o ouro manda.

74

"Esta passada, logo o leve leme
Encomendado ao sacro Nicolau,
Para onde o mar na costa brada e geme,
A proa inclina duma e doutra nau;
Quando indo o coraÁ.,o que espera e teme
E que tanto fiou dum fraco pau
Do que esperava j· desesperado,
Foi duma novidade alvoroÁado

75

"E foi que, estando j· da costa perto,
Onde as praias e vales bem se viam,
Num rio, que ali sai ao mar aberto,
BatÊis ‡ vela entravam e saíam.
Alegria muito grande foi por certo
Acharmos j· pessoas que sabiam
Navegar, porque entre elas esperamos
De achar novas algumas, como achamos.

76

"Etíopes s.,o todos, mas parece
Que com gente melhor comunicavam;
Palavra alguma Ar·bia se conhece
Entre a linguagem sua que falavam;
E com pano delgado, que se tece
De algod.,o, as cabeÁas apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada um as vergonhosas partes cinge.

77

"Pela Ar·bica língua, que mal falam,
E que Fern.,o Martins muito bem entende,
Dizem que por naus, que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende;
Mas que l· donde sai o Sol, se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul para o Sol, terra onde havia
Gente, assim como nŮs, da cor do dia.

78

"Muito grandemente aqui nos alegramos
Com a gente, e com as novas muito mais:
Pelos sinais que neste rio achamos
O nome lhe ficou dos Bons Sinais.
Um padr.,o nesta terra alevantamos,
Que, para assinalar lugares tais,
Trazia alguns; o nome tem do belo
Guiador de Tobias a Gabelo.

79

"Aqui de limos, cascas e d'ostrinhos,
Nojosa criaÁ.,o das ·guas fundas,
Alimpamos as naus, que dos caminhos
Longos do mar, vím sŮrdidas e imundas.

Dos hóspedes que tínhamos vizinhos,
Com mostras aprazíveis e jocundas,
louvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

80

"Mas não foi, da esperança grande e imensa
Que nesta terra havemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Ramnísia com nova desventura.
Assim no céu sereno se dispensa:
Com esta condição, o pesada e dura
Nascemos: o pesar tem firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

81

"E foi que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haver que, sem o ver, o creia?
Que tão disformemente ali lhe incharam
As gengivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

82

"--Apodrecia com um fétido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionava;
Não tínhamos ali médico astuto,
Cirurgi, o subtil menos se achava;
Mas qualquer, neste ofício pouco instructo,
Pela carne já podre assim cortava
Como se fora morta, e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

83

"Enfim que nesta incógnita espessura
Deixamos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho e em tanta desventura
Foram sempre conosco aventureiros.
Quão fácil é ao corpo a sepultura!
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros
Estranhos, assim mesmo como aos nossos,
Receber, o de todo o ilustre os ossos.

84

"Assim que, deste porto nos partirmos
Com maior esperança e maior tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrirmos
Buscando algum sinal de mais firmeza.
Na dura Moambique enfim surgimos,
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganosa
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

85

"Até que aqui no teu seguro porto,
Cujas brandura e doce tratamento
Darás saúde a um vivo, e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento.

Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos deste: e vís aqui, se atento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

86

"Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crís tu que tanto Eneias e o facundo
Ulisses pelo inundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que dele se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço e de arte,
E do que ainda hei de ver, a oitava parte?

87

"Esse que bebeu tanto da água Aúnia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rodes, Smirna e Colofônia,
Atenas, Ios, Argo e Salamina:
Esse outro que esclarece toda Ausônia,
A cuja voz altíssima e divina
Ouvindo, o pátrio Mêncio se adormece,
Mas o Tibre, com o som se ensoberbece;

88

Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus Semideuses, e encareçam,
Fingindo Magis Circes, Polifemos,
Sirenas que com o canto os adormeçam;
Dêem-lhe mais navegar que vela e remos
Os Cicones, e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o Loto;
Dêem-lhe perder nas águas o piloto;

89

"Ventos soltos lhe finjam, e imaginem
Dos odres e Calipsos namoradas;
Harpíias que o manjar lhe contaminem;
Descer as sombras nuas já passadas:
Que por muito e por muito que se afinem
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto nua e pura
Vence toda grandiloquência escrita."

90

Da boca do facundo Capitão,
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deu fim a longa narração,
Dos altos feitos grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração,
Dos Reis em tantas guerras conhecidos;
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade de ânimo e nobreza.

91

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou;
Nenhum deles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou.

Mas j· o mancebo DÈlio as rÈdeas vira
Que o irm.,o de LampÈcia mal guiou,
Por vir a descansar nos TÈtios braÁos;
E el-Rei se vai do mar aos nobres paÁos.

92

Qu.,o doce È o louvor e a justa glÙria
Dos prÙprios feitos, quando s.,o soados!
Qualquer nobre trabalha que em memÙria
VenÁa ou iguale os grandes j· passados.
As invejas da ilustre e alheia histÙria
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

93

N.,o tinha em tanto os feitos gloriosos
De Aquiles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso sÙ louva, isso deseja.
Os trofÈus de Melciades famosos
TemÌstoeles despertam sÙ de inveja,
E diz que nada tanto o deleitava
Como a voz que seus feitos celebrava.

94

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegaÁies que o mundo canta
N.,o merecem tamanha glÙria e fama
Como a sua, que o cÈu e a terra espanta.
Si; mas aquele HerÙi, que estima e ama
Com dons, mercís, favores e honra tanta
A lira Mantuana, faz que soe
Eneias, e a Romana glÙria voe.

95

D· a terra lusitana Cipiies,
CÈsares, Alexandros, e d· Augustos;
Mas n.,o lhe d· contudo aqueles dois
Cuja falta os faz duros e robustos.
Oct·vio, entre as maiores opressies,
Compunha versos doutos e venustos.
N.,o dir· F'lvia certo que È mentira,
Quando a deixava AntÙnio por Glafira,

96

Vai CÈsar, sojugando toda FranÁa,
E as armas n.,o lhe impedem a ciÍncia;
Mas, numa m.,o a pena e noutra a lanÁa,
Igualava de Cícero a eloquÍncia.
O que de Cipi.,o se sabe e alcanÁa,
... nas comÈdias grande experiÍncia.
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe ‡ cabeceira.

97

Enfim, n.,o houve forte capit.,o,
Que n.,o fosse tambÈm douto e ciente,
Da L·cia, Grega, ou B·rbara naÁ.,o,
Sen.,o da Portuguesa t.,o somente.

Sem vergonha o n.,o digo, que a raz.,o
De algum n.,o ser por versos excelente,
... n.,o se ver prezado o verso e rima,
Porque, quem n.,o sabe arte, n.,o na estima.

98

Por isso, e n.,o por falta de natura,
N.,o h· tambÈm Virgllios nem Homeros;
Nem haver·, se este costume dura,
Pios Eneias, nem Aquiles feros.
Mas o pior de tudo È que a ventura
T.,o ·speros os fez, e t.,o austeros,
T.,o rudos, e de engenho t.,o remisso,
Que a muitos lhe d· pouco, ou nada disso.

99

As Musas agradeÁa o nosso Gama
o Muito amor da P·tria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome e fama
De toda a ilustro e bÈlica fadiga:
Que ele, nem quem na estirpe seu se chama,
Callope n.,o tem por t.,o amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas douro fino, e que o cantassem.

100

Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, È somente o pressuposto
Das T·gides gentis, e seu respeito.
PorÈm n.,o deixe enfim de ter disposto
NinguÈm a grandes obras sempre o peito,
Que por esta, ou por outra qualquer via,
N.,o perder· seu preÁo, e sua valia.

Canto Sexto

1

N.,o sabia em que modo festejasse
O Rei Pag.,o os fortes navegantes,
Para que as amizades alcanÁasse
Do Rei Crist.,o, das gentes t.,o possantes;
Pesa-lhe que t.,o longe o aposentasse
Das EuropÈias terras abundantes
A ventura, que n.,o no fez vizinho
Donde HÈrcules ao mar abriu caminho.

2

Com jogos, danÁas e outras alegrias,
A segundo a polÍcia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia AntÚnio alegre e engana
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com frutas, aves, carnes e pescados.

3

Mas vendo o Capit.,o que se detinha
J· mais do que devia, e o fresco vento

O convida que parta e tome asinha
Os pilotos da terra e mantimento,
N.,o se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento;
J· do Pag.,o benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

4

Pede-lhe mais que aquele porto seja
Sempre com suas frotas visitado,
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a tais baries seu reino e estado;
E que enquanto seu corpo o espírito reja,
Estar de contino aparelhado
A pÙr a vida e reino totalmente
Por t.,o bom Rei, por t.,o sublime gente.

5

Outras palavras tais lhe respondia
O Capit.,o, o logo as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo h· j· que vai buscando.
No piloto que leva n.,o havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegaÁ.,o certa, e assim caminha
J· mais seguro do que dantes vinha.

6

As ondas navegavam do Oriente
J· nos mares da Õndia, e enxergavam
Os t·lamos do Sol, que nasce ardente;
J· quase seus desejos se acabavam.
Mas o mau de Tioneu, que na alma sente
As venturas, que ent.,o se aparelhavam
A gente Lusitana, delas dina,
Arde, morre, blasfema e desatina.

7

Via estar todo o CÈu determinado
De fazer de Lisboa nova Roma;
N.,o no pode estorvar, que destinado
Est· doutro poder que tudo doma.
Do Olimpo desce enfim desesperado;
Novo remÈdio em terra busca e toma:
Entra no 'mido reino, e vai-se ‡ corte
Daquele a quem o mar caiu em sorte.

8

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
L· donde as ondas saem furibundas,
Quando ‡s iras do vento o mar responde,
Netuno mora, e moram as jocundas
Nereidas, e outros Deuses do mar, onde
As ·guas campo deixam ‡s cidades,
Que habitam estas 'midas deidades.

9

Descobre o fundo nunca descoberto
Das areias ali de prata fina;

Torres altas se vêm no campo aberto
Da transparente massa cristalina:
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se É cristal o que ví, se diamante,
Que assim se mostra claro e radiante.

10

As portas douro fino, e marchetadas
Do rico aljôfar que nas conchas nasce,
De escultura formosa est,,o lavradas,
Na qual o irado Baco a vista pasce;
E ví primeiro em cores variadas
Do velho Caos a t,,o confusa face;
Vém-se os quatro elementos trasladados
Em diversos ofícios ocupados.

11

Ali sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma matéria se sustinha;
Daqui as coisas vivas sempre anima,
Depois que Prometeu furtado o tinha.
Logo após ele leve se sublima
O invisível Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente ou f rio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

12

Estava a terra em montes revestida
De verdes ervas, e rvores floridas,
Dando pasto diverso e dando vida
As alim·rias nela produzidas.
A clara forma ali estava esculpida
Das ·guas entre a terra desparzidas,
De pescados criando v·rios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

13

Noutra parte esculpida estava a guerra,
Que tiveram os Deuses com os Gigantes;
Est· Tifeu debaixo da alta serra
De Etna, que as flamas lanÁa crepitantes;
Esculpido se ví ferindo a terra
Netuno, quando as gentes ignorantes
Dele o cavalo houveram, e a primeira
De Minerva pacífica oliveira.

14

Pouca tardanÁa faz Lieu irado
Na vista destas coisas, mas entrando
Nos paÁos de Netuno, que avisado
Da vinda sua, o estava j· aguardando,
As portas o recebe, acompanhado
Das Ninfas, que se est,,o maravilhando
De ver que, cometendo tal caminho,
Entre no reino d'·gua o Rei do vinho.

15

” Netuno, lhe disse, n,,o te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,

Porque também com os grandes e possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes.
Manda chamar os Deuses do mar, antes
Que fale mais, se ouvir-me o mais quiseses;
Ver, o da desventura grandes modos:
Ou aam todos o mal, que toca a todos."

16

Julgando j· Netuno que seria
Estranho caso aquele, logo manda
Trit,,o, que chame os Deuses da ·gua fria,
Que o mar habitam duma e doutra banda.
Trit,,o, que de ser filho se gloria
Do Rei e de Sal·cia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

17

Os cabelos da barba, e os que descem
Da cabeÁa nos ombros, todos eram
Uns limos prenhes d'·gua, e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram;
Nas pontas pendurados n,,o falecem
Os negros misilhies, que ali se geram,
Na cabeÁa por gorra tinha posta
Uma muito grande casca de lagosta.

18

O corpo nu, e os membros genitais,
Por n,,o ter ao nadar impedimento,
Mas porÊm de pequenos animais
Do mar todos cobertos cento e cento:
Camaries e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Febe crescimento,
Ostras, e camaries do musgo sujos,
As costas com a casca os caramujos.

19

Na m,,o a grande concha retorcida
Que trazia, com forÁa, j· tocava;
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
J· toda a companhia apercebida
Dos Deuses para os paÁos caminhava
Do Deus, que fez os muros de Dard,nia,
Destruídos depois da Grega ins,nia.

20

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos e das filhas que gerara;
Vem Nereu, que com DÚris foi casado,
Que todo o mar de Ninfas povoara;
O profeta Proteu, deixando o gado
Marltime pascer pela ·gua amara,
Ali veio também, mas j· sabia
O que o padre Lieu no mar queria.

21

Vinha por outra parte a linda esposa
De Netuno, de Celo e Vesta filha,

Grave e leda no gesto, e t, o formosa
Que se amansava o mar de maravilha.
Vestida uma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixa ver-se,
Que tanto bem n, o È para esconder-se.

22

Anfitrite, formosa como as flores,
Neste caso n, o quis que falecesse;
O Delfim traz consigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.
Com os olhos, que de tudo s, o senhores,
Qualquer parecer que o Sol vencesse:
Ambas vlm pela m, o, igual partido,
Pois ambas s, o esposas dum marido.

23

Aquela que das f'rias de Atamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Consigo traz o filho, belo Infante,
No n'mero dos Deuses relatado.
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, e s vezes pela areia
No colo o to a a bela Panopeia.

24

E o Deus que foi num tempo corpo humano,
E por virtude da erva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano
Que Circe tinha usado com a formosa
Cila, que ele ama, desta sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

25

J' finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal;
As Deusas em riquíssimos estrados,
Os Deuses em cadeiras de cristal,
Foram todos do Padre agasalhados,
Que com o Tebano tinha assento igual.
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e Arbia em cheiro passa.

26

Estando sossegado j' o tumulto
Dos Deuses, e de seus recebimentos,
ComeÁa a descobrir do peito oculto
A causa o Tioneu de seus tormentos:
Um pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
SÚ por dar aos de Luso triste morte
Com o ferro alheio, fala desta sorte:

27

"Príncipe, que de juro senhoreias
Dum PÚlo ao outro PÚlo o mar irado,

Tu, que as gentes da terra toda enfreias,
Que n.,o passem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeias
O inundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assim permites
Que dentro vivam sÛ de seus limites;

28

"E vÛs, Deuses do mar, que n.,o sofreis
Inj'ria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos n.,o vingueis
De quem quer que por ele corra e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com raz.,o endurecidos
Contra os humanos fracos e atrevidos?

29

"Vistes que com grand'issima ousadia
Foram j. cometer o C'Eu supremo;
Vistes aquela insana fantasia
De tentarem o mar com vela e reino;
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas e insol'ncias tais, que temo
Que do mar e do C'Eu em poucos anos
Venham Deuses a ser, e n'Us humanos.

30

"Vedes agora a fraca gera'.,o
Que dum vassalo meu o nome toma,
Com soberbo e altivo cora'.,o,
A v'Us, e a mi, e o mundo todo doma;
Vedes, o vosso mar cortando v.,o,
Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos v.,o quebrando.

31

"Eu vi que contra os M'nias, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
B'Ureas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistiram.
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta inj'ria assim sentiram,
V'Us, a quem mais compete esta vingan'Áa,
Que esperais? Porque a pondeis em tardan'Áa?

32

"E n.,o consinto, Deuses, que cuideis
Que por amor de v'Us do c'Eu desci,
Nem da m.goa da inj'ria que sofreis,
Mas da que se me faz tamb'Em a mi;
Que aquelas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

33

"Que o gr., Senhor e Fados que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,

Famas mores que nunca determinam
De dar a estes barres no mar profundo.
Aqui vereis, Ô Deuses, como ensinam
O mal também a Deuses: que, a segundo
Se vê, ninguém já tem menos valia,
Que quem com mais razão, o valer devia.

34

"E por isso do Olimpo já fugi,
Buscando algum remédio a meus pesares,
Por ver o prelo que no Céu perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares."
Mais quis dizer, e não, o passou daqui,
Porque as lágrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades de água em fogo.

35

A ira com que subito alterado
O coração dos Deuses foi num ponto,
Não sofreu mais conselho bem cuidado,
Nem dilatação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Netuno, que sem conto
Solte as fúrias dos ventos repugnantes,
Que não, o haja no mar mais navegantes.

36

Bem quisera primeiro ali Proteu
Dizer neste negócio o que sentia,
E segundo o que a todos pareceu,
Era alguma profunda profecia.
Porém tanto o tumulto se moveu
Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou:
"Netuno sabe bem o que mandou".

37

Já o soberbo Hipótades soltava
Do cárcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os vários audazes e animosos.
Subito o céu sereno se obumbrava,
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
Começam novas fúrias a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

38

Enquanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento sossegado prosseguia,
Pelo tranquilo mar, a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eúo Hemisfério está remota;
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

39

Vencidos vêm do sono, e mal despertos;
Bocejando a miúdo se encostavam

Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares, que assopravam;
Os olhos contra seu querer abertos,
Alas estregando, os membros estiravam;
Remédios contra o sono buscar querem,
Histórias contam, casos mil referem.

40

"Com que melhor podemos, um dizia,
Este tempo passar, que é tão pesado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o sono carregado?"
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
"Que contos poderemos ter melhores,
Para passar o tempo, que de amores?"

41

"Não, disse Veloso, coisa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não sofre amores, nem delicadeza;
Antes de guerra ferve e robusta
A nossa história seja, pois dureza
Nossa vida há de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir me está dizendo."

42

Consentem nisto todos, e encomendam
A Veloso que conte isto que aprova.
"Contarei, disse, sem que me repreendam
De contar cousa fabulosa ou nova;
E porque os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra."

43

"No tempo que do Reino a Rêdea leve
João, filho de Pedro, moderava,
Depois que sossegado e livre o teve
Do vizinho poder, que o molestava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erlnis dura e mizéria,
Que lustre fosse a nossa Lusitânia."

44

"Entre as damas gentis da corte Inglesa
E nobres cortesãos, acaso um dia
Se levantou discórdia em ira acesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortesãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provar, o que honras e famas
Em tais damas não há para ser damas;

45

"E que se houver alguém, com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,

Que eles, em campo raso ou estacada,
Lhe dar,,o feia inf,mia, ou morte crua.
A feminil fraqueza Pouco usada,
Ou nunca, a oprÛbrios tais, vendo-se nua
De forÁas naturais convenientes,
Socorro pede a amigos e parentes.

46

"Mas como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, n,,o se atrevem
Nem parentes, nem fËrvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com l-grimas formosas e bastantes
A fazer que em socorro os Deuses levem
De todo o CËu, por rostos de alabastro,
Se v,,o todas ao duque de Alencastro.

47

"Era este Inglís potente, e militara
Com os Portugueses j- contra Castela,
Onde as forÁas magn,nimas provará
Dos companheiros, e benigna estrela:
N,,o menos nesta terra experimentara
Namorados afeitos, quando nela
A filha viu, que tinto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

48

"Este, que socorrer-lhe n,,o queria,
Por n,,o causar discÛrdias intestinas,
Lhe diz:--"Quando o direito pretendia
Do reino l- das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes t,,o divinas,
Que eles sÛs poderiam, se n,,o erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

49

"E se, agravadas damas, sois servidas,
Por vÛs lhe mandarei embaixadores,
Que, por cartas discretas e polidas,
De vosso agravo os faÁam sabedores.
TambËm por vossa parto encarecidas
Com palavras de afagos e de amores
Lhe sejam vossas l-grimas, que eu creio
Que ali tereis socorro e forte esteio."--

50

"Destarte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E por que cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobre eles lancem sortes,
Que elas sÛ doze s,,o; e descoberto
Qual a qual tem caldo das consertes,
Cada uma escreve ao seu por v-rios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

51

"J- chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroÁa a novidade;

Quisera o Rei sublime ser primeiro,
Mas n.,o lhe sofre a RÊgia Majestade.
Qualquer dos cortes.,os aventureiro
Deseja ser, com fÊrvida vontade,
F, sÛ fica por bem-aventurado
Quem j· vem pelo Duque nomeado.

52

"L· na leal Cidade, donde teve
Origem (como Ê fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze, em tempo breve,
De armas, e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavalos, e concertos de mil cores.

53

"J· do seu Rei tomado tÍm licenÁa
Para partir do Douro celebrado
Aqueles, que escolhidos por sentenÁa
Foram do Duque InglÍs experimentado.
N.,o h· na companhia diferenÁa
De cavaleiro destro ou esforÁado;
Mas um sÛ, que MagriÁo se dizia,
Destarte fala ‡ forte companhia:

54

--"FortÍssimos consÛcios, eu desejo
H· muito j· de andar terras estranhas,
Por ver mais ·guas que as do Douro o Tejo,
V·rias gentes, e leis, e v·rias manhas.
Agora, que aparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as coisas s.,o tamanhas)
Quero, se me deixais, ir sÛ por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra.

55

--"E quando caso for que eu impedido
Por quem das cousas Ê 'ltima linha,
N.,o for convosco ao prazo instituído,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mim fareis o que Ê devido;
Mas, se a verdade o esplrito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
N.,o far.,o que eu convosco l· n.,o seja."

56

"Assim diz, e abraÁados os amigos,
E tomada licenÁa, enfim se parte:
Passa Li.,o, Castela, vendo antigos
Lugares, que ganhara o p·trio Marte;
Navarra, com os altÍssimos perigos
Do Perineu, que Espanha e G·lia parte;
Vistas enfim de FranÁa as coisas grandes,
No grande empÛrio foi parar de Frandes.

57

"Ali chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias:

Mas dos onze a ilustríssima companhia
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra ‡ costa estranha,
Para Londres j· fazem todos vias.
Do Duque s.,o com festa agasalhados,
E das damas servidos e animados.

58

"Chega-se o prazo e dia assinalado
De entrar em campo j· com os doze Ingleses,
Que pelo Rei j· tinham segurado:
Armam-se de elmos, grevas e de arneses:
J· as damas tlm por si, fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos Portugueses;
Vestem-se elas de cores e de sedas,
De ouro e de jÚias mil, ricas e ledas.

59

"Mas aquela, a quem fora em sorte dado
MagriÁo, que n.,o vinha, com tristeza
Se veste, por n.,o ter quem nomeado
Seja seu cavaleiro nesta empresa;
Bem que os onze apregoam, que acabado
Ser· o negÚcio assim na corte Inglesa,
Que as damas vencedoras se conheÁam,
Posto que dois e trís dos seus faleÁam.

60

"J· num sublime e p'blico teatro
Se assenta o Rei Inglís com toda a corte:
Estavam trís e trís, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
N.,o s.,o vistos do Sol, do Tejo ao Batro,
De forÁa, esforÁo e de ,nimo mais forte
Outros doze sair, como os Ingleses,
No campo, contra os onze Portugueses.

61

"Mastigam os cavalos, escumando,
Os ·ureos freios com feroz semblante;
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em cristal ou rlgido diamante;
Mas enxerga-se num e noutro bando
Partido desigual e dissonante
Dos onze contra os doze: quando a gente
ComeÁa a alvoroÁar-se geralmente.

62

"Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliÁo:
Eis entra um cavaleiro, que trazia
Armas, cavalo, ao bÉlico serviÁo.
Ao Rei e ‡s damas fala, e logo se ia
Para os onze, que este era o gr., MagriÁo;
AbraÁa os companheiros como amigos,
A quem n.,o falta certo nos perigos.

63

"A dama, como ouviu que este era aquele
Que vinha a defender seu nome e fama,

Se alegre, e veste ali do animal de Hele,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
J· d,,o sinal, e o som da tuba impele
Os belicosos ,nimos, que inflama:
Picam de esporas, largam rÊdeas logo,
Abaixam lanÁas, fere a terra fogo.

64

"Dos cavalos o estrÊpito parece
Que faz que o ch,,o debaixo todo treme;
O coraÁ,,o no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroÁa e teme:
Qual do cavalo voa, que n,,o desce;
Qual, com o cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual com os penachos do elmo aÁouta as ancas.

65

"Algun dali tomou perpÊtuo sono
E fez da vida ao fim breve intervalo;
Correndo algum cavalo vai sem dono
E noutra parte o dono sem cavalo.
Cai a soberba Inglesa de seu trono,
Que dois ou trís j· fora v,,o do vale;
Os que de espada vím fazer batalha,
Mais acham j· que arnís, escudo e malha.

66

"Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
... desses gastadores, que sabemos,
Maus do tempo, com f·bulas sonhadas.
Basta, por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas e afamadas,
Com os nossos fica a palma da vitÔria,
E as damas vencedoras, e com glÔria.

67

"Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paÁos, com festas e alegria;
Cozinheiros ocupa e caÁadores
Das damas a formosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil cada hora e cada dia,
Enquanto se detím em Inglaterra,
AtÊ tornar ‡ doce e cara terra.

68

"Mas dizem que, contudo, o gr,, MagriÁo,
Desejoso de ver as coisas grandes,
L· se deixou ficar, onde um serviÁo
Not·vel ‡ condessa fez de Frandes;
E como quem n,,o era j· noviÁo
Em todo trance, onde tu, Marte, mandes,
Um Francís mata em campo, que o destino
L· teve de Torcato e de Corvino.

69

"Outro tambÊm dos doze em Alemanha
Se lanÁa, e teve um fero desafio

Com um Germano enganoso, que com manha
N.,o devida o quis p'Ur no extremo fio."
Contando assim Veloso, j· a companha
Lhe pede que n.,o f aÁa tal desvio
Do caso de MagriÁo, e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

70

Mas, neste passo, assim prontos estando
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros duma e doutra banda;
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das g·veas tomar manda:
"Alerta, disse, estai, que o vento cresce
Daquela nuvem negra que aparece."

71

N.,o eram os traquetes bem tomados,
Quando d· a grande e s'bita procela:
"Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela!"
N.,o esperam os ventos indinados
Que amainassem; mas juntos dando nela,
Em pedaÁos a fazem, com um ruído
Que o mundo pareceu ser destruído.

72

O c'Eu fere com gritos nisto a gente,
Com s'bito temor e desacordo,
Que, no romper da vela, a nau pendente
Toma gr., suma d'·gua pelo bordo:
"Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar; n.,o falte acordo.
V.,o outros dar ‡ bomba, n.,o cessando;
A bomba, que nos imos alagando!"

73

Correm logo os soldados animosos
A dar ‡ bomba; e, tanto que chegaram,
Os balanÁos que os mares temerosos
Deram ‡ nau, num bordo os derribaram.
Trís marinheiros, duros e forÁosos,
A menear o leme n.,o bastaram;
Talhas lhe punham duma e doutra parte,
Sem aproveitar dos homens forÁa e arte.

74

Os ventos eram tais, que n.,o puderam
Mostrar mais forÁa do ímpeto cruel,
Se para derribar ent.,o vieram
A fortíssima torre de Babel.
Nos altíssimos mares, que cresceram,
A pequena grandura dum batel
Mostra a possante nau, que move espanto,
Vendo que se sust'Em nas ondas tanto.

75

A nau grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o masto pelo meio.

Quase toda alagada: a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio.
N.,o menos gritos v.,os ao ar derrama
Toda a nau de Coelho, com receio,
Conquanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que desse o vento.

76

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Netuno furibundo;
Agora a ver parece que desciam
As Íntimas entranhas do Profundo.
Noto, Austro, BÚreas, Aquilo queriam
Arruinar a m·quina do mundo:
A noite negra e feia se alumia
Com os raios, em que o PÚlo todo ardia.

77

As AlciÚneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se do seu passado pranto,
Que as furiosas ·guas lhe causaram.
Os delfins namorados entretanto
L· nas covas marítimas entraram,
Fugindo ‡ tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar segui-os.

78

Nunca t.,o vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes
O gr., ferreiro sÚrdido, que obrou
Do enteado as armas radiantes;
Nem tanto o gr., Tonante arremessou
Rel,mpagos ao mundo fulminantes,
No gr., dil'vio, donde sÚs viveram
Os dois que em gente as pedras converteram.

79

Quantos montes, ent.,o, que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas ·rvores velhas arrancaram
Do vento bravo as f'rias indinadas!
As forÁosas raízes n.,o cuidaram
Que nunca para o cÊu fossem viradas,
Nem as fundas areias que pudessem
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

80

Vendo Vasco da Gama que t.,o perto
Do fim de seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar atÊ o inferno aberto,
Ora com nova f'ria ao cÊu subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remÊdio lhe valia,
Chama aquele remÊdio santo Ê forte,
Que o impossível pode, desta sorte:

81

"Divina Guarda, angÈlica, celeste,
Que os cÊus, o mar e terra senhoreias;

Tu, que a todo Israel refugio deste
Por metade das águas Eritreias;
Tu, que livraste Paulo e o defendeste
Das Sirtes arenosas e ondas feias,
E guardaste com os filhos o segundo
Povoador do alagado e vazio mundo;

82

"Se tenho novos modos perigosos
Doutra Cila e Caribdis já passados,
Outras Sirtes e baixos arenosos,
Outros Acroceraúnios infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
Por que somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te ofende,
Mas antes teu serviço não pretende?"

83

"Ditosos aqueles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, enquanto fortes sostiveram
A santa Fé nas terras Mauritanas!
De quem feitos ilustres se souberam,
De quem ficam memórias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras dela!"

84

Assim dizendo, os ventos que lutavam
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrescentavam
Pela multidão enxotando.
Relâmpagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vêm representando
Cair o céu dos eixos sobre a terra,
Consigo os elementos terem guerra.

85

Mas já a amorosa estrela cintilava
Diante do Sol claro, no Horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar, com leda fronte.
A densa que nos céus a governava,
De quem foge o ensífero Oriente,
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

86

"Estas obras de Baco são, por certo,
Disse; mas não ser que avante leve
Tão danada tenção, que descoberto
Me ser sempre o mil a que se atreve."
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Enquanto manda as Ninfas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

87

Grinaldas manda pôr de várias cores
Sobre cabelo; louros e porfia.

Quem n„o dir· que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que Amor enfia?
Abrandar determina, por amores,
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas Ninfas belas,
Que mais formosas vinham que as estrelas.

88

Assim foi; porque, tanto que chegaram
A vista delas, logo lhe falecem
As forÁas com que dantes pelejaram,
E j· como rendidos lhe obedecem.
Os pÊs e m„os parece que lhe ataram
Os cabelos que os raios escurecem.
A BÛreas, que do peito mais queria,
Assim disse a bellssima Oritia:

89

"N„o creias, fero BÛreas, que te creio
Que me tiveste nunca amor constante,
Que brandura È de amor mais certo arreio,
E n„o convÊm furor a firme amante.
Se j· n„o pies a tanta ins,nia freio,
N„o esperes de mi, daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te;
Que amor contigo em medo se converte."

90

Assim mesmo a formosa Galateia
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias h· que em ví-la se recreia,
E bem crí que com ele tudo acabe.
N„o sabe o bravo tanto bem se o creia,
Que o coraÁ„o no peito lhe n„o cabe,
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

91

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo ‡ linda VÊnus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores.
Ela lhe prometeu, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas belas m„os tomando-lhe homenagem
De lhe serem leais esta viagem.

92

J· a manh„, clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa g·vea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
J· fora de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor v„o do peito voa.
Disse alegre o piloto Melindano:
"Terra È de Calecu, se n„o me engano.

93

"Esta È por certo a terra que buscais
Da verdadeira Ôndia, que aparece;

E se do mundo mais n„o desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece."
Sofrer aqui n„o pode o Gama mais,
De ledó em ver que a terra se conhece:
Os geóelhos no ch„o, as m„os ao cEu,
A mercí grande a Deus agradeceu.

94

As graÁas a Deus dava, e raz„o tinha,
Que n„o somente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho experimentava;
Mas via-se livrado t„o asinha
Da morte, que no mar lhe aparelhava
O vento duro, fervido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

95

Por meio destes hÛrridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
AlcanÁam os que s„o de fama amigos
As honras imortais e graus maiores:
N„o encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
N„o nos leitos dourados, entre os finos
Animais de MoscÛvia zebelinos;

96

N„o com os manjares novos e esquisitos,
N„o com os passeios moles e ociosos,
N„o com os v-rios deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos,
N„o com os nunca vencidos apetitos
Que a Fortuna tem sempre t„o mimosos,
Que n„o sofre a nenhum que o passo mude
Para alguma obra herÛica de virtude;

97

Mas com buscar com o seu forÁoso braÁo
As honras, que ele chame prÛprias suas;
Vigiando, e vestindo o forjado aÁo,
Sofrendo tempestades e ondas cruas;
Vencendo os torpes frios no regaÁo
Do Sul e regiies de abrigo nuas;
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado com um rduo sofrimento;

98

E com forÁar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledó, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia
E leva a perna ou braÁo ao companheiro.
Destarte, o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e n„o virtude justa e dura.

99

Destarte se esclarece o entendimento,
Que experiências fazem repousado,

E fica vendo, corno de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado.
Este, onde tiver forçada o regimento
Direito, e não de afeitos ocupado,
Subir (como deve) a ilustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

Canto Sétimo

1

Já se viam chegados junto à terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no céu terreno mora.
Ora, sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

2

A vós, ó gerações de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no inundo;
Não digo ainda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o céu rotundo;
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo imundo,
Mas nem cobardia, ou pouca obediência
Da Madre, que nos céus está em essência;

3

Vós, Portugueses, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que não custa de vossas várias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
Assim do céu deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito fazeis na santa Cristandade:
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade!

4

Vede-os Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do sucessor de Pedro, rebelado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vede-lo em feias guerras ocupado,
Que ainda com o cego error se não contenta,
Não contra o soberbíssimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

5

Vede-lo duro Inglês, que se nomeia
Rei da velha e santíssima cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia,
(Quem viu honra tão longe da verdade?)
Entre as Boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Cristandade:
Para os de Cristo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

6

Guarda-lhe por entanto um falso Rei
A cidade HierosÚlima terrestre,
Enquanto ele n,,o guarda a santa lei
Da cidade HierosÚlima celeste.
Pois de ti, Galo indigno, que direi?
Que o nome CristianÍssimo quiseste,
N,,o para defendÍ-lo, nem guard- -lo,
Mas para ser contra ele, e derrub- -lo!

7

Achas que tens direito em senhorios
De Crist,,os, sendo o teu t,,o largo e tanto,
E n,,o contra o CinÍfio e Nilo, rios
Inimigos do antigo nome santo?
Ali se h,,o de provar da espada os fios
Em quem quer reprová da Igreja o canto.
De Carlos, de Luís, o nome e a terra
Herdaste, e as causas n,,o da justa guerra?

8

Pois que direi daqueles que em delÍcias,
Que o vil Úcio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divÍcias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tirania inimicÍcias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Contigo, It-Ília, falo, j- submersa
Em VÍcios mil, e de ti mesma adversa.

9

" mÍseros Crist,,os, pela ventura,
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se d,,o a morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
N,,o vedes a divina sepultura
Possuída de c,,es, que sempre unidos
Vos vím tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

10

Vedes que tím por uso e por decreto,
Do qual s,,o t,,o inteiros observantes,
Ajuntarem o exÉrcito inquieto
Contra os povos que s,,o de Cristo amantes;
Entre vÚs nunca deixa a fera Aleto
De semear ciz,nias repugnantes:
Olhai se estais seguros de perigos,
Que eles e vÚs sois vossos inimigos.

11

Se cobiÁa de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
N,,o vedes que Pactolo e Hermo, rios,
Ambos volvem aurlÍferas areias?
Em LÍdia, AssÍria, lavram de ouro os fios;
Ífrica esconde em si luzentes veias;
Mova-vos j- sequeir riqueza tanta,
Pois mover-vos n,,o pode a Casa Santa.

12

Aquelas invenções feras e novas
De instrumentos mortais da artilharia,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizâncio e de Turquia.
Fazei que torne lá os silvestres covas
Dos Císpios montes, e da Cítia fria
A Turca geração, que multiplica
Na polícia da vossa Europa rica.

13
Gregos, Traces, Arménios, Georgianos,
Bradando-vos estação que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do Alcorão (duro tributo!)
Em castigar os feitos inumanos
Vos gloriái de peito forte e astuto,
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos muito possantes.

14
Mas entanto que cegos o sedentos
Andais de vosso sangue, Ó gente insana!
Não faltarão Cristãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana:
De África tem marítimos assentos,
... na Ásia mais que todas soberana,
Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvera, lá chegara.

15
E vejamos entanto que acontece
Aqueles tão famosos navegantes,
Depois que a branda Vênus enfraquece
O furor vário dos ventos repugnantes:
Depois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
E dar novo costume e novo Rei.

16
Tanto que já nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecu, onde eram moradores.
Para lá logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei que a terra toda possuía.

17
Além do Indo jaz, e aqui do Gange,
Um terreno muito grande e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emúdio cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A várias leis: alguns o vicioso
Mahoma, alguns os ídolos adoram,
Alguns os animais, que entre eles morri.

18
Lá bem no grande monte, que cortando

T,,o larga terra, toda jsia discorre,
Que nomes t,,o diversos vai tomando,
Segundo as regiies por onde corre,
As fontes saem, donde vím manando
Os rios, cuja gr,, corrente morre
No mar Ôndico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Quersoneso.

19

Entro um e outro rio, em grande espaÁo,
Sai da larga terra uma loira ponta
Quase piramidal, que no regaÁo
Do mar com Ceil,,o ãnsula confronta;
E junto donde nasce o largo braÁo
GangÈtico, o rumor antigo conta
Que os vizinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantím das finas flores.

20

Mas agora de nomes e de usanÁa
Novos e v-rios s,,o os habitantes:
Os Delis, os Patanes, que em possanÁa
De terra e gente, s,,o mais abundantes;
Decanis, Ori-s, que a esperanÁa
Tím de sua salvaÁ,,o nas ressonantes
guas do Gange, e a terra de Bengala
FÈtil de sorte que outra n,,o lhe iguala.

21

O Reino de Cambaia belicoso
(Dizem que foi de Poro, Rei potente)
O Reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras que de forte gente.
Aqui se enxerga l- do mar undoso
Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canar- vive seguro.

22

Da terra os naturais lhe chamam Gate,
Do pÈ do qual pequena quantidade
Se estende uma fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecu tem a ilustre dignidade
De cabeÁa de ImpÈrio rica e bela:
Samorim se intitula o senhor dela.

23

Chegada a frota ao rico senhorio,
Um Portuguís mandado logo parte
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a t,,o remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que ali nas ondas entra, a n,,o vista arte,
A cor, o gesto estranho, o traje novo
Fez concorrer a ví-lo todo o povo.

24

Entre a gente que a ví-lo concorria,

Se chega um Mahometa, que nascido
Fora na regi„o da Berberia,
L· onde fora Anteu obedecido:
Ou pela vizinhanÁa j· teria
O Reino Lusitano conhecido,
Ou foi j· assinalado de seu ferro:
Fortuna o trouxe a t„o loiro desterro.

25

Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a l„ngua Hispana,
Lhe disse: "Quem te trouxe a estoutro mundo,
T„o longe da tua p·tria Lusitana?"
--"Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a gr„o corrente,
Por onde a Lei divina se acrescenta."

26

Espantado ficou da gr„ viagem
O Mouro, que MonÁaide se chamava,
Ouvindo as opressies que na passagem
Do mar, o Lusitano lhe contava:
Mas vendo enfim que a f orÁa da mensagem
SÛ para o Rei da terra relevava,
Lhe diz que estava f ora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

27

E que, entanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se quera,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria,
E depois que se um pouco recreasse,
Com ele para a armada tornaria,
Que alegria n„o pode ser tamanha,
Que achar gente vizinha em terra estranha.

28

O Portuguís aceita de vontade
O que o ledo MonÁaide lhe oferece;
Como se longa fora j· a amizade,
Com ele come, e bebe, e lhe obedece.
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem ‡ capitania; e toda a gente
MonÁaide recebeu benignamente.

29

O Capit„o o abraÁa em cabo ledo,
Ouvindo clara a l„ngua de Castela;
Junto de si o assenta, e pronto e quedo,
Pela terra pergunta, e cousas dela.
Qual se ajuntava em RÛdope o arvoredado,
SÛ por ouvir o amante da donzela
Eurídice, tocando a lira de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

30

Ele comeÁa: "" gente, que a natura

Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino t,,o grande ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
N,,o È sem causa, n,,o, oculta e escura,
Vir do longìnquo Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca doutro lenho arados,
A Reinos t,,o remotos e apartados.

31

"Deus por certo vos traz, porque pretende
Algum serviÁo seu por vÙs obrado;
Por isso sÙ vos guia, e vos defende
Dos inimigos, do mar, do vento irado.
Sabei que estais na Ôndia, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

32

"Esta provìncia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antigo os Ìdolos adora,
Que c· por estas partes se derrama:
De diversos Reis È, mas dum sÙ
Noutro tempo, segundo a antiga fama;
Saram· Perimal foi derradeiro
Rei, que este Reino teve unido e inteiro.

33

"PorÈm, como a esta terra ent,,o viessem
De l· do seio Ar·bico outras gentes,
Que o culto MahomÈtico trouxessem,
No qual me instituíram meus parentes,
Sucedeu que pregando convertessem
O Perimal: de s·bios e eloquentes,
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que pressupÙs de nela morrer santo.

34

"Naus arma, e nelas mete curioso
Mercadoria, que ofereÁa rica,
Para ir nelas a ser religioso,
Onde o profeta jaz, que a Lei publica;
Antes que parta, o Reino poderoso
Com os seus reparte, porque n,,o lhe fica
Herdeiro prÙprio, faz os mais aceitos
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

35

"A um Cochim, e a outro Cananor,
A qual ChalÈ, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coul,,o, a qual d· Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve e contenta,
Um sÙ moÁo, a quem tinha muito amor,
Depois que tudo deu, se lhe apresenta:
Para este Calecu somente fica,
Cidade j· por trato nobre e rica.

36

"Esta lhe d· com o tìtulo excelente

De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Para onde em santa vida acabe, e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samori, mais que todos digno e grande,
Ao moço e descendentes; donde vem
Este, que agora o Império manda e tem.

37

"A Lei da gente toda, rica e pobre,
De fábulas composta se imagina:
Andam nus, e somente um pano cobre
As partes, que a cobrir natura ensina.
Dois modos há de gente, porque a nobre
Naires chamados são, e a menos digna
Poucos tem por nome, a quem obriga
A Lei não misturar a casta antiga.

38

"Porque os que usaram sempre um mesmo ofício,
De outro não podem receber consorte,
Nem os filhos ter, o outro exercício,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires é certo grande vício
Destes serem tocados; de tal sorte,
Que quando algum se toca, por ventura,
Com cerimônias mil se alimpa e apura.

39

"Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samaria.
Mais estranhezas ainda das que digo
Nesta terra vereis de usança varia.
Os Naires são dados ao perigo
Das armas; são defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga e na direita a espada.

40

"Brâmines são os seus religiosos,
Nome antigo e de grande proeminência:
Observam os preceitos tão famosos
Dum que primeiro põem nome à ciência:
Não matam coisa viva, e, temerosos,
Das carnes têm grandíssima abstinência;
Somente no venéreo ajuntamento
Têm mais licença e menos regimento.

41

"Gerais são as mulheres, mas somente
Para os da geração de seus maridos:
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciúmes ofendidos!
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admitidos.
A terra é grossa em trato, em tudo aquilo
Que as ondas podem dar da China ao Nilo."

42

Assim contava o Mouro; mas vagando

Andava a fama j· pela cidade
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade.
J· vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo e idade,
Os principais, que o Rei buscar mandara
O Capit.,o da armada, que chegara.

43

Mas ele, que do Rei j· tem licenÁa
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueses, sem detenÁa
Parte, de ricos panos adornado.
Das cores a formosa diferenÁa
A vista alegre ao povo alvoroÁado.
O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio.

44

Na praia um regedor do Reino estava,
Que na sua língua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama.
J· na terra, nos braos o levava,
E num port·til leito uma rica cama
Lhe oferece, em que v·, costume usado,
Que nos ombros dos homens  levado.

45

Desta arte o Malabar, destarte o Luso
Caminham, l· para onde o Rei o espera:
Os outros Portugueses v.,o ao uso
Que infantaria segue, esquadra fera.
O povo que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quisera
Perguntar: mas no tempo j· passado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

46

O Gama e o Catual iam falando
Nas coisas, que lhe o tempo oferecia;
MonÁaide entre eles vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assim pela cidade caminhando,
Onde uma rica f·brica se erguia
De um sumptuoso templo, j· chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

47

Ali est.,o das deidades as figuras
Esculpidas em pau e em pedra fria;
V·rios de gestos, v·rios de pinturas,
A segundo o Demnio lhe fingia:
Vem-se as abomin·veis esculturas,
Qual a Quimera em membros se varia:
Os Crist.,os olhos, a ver Deus usados
Em forma humana, est.,o maravilhados.

48

Um na cabeÁa cornos esculpidos,

Qual J'piter Amon em Lìbia estava;
Outro num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava;
Outro com muitos braÁos divididos
A Briareu parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fora,
Qual An'bis Menfítico se adora.

49

Aqui feita do b·rbaro gentio
A supersticiosa adoraÁ,,o,
Direitos v,,o, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo v,,o.
Engrossando-se vai da gente o fio,
Com os que vím ver o estranho Capit,,o;
Est,,o pelos telhados e janelas
Velhos e moÁos, donas e donzelas.

50

J· chegam perto, e n,,o com passos lentos,
Dos jardins odoríferos formosos,
Que em si escondem os rÊgios aposentos,
Altos de torres n,,o, mas sumptuosos.
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assim vivem os Reis daquela gente,
No campo e na cidade juntamente.

51

Pelos portais da cerca a sutileza
Se enxerga da Ded·lea facultade,
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da Õndia a mais remota antiguidade.
Afiguradas v,,o com tal viveza
As histÓrias daquela antiga idade,
Que quem delas tiver notícia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

52

Estava um grande exÊrcito que pisa
A terra Oriental, que o Idaspe lava;
Rege-o um capit,,o de fronte lisa,
Que com frondentes tirsos pelejava;
Por ele edificada estiva Nisa
Nas ribeiras do rio, que manava,
T,,o prÓprio, que se ali estiver Semele,
Dir·, por certo, que È seu filho aquele.

53

Mais avante bebendo seca o rio
Mui grande multid,,o da Assíria gente,
Sujeita a feminino senhorio
De uma t,,o bela como incontinente.
Ali tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competência:
Amor nefando, bruta incontinência!

54

Daqui mais apartadas tremulavam

As bandeiras de Grécia gloriosas,
Terceira Monarquia, e sojugavam
Até as guas Gangéticas undosas.
Dum capit,,o mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que j., n.,o de Filipo, mas sem falta
De progénie de J'piter se exalta.

55

Os Portugueses vendo estas memórias,
Dizia o Catual ao Capit,,o:
"Tempo cedo vir· que outras vitórias
Estas, que agora olhais, abater,,o;
Aqui se escrever,,o novas histórias
Por gentes estrangeiras que vir,,o;
Que os nossos s·bios magos o alcançaram
Quando o tempo futuro especularam.

56

"E diz-lhe mais a m·gica ciência
Que, para se evitar força tamanha,
N.,o valer· dos homens resistência,
Que contra o Céu n.,o val da gente manha;
Mas também diz que a bética excelência,
Nas armas e na paz, da gente estranha
Ser· tal, que ser· no mundo ouvido
O vencedor, por glória do vencido,"

57

Assim falando entravam j· na sala,
Onde aquele potente Imperador
Numa camilha jaz, que n.,o se iguala
De outra alguma no prelo e no labor.
No recostado gesto se assinala
Um venerando e próspero senhor;
Um pano de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

58

Bem junto dele um velho reverente,
Com os olhos no ch.,o, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da erva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Um Br,mene, pessoa proeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

59

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, pronto em vista
Estava o Samori no traje e jeito
Da gente, nunca de antes dele vista.
Lançando a grave voz do s·bio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opini,,o do Rei e do povo todo,
O Capit,,o lhe fala deste modo:

60

"Um grande Rei, de l· das partes Onde

O c'Eu vol'ível, com perp'etua roda,
Da terra a luz solar com a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda,
Ouvindo do rumor que l' responde
O eco, como em ti da Õndia toda
O principado est', e a majestade,
V'nculo quer contigo de amizade.

61

"E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber que tudo aquilo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de l' do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Gelandia
At' bem donde o Sol n.,o muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Eti'pia,
Tudo tem no seu Reino em grande c'pia.

62

"E se queres com pactos e alian'as
De paz e de amizade sacra e nua
Com'rcio consentir das abastan'as
Das fazendas da terra sua e tua,
Por que cres'as as rendas e abastan'as,
Por quem a gente mais trabalha e sua,
De vossos Reinos, ser' certamente
De ti proveito, o dele gl'ria ingente.

63

"E sendo assim, que o n' desta amizade
Entre v'us firmemente permane'aa,
Estar' pronto a toda adversidade,
Que por guerra a teu Reino se ofere'aa,
Com gente, armas e naus, de qualidade
Que por irm.,o te tenha e te conhe'aa;
E da vontade em ti sobre isto posta
Me d's a mim cert'issima resposta."

64

Tal embaixada dava o Capit.,o,
A quem o Rei gentio respondia
Que, em ver embaixadores de na'.,o
T.,o remota, gr., gl'ria recebia;
Mas neste caso a 'ltima ten'.,o
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei, e a gente, e terra que dissera..

65

E que entanto podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
J' nisto punha a noite o usado atalho
As humanas canseiras, por que ceve
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando ao 'cio dados.

66

Agasalhados foram juntamente

O Gama e Portugueses no aposento
Do nobre Regedor da Õndica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha j· por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

67

Tanto que os ìgneos carros do formoso
Mancebo D'Elío viu, que a luz renova,
Manda chamar MonÁaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
J· lhe pergunta pronto e curioso,
Se tem notícia inteira e certa prova
Dos estranhos, quem s·,o; que ouvido tinha
Que É gente de sua p·tria muito vizinha;

68

Que particularmente ali lhe desse
InformaÁ,,o mui larga, pois faria
Nisso serviÁo ao Rei, por que soubesse
O que neste negÚcio se faria.
MonÁaide torna:--"Posto que eu quisesse
Dizer-te disto mais, n,,o saberia;
Somente sei que É gente l· de Espanha,
Onde o meu ninho e o Sol no mar se banha.

69

"Tím a lei dum Profeta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da m,,e, tal que por bafo est· aprovado
Do Deus, que tem do mundo o regimento,
O que entre meus antigos É vulgado
Deles, É que o valor sanguinolento
Das armas no seu braÁo resplandece,
O que em nossos passados se parece.

70

"Porque eles, com virtude sobre-humana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresco Goadiana,
Com feitos memor·veis e famosos:
E n,,o contentes ainda, e na Africana
Parte, cortando os mares procelosos,
Nos n,,o querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

71

"N,,o menos tím mostrado esforÁo e manha
Em quaisquer outras guerras que aconteÁas,
Ou das gentes beligeras de Espanha,
Ou l· dalguns que do Pìrene desÁam.
Assim que nunca enfim com lanÁa estranha
Se tem, que por vencidos se conheÁam,
Nem se sabe ainda, n,,o, te afirmo e asselo,
Para estes Anibais nenhum Marcelo.

72

"E se esta informaÁ,,o n,,o for inteira

Tanto quanto convém, deles pretende
Informar-te, que É gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e ofende:
Vai ver-lhe a f rota, as armas e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende,
E folgar-s de veres a polícia
Portuguesa na paz e na milícia."

73

J· com desejos o Idolatra ardia
De ver isto, que o Mouro lhe contava.
Manda esquipar batéis que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geraÁ,,o, que o mar coalhava.
A capitania sobem forte e bela,
Onde Paulo os recebe a bordo dela.

74

Purp'reos s,,o os toldos, e as bandeiras
Do rico fio s,,o que o bicho gera;
Nelas est,,o pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braÁo j· fizera:
Batalhas tem campais, aventureiras,
Desafios cruéis, pintura fera,
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nela os olhos apascenta.

75

Pelo que ví pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquele deleite, que tanto ama
A seita Epicureia, experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que NoÉ mostrara ‡ gente:
Mas comer o Gentio n,,o pretende,
Que a seita que seguia lho defende.

76

A trombeta que, em paz, no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
Com o fogo o diabólico instrumento
Se faz ouvir no fundo l· dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia ali descreve

77

AlÁa-se em pÉ, com ele o Gama junto,
Coelho de outra parti, e o Mauritano;
Os olhos pie no bÉlico transunto
De um velho branco, aspecto venerando
Cujo nome n,,o pode ser defunto
Enquanto houver no mundo trato humano:
No trajo a Grega usanÁa est· perfeita,
Um ramo por insígnia na direita.

78

Um ramo na m,,o tinha... Mas, Ô cego!

Eu, que cometo insano e temer·rio,
Sem vÛs, Ninfas do Tejo e do Mondego,
Por caminho t,,o ·rduo, longo e v·rio!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento t,,o contr·rio,
Que, se n,,o me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

79

Olhai que h· tanto tempo que, cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A fortuna mo traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos:
Agora o mar, agora experimentando
Os perigos MavÛrcios inumanos,
Qual Canace, que ‡ morte se condena,
Numa m,,o sempre a espada, e noutra a pena.

80

Agora, com pobreza avorrecida,
Por hospìcios alheios degradado;
Agora, da esperanÁa j· adquirida,
De novo, mais que nunca, derribado;
Agora ‡s costas escapando a vida,
Que dum fio pendia t,,o delgado
Que n,,o menos milagre foi salvar-se
Que para o Rei Judaico acrescentar-se.

81

E ainda, Ninfas minhas, n,,o bastava
Que tamanhas misÈrias me cercassem,
Sen,,o que aqueles, que eu cantando andava
Tal prÊMio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,
Das capelas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em t,,o duro estado me deitaram.

82

Vede, Ninfas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valorosos,
Que assim sabem prezar com tais favores
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escritores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para porem as coisas em memÛria,
Que merecerem ter eterna glÛria!

83

Pois logo em tantos males È forÁado,
Que sÛ vosso favor me n,,o faleÁa,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeÁa:
Dai-mo vÛs sÛs, que eu tenho j· jurado
Que n,,o o empregue em quem o n,,o mereÁa,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de n,,o ser agradecido.

84

Nem creiais, Ninfas, n,,o, que a fama desse

A quem ao bem comum e do seu Rei
Antepuser seu próprio interesse,
Inimigo da divina e humana Lei.
Nenhum ambicioso, que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
SÔ por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios;

85

Nenhum que use de seu poder bastante,
Para servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio.
Nem, Camenas, também cuideis que canto
Quem, com hábito honesto e grave, veio,
Por contentar ao Rei no ofício novo,
A despir e roubar o pobre povo.

86

Nem quem acha que È justo e que È direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E n, o acha que È justo e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente;
Nem quem sempre, com pouco experto peito,
Razies aprende, e cuida que È prudente,
Para taxar, com m, o rapace e escassa,
Os trabalhos alheios, que n, o passa.

87

Aqueles sÔs direi, que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,
T, o bem de suas obras merecida.
Apolo, e as Musas que me acompanharam,
Me dobrar, o a f'ria concedida,
Enquanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

Canto Oitavo

1

Na primeira figura se detinha
O Catual que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na m, o tinha,
A barba branca, longa e penteada:
"Quem era, e por que causa lhe convinha
A divisa, que tem na m, o tomada?"
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano s-bio lhe interpreta.

2

"Estas figuras todas que aparecem,
Bravos em vista e feros nos aspectos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos:
Antigos s, o, mas ainda resplandecem
Colo nome, entre os engenhos mais perfeito
Este que vís È Luso, donde a fama
O nosso Reino Lusit, nia chama.

3

"Foi filho e companheiro do Tebano,
Que t,,o diversas partes conquistou;
Parece vindo ter ao ninho Hispano
Seguindo as armas, que continuo usou;
Do Douro o Guadiana o campo ufano,
J· dito Elísio, tanto o contentou,
Que ali quis dar aos j· cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

4

"O ramo que lhe vís para divisa,
O verde tirso foi de Baco usado;
O qual ‡ nossa idade amostra e avisa
Que foi seu companheiro e filho amido.
Vís outro, que do Tejo a terra pisa,
Depois de ter t,,o longo mar arado,
Onde muros perpÈtuos edifica,
E templo a Palas, que em memÚria fica?

5

"Ulisses È o que faz a santa casa
A Deusa, que lhe d· lÍngua facunda;
Que, se l· na Ásia TrÚia insigne abrasa,
C· na Europa Lisboa ingente funda."
--"Quem ser· estoutro c·, que o campo arrasa
De mortos, com presenÁa furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as ·guias nas bandeiras tem pintadas."

6

Assim o Gentio diz. Responde o Gama:
--"Este que vís, pastor j· foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lanÁa mais que no cajado;
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencível afamado;
N,,o tem com ele, n,,o, nem ter puderam
O primor que com Pirro j· tiveram.

7

"Com forÁa, n,,o; com manha vergonhosa,
A vida lhe tiraram que os espanta:
Que o grande aperto, em gente ainda que honrosa,
As vezes leis magn,nimas quebranta.
Outro est· aqui que, contra a p·tria irosa,
Degradado, conosco se alevanta:
Escolheu bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se ilustrasse.

8

"Vís? conosco também vence as bandeiras
Dessas aves de J·piter validas;
Que j· naquele tempo as mais Guerreiras
Gentes de nÚs souberam ser vencidas.
Olha t,,o subtis artes e maneiras,
Para adquirir os povos, t,,o fingidas,
A fatídica Cerva que o avisa:
Ele È SertÚrio, e ela a sua divisa.

9

"Olha estoura bandeira, e v'í pintado
O gr., progenitor dos Reis primeiros.
N'us /ngaro o fazemos, por'Em nado
Cr'iem ser em Lotar'ingia os estrangeiros.
Depois de ter com os Mouros superado,
Galegos e Leoneses cavaleiros,
A casa Santa passa o santo Henrique,
Por que o tronco dos Reis se santifique."

10

"Quem È, me diz, este outro que me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadries, que gente tanta,
Com t.,o pouca, tem roto e destro'Áado?
Tantos muros asp'Errimos quebranta,
Tantas batalhas d., nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus p'Es derribadas, e estandardes!"

11

--"Este È o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma;
Por quem, no Est'lgio lago, jura a Fama
De mais n.,o celebrar nenhum de Roma.
Este È aquele zeloso a quem Deus ama,
Com cujo bra'Áo o Mouro inimigo doma,
Para quem de seu Reino abaixa os muros,
Nada deixando j. para os futuros,

12

"Se C'Èsar, se Alexandre Rei, tiveram
T.,o pequeno poder, t.,o pouca gente,
Contra tantos inimigos quantos eram
Os que desbaratava este excelente,
N.,o creias que seus nomes se estendera
Com gl'Úrias imortais t.,o largamente;
Mas deixa os feitos seus inexplic·veis,
V'í que os de seus vassalos s.,o not·veis.

13

"Este que v'ís olhar com gesto irado
Para o rompido aluno mal sofrido,
Dizendo-lhe que o ex'Èrcito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido;
Torna o mo'Áo do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leais vassalos claro espelho.

14

"V'í-lo c· vai com os filhos a entregar-se,
A corda ao colo, nu de seda e pano,
Porque n.,o quis o mo'Áo sujeitar-se,
Como ele prometera, ao Castelhana.
Fez com siso e promessas levantar-se
O cerco, que j· estava soberano;
Os filhos e mulher obriga ‡ pena:
Para que o senhor salve, a si condena.

15

"N.,o fez o Cûnsul tanto, que cercado
Foi nas forÁas Caudinas, de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forÁado
Do Samnîtico jugo triunfante.
Este, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega sÛ, firme e constante;
Estoutro a si, e os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que dÛi mais.

16

"Vís este que, saindo da cilada,
D· sobre o Rei que cerca a vila forte?
J· o Rei tem preso e a vila descercada:
Ilustre feito, digno de Mavorte!
VÍ-lo c· vai pintado nesta armada,
No mar tambÊm aos Mouros dando a morto,
Tomando-lhe as galÊs, levando a glÛria
Da primeira marítima vitÛria.

17

"..., Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Com o fogo que acendeu junto da serra
De Abila, nas galÊs da Maura gente.
Olha como, em t.,o justa e santa guerra,
De acabar pelejando est· contente:
Das m.,os dos Mouros entra a feliz alma,
Triunfando, nos cÊus, com justa palma.

18

"N.,o vís um ajuntamento, de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando santa prova?
Olha Henrique, famoso cavaleiro,
A palma que lhe nasce junto ‡ cova.
Por eles mostra Deus milagre visto:
Germanos s.,o os m·rtires de Cristo.

19

"Um Sacerdote ví brandindo a espada
Contra Arronches, que toma, por vinganÁa
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lanÁa:
... TeotÛnio, Prior. Mas ví cercada
SantarÊm, e ver·s a seguranÁa
Da figura nos muros, que primeira
Subindo, ergueu das Quinis a bandeira.

20

"VÍ-lo c·, donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vand·lia em fera guerra;
Os inimigos rompendo, o alferes mata
E o Hisp·lico pend.,o derriba em terra:
Mem Moniz Ê, que em si o valor retrata,
Que o sepulcro do pai com os ossos cerra,
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contr·ria derriba e a sua exalta.

21

"Olha aquele que desce pela lanÁa?
Com as duas cabeÁas dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcanÁa
A cidade por manhas e ousadias.
Ela por armas toma a semelhanÁa
Do cavaleiro, que as cabeÁas frias
Na m.,o levava (feito nunca feito!)
Giraldo Sem-pavor È o forte peito.

22

"N.,o vís um Castelhana, que agravado
De Afonso nono rei, pelo Údio antigo
Dos de Lara, com os Mouros È deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes vila toma, acompanhado
Dos duros infiÈis que traz consigo.
Mas ví que um Portuguís com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente.

23

"Martim Lopes se chama o cavaleiro,
Que destes levar pode a palma e o louro.
Mas olha um Eclesi-stico guerreiro,
Que em lanÁa de aÁo torna o Bago de ouro.
VÍ-lo entre os duvidosos t.,o inteiro
Em n.,o negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o sinal no cÈu que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforÁo cresce.

24

"VÙs? v.,o os Reis de CÙrdova e Sevilha
Rotos, com os outros dois, e n.,o de espaÁo.
Rotos? mas antes mortos, maravilha
Feita de Deus, que n.,o de humano braÁo.
Vís? j· a vila de Alc·Áare se humilha,
Sem lhe valer defesa, ou muro de aÁo,
A Dom Mateus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa da palma ali coroa.

25

"Olha um Mestre que desce de Castela,
Portuguís de naÁ.,o, como conquista
A terra dos Algarves, e j· nela
N.,o acha quem por armas lhe resista;
Com manha, esforÁo, e com benigna estrela,
Vilas, castelos toma ‡ escala vista.
Vís Tavila tomada aos moradores,
Em vinganÁa dos sete caÁadores!

26

"Vís? com bÈlica ast'cia ao Mouro ganha
Silves, que ele ganhou com forÁa ingente:
... Dom Paio Correia, cuja manha
E grande esforÁo faz inveja ‡ gente.
Mas n.,o passes os trís que em FranÁa e Espanha
Se fazem conhecer perpetuamente
Em desafios, justas e torneios,
Nelas deixando p'blicos trofÈus.

27

"VÍ-los, com o nome vím de aventureiros
A Castela, onde o preÁo sÛs levaram
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de alguns se exercitaram.
VÍ mortos os soberbos cavaleiros,
Que o principal dos trís desafiaram,
Que GonÁalo Ribeiro se nomeia,
Que pode n,,o temer a lei Leteia.

28

"Atenta num, que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta;
Que a p·tria, que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros ombros a sustenta.
N,,o no vís tinto de ira, que reprende
A vil desconfianÁa inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e n,,o de alheio?

29

"Olha: por seu conselho e ousadia
De Deus guiada sÛ, e de santa estrela,
SÛ pode o que impossível parecia:
Vencer o povo ingente de Castela.
Vís, por ind'stria, esforÁo e valentia,
Outro estrago e vitÛria clara e bela,
Na gente, assim feroz como infinita,
Que entre o Tarteso e Goadiana habita?

30

"Mas n,,o vís quase j· desbaratado
O poder Lusitano, pela ausÍncia
Do Capit,,o devoto, que, apartado
Orando invoca a suma e trina EssÍncia?
VÍ-lo com pressa j· dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistÍncia
Contra poder tamanho, e que viesse,
Por que consigo esforÁo aos fracos desse?

31

"Mas olha com que santa confianÁa,
--Que inda n,,o era tempo,--respondia,
Como quem tinha em Deus a seguraria
Da vitÛria que logo lhe daria.
Assim Pompílio, ouvindo que a possanÁa
Dos inimigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
-"Pois eu, responde, estou sacrificando."--

32

"Se quem com tanto esforÁo em Deus se atreve,
Ouvir quiseses como se nomeia,
Portuguís Cipi,,o chamar-se deve;
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arreia:
Ditosa p·tria que tal filho teve!
Mas antes pai, que enquanto o Sol rodeia
Este globo de Ceres e Netuno,
Sempre suspirar· por tal aluno.

33

"Na mesma guerra ví que presas ganha
Estoutro Capit.,o de pouca gente;
Comendadores vence e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente.
Outra vez ví que a lanÁa em sangue banha
Destes, sÛ por livrar com o amor ardente
O preso amigo, preso por leal:
Píro Rodrigues É do Landroal.

34

"Olha este desleal o como paga
O perj'rio que fez e vil engano:
Gil Fernandes É de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o 'ltimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quase alaga
Com o sangue de seus donos Castelhana.
Mas olha Rui Pereira, que com o rosto
Faz escudo ‡s galÊs, diante posto.

35

"Olha que dezessete Lusitanos,
Neste outeiro subidos se defendem,
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor, pelos tomar, se estendem;
PorÊm logo sentiram, com seus danos,
Que n.,o sÛ se defendem, mas ofendem:
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.

36

"Sabe-se antigamente que trezentos
J- contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se ilustraram,
E deles alcanÁando vencimentos
Memor-veis, de heranÁa nos deixaram
Que os muitos, por ser poucos, n.,o temamos:
O que depois mil vezes amestramos.

37

"Olha c- dois infantes, Pedro e Henrique,
ProgÊnie generosa de Joane:
Aquele faz que fama ilustre fique
Dele em Germ,nia, com que a morte engane;
Este, que ela nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura t'mida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

38

"Vís o conde Dom Pedro, que sustenta
Dois cercos contra toda a Barbaria?
Vís, outro Conde est-, que representa
Em terra Marte, em forÁas e ousadia;
De poder defender se n.,o contenta
Alc-cere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.

39

"Outros muitos verias, que os pintores
Aqui também por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,
Honra, prêmio, favor, que as artes criam:
Culpa dos viciosos sucessores,
Que degeneram, certo, e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

40

"Aqueles pais ilustres que já deram
Princípio à geração que deles pende,
Pela virtude muito então fizeram,
E por deixar a casa, que descende.
Cegos, que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama e rumor deles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com o deixar descansos corruptores.

41

"Outros também há grandes e abastados,
Sem nenhum tronco ilustre donde venham;
Culpa de Reis, que às vezes a privados
Dão mais que a mil, que esforço e saber tenham.
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que cores vão, não convenham,
E, como a seu contrário natural,
A pintura, que fala, querem mal.

42

"Não nego que há contudo descendentes
Do generoso tronco, e casa rica,
Que com costumes altos e excelentes,
Sustentam a nobreza que o fica;
E se a luz dos antigos seus parentes
Neles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura.
Mas destes acha poucos a pintura."

43

Assim está declarando os grandes feitos
O Gama, que ali mostra a verdadeira tinta,
Que a douta mão, o terno, o claros, o perfeitos,
Do singular artífice ali pinta.
Os olhos tinha prontos e direitos
O Catual na história bem distinta;
Mil vezes perguntava e mil ouvia
As gostosas batalhas que ali via.

44

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do Horizonte e luminosa
Levava aos Antípodas o dia,
Quando o Gentio e a gente generosa
Dos Naires da nau forte se partia
A buscar o repouso que descansa
Os lassos animais, na noite mansa.

45

Entretanto os Ar'spices famosos
Na falsa opini„o, que em sacrificios
Anteviem sempre os casos duvidosos,
Por sinais diabŰlicos e indícios,
Mandados do Rei prŰprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus ofícios
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ‡s suas terras vem da ignota Espanha.

46

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpŰtuo, eterno cativoiro,
DestruirÁ„o de gente, e de valia.
Vai-se espantado o atŰnito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos que alcanÁara
Nas entranhas das vřtimas que olhara.

47

A isto mais se ajunta que um devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos Űdios concebidos n„o remoto
Contra a divina FŰ, que tudo excede,
Em forma do Profeta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus Űdios ainda se n„o desse.

48

E diz-lhe assim: "Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se aparelha pelo inimigo
Que pelas guas midas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo."
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho; mas consigo
Cuida que n„o Ű mais que sonho usado:
Torna a dormir quieto e sossegado.

49

Torna Baco, dizendo: "N„o conheces
O gr„ legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual fŰreis muitos batizados?
Eu por ti, rudo, velo; e tu adormeces!
Pois saber-s que aqueles, que chegados
De novo s„o, ser„o muito grande dano
Da lei que eu dei ao nŰscio povo humano.

50

"Enquanto Ű fraca a forÁa desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque, quando o Sol sai, facilmente
Se pode nele pŰr a aguda vista;
PorŰm, depois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
T„o cega fica, quanto ficareis,
Se ralzes criar lhe n„o tolheis."

51

Isto dito, ele e o sono se despede.
Tremendo fica o atônito Agareno:
Salta da cama, lume ao servos pede,
Lavrando nele o fervido veneno.
Tanto que a nova luz que ao Sol precede
Mostrara rosto angélico e sereno,
Convoca os principais da torpe seita,
Aos quais do que sonhou d' conta estreita.

52

Diversos pareceres e contrários
Ali se dão, segundo o que entendiam;
Astutas traições, enganos vários,
Perfídias inventavam e teciam.
Mas, deixando conselhos temerários,
Destruíram o da gente pretendiam,
Por manhas mais subtis e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores;

53

Com peitas, ouro, e divas secretas
Conciliam da terra os principais,
E com razies notáveis e discretas
Mostram ser perdidos dos naturais,
Dizendo que são gentes inquietas,
Que, os mares discorrendo ocidentais,
Vivem só de piráticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou divinas

54

" quanto deve o Rei que bem governa,
De olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciência e de virtude interna
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como este posto na suprema
Cadeira, pode mal dos apartados
Negócios ter notícia mais inteira,
Do que lhe der a língua conselheira.

55

Nem tão pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciência limpa e certa,
Que se enleve num pobre e humilde manto,
Onde ambição acaso ande encoberta.
E quando um bom em tudo é justo e santo,
Em negócios do mundo pouco acerta,
Que mal com eles poder ter conta
A quieta inocência, em só Deus pronta.

56

Mas aqueles avaros Catuais,
Que o Gentílico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Português despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei um sinal certo
Do mundo, que deixava descoberto.

57

Nisto trabalha s'U; que bem sabia
Que depois que levasse esta certeza,
Armas, o naus, e gente mandaria
Manuel, que exercita a suma alteza,
Com que a seu jugo e lei someteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que ele n.,o era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.

58

Falar ao Rei gentio determina,
Por que com seu despacho se tornasse,
Que j. sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei, que da not'cia falsa e indina
N.,o era de espantar se se espantasse,
Que t.,o cr'Edulo era em seus agouros,
E mais sendo afirmados pelos Mouros,

59

Este temor lhe esfria o baixo peito.
Por outra parte a for'Áa da cobi'Áa,
A quem por natureza est. sujeito,
Um desejo imortal lhe acende e ati'Áa:
Que bem ví que grand'issimo proveito
Far., se com verdade e com justi'Áa
O contrato fizer por longos anos,
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

60

Sobre isto, nos conselhos que tomava,
Achava muito contr.rios pareceres;
Que naqueles com quem se aconselhava
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capit.,o chamar mandava,
A quem chegado disse:--"Se quiseses
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perd.,o alcan'Áar-s da culpa tua.

61

Fala do Samorim ao Gama
"Eu sou bem informado que a embaixada
Que de teu Rei me deste, que È fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem p.tria amada,
Mas vagabundo v.s passando a vida;
Que quem da Hesp'Èria 'ltima alongada,
Rei ou senhor de ins,nia desmedida,
H. de vir cometer com naus e frotas
T.,o incertas viagens e remotas?

62

"E se de grandes Reinos poderosos
O teu Rei tem a r'Ègia majestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinais de tua inc'Ugnita verdade?
Com pe'Áas e dons altos, sumptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade;
Que sinal nem penhor n.,o È bastante
As palavras dum vago navegante.

63

"Se porventura vindes desterrados,
Como j· foram homens de alta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra É p·tria para o forte;
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de inf·mia ou morte,
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade."

64

Isto assim dito, o Gama, que j· tinha
Suspeitas das insl·dias que ordenava
O Mallom·tico Údio, donde vinha
Aquilo que t·,o mal o Rei cuidava,
Com uma alta confianÁa, que convinha,
Com que seguro cr·dito alcanÁava,
Que V·nus Acid·lia lhe influía,
Tais palavras do s·bio peito abria:

65

"Se os antigos delitos, que a malícia
Humana cometeu na prisca idade,
N·,o causaram que o vaso da niquícia,
AÁoute t·,o cruel da Cristandade,
Viera p·Ur perp·tua inimicícia
Na geraÁ·,o de Ad·,o, coa falsidade,
" poderoso Rei da torpe seita,
N·,o conceberas tu t·,o m· suspeita.

66

"Mas porque nenhum grande bem se alcanÁa
Sem grandes opressies, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperanÁa,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu t·,o pouca confianÁa
Desta minha verdade, sem respeito
Das razies em contr·rio que acharias
Se n·,o cresses a quem n·,o crer devias.

67

"Porque, se eu de rapinas s·vivesse,
Und·lvago, ou da p·tria desterrado,
Como cr·ls que t·,o longe me viesse
Buscar assento inc·gnito e apartado?
Por que esperanÁas, ou por que interesse
Viria experimentando o mar irado,
Os Antarticos frios, e os ardores
Que sofrem do Carneiro os moradores?

68

"Se com grandes presentes de alta estima
O cr·dito me pedes do que digo,
Eu n·,o vim mais que a achar o estranho clima
Onde a natura p·Us teu Reino antigo.
Mas, se a Fortuna tanto me sublima
Que eu torne ‡ minha p·tria e Reino amigo,
Ent·,o ver·s o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

69

"Se te parece inopinado feito,
Que Rei da 'ltima HespÈria a ti me mande,
O coraÁ,,o sublime, o rÈgio peito,
Nenhum caso possível tem por grande.
Bem parece que o nobre e gr,, conceito
Do Lusitano espÌrito demande
Maior crÈdito, e fÈ de mais alteza,
Que creia dele tanta fortaleza.

70

"Sabe que h· muitos anos que os antigos
Reis nossos firmemente propuseram
De vencer os trabalhos e perigos,
Que sempre ãs grandes coisas se opuseram;
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.

71

"Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arrou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro.
Este, por sua ind'stria e engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pÙde a parte, que faz clara
De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara.

72

"Crescendo com os sucessos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que uns, sucedendo aos outros, prosseguiram.
De jfrica os moradores derradeiros
Austrais, que nunca as sete flamas viram,
Foram vistos de nÙs, atr-s deixando
Quantos est,,o os TrÚpicos queimando.

73

"Assim com firme peito, e com tamanho
PropÙsito, vencemos a Fortuna,
AtÈ que nÙs no teu terreno estranho
Viemos pÙr a 'ltima coluna.
Rompendo a forÁa do lÌquido estanho,
Da tempestade horrÌfica e importuna,
A ti chegamos, de quem sÙ queremos
Sinal, que ao nosso Rei de ti levemos.

74

"Esta È a verdade, Rei; que n,,o faria
Por t,,o incerto bem, t,,o fraco prÈmio,
Qual, n,,o sendo isto assim, esperar podia,
T,,o longo, t,,o fingido e v,,o proÍmio;
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero grÍmio
Da madre Tethys, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

75

"Assim que, Ô Rei, se minha gr., verdade
Tens por qual Ê, sincera e n.,o dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
N.,o me impeÁas o gosto da tornada.
E, se ainda te parece falsidade,
Cuida bem na raz.,o que est· provada,
Que com claro julzo pode ver-se,
Que f·cil Ê a verdade de entender-se."

76

A tento estava o Rei na seguranÁa
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele certa confianÁa,
CrÊdito firme em quanto proferia.
Pondera das palavras a abastanÁa,
Julga na autoridade gr.,o valia,
ComeÁa de julgar por enganados
Os Catuais corruptos, mal julgados.

77

Juntamente a cobiÁa do proveito,
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer e ter respeito
Com o Capit.,o, e n.,o com o Mauro engano.
Enfim ao Gama manda que direito
As naus se v·, e, seguro de algum dano,
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaría troque e venda.

78

Que mande da fazenda, enfim, lhe manda,
Que nos Reinos GangÊticos faleÁa;
Se alguma traz idÛnea l· da banda
Donde a terra se acaba e o mar comeÁa.
J· da real presenÁa veneranda
Se parte o Capit.,o, para onde peÁa
Ao Catual, que dele tinha cargo,
EmbarcaÁ.,o, que a sua est· de largo.

79

EmbarcaÁ.,o que o leve ‡s naus lhe pede;
Mas o mau Regedor, que novos laÁos
Lhe maquinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanÁas e embaraÁos.
Com ele parte ao cais, por que o arrede
Longe quanto puder dos rÊgios paÁos,
Onde, sem que seu Rei tenha notÍcia,
FaÁa o que lhe ensinar sua malÍcia.

80

L· bem longe lhe diz que lhe daria
EmbarcaÁ.,o bastante em que partisse,
Ou que para a luz cr·stina do dia
Futuro sua partida diferisse.
J· com tantas tardanÁas entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na m· tenÁ.,o dos Mouros, torpe e fera,
O que dele atÊli n.,o entendera.

81

Era este Catual um dos que estavam
Corruptos pela Maumetana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente.
Dele somente os Mouros esperavam
Efeito a seus enganos torpemente.
Ele, que no conceito vil conspira,
De suas esperanÁas n,,o delira.

82

O Gama com inst,ncia lhe requiere
Que o mande pÙr nas naus, e n,,o lhe vai;
E que assim lhe mandara, lhe refere,
O nobre sucessor de Perimal.
Por que raz,,o lhe impede e lhe difere
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquilo que os Reis j- tÍm mandado
N,,o pode ser por outrem derogado.

83

Pouco obedece o Catual corrupto
A tais palavras; antes revolvendo
Na fantasia algum subtil e astuto
Engano diabÙlico e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue avorrecido, estava vendo;
Ou como as naus em fogo lhe abrasasse,
Por que nenhuma ‡ p·tria mais tornasse.

84

Que nenhum torne ‡ p·tria sÙ pretende
O conselho infernal dos Maumetanos,
Por que n,,o saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
N,,o parte o Gama enfim, que lho defende
O Regedor dos b·rbaros profanos;
Nem sem licenÁa sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

85

Aos brados o razies do Capit,,o
Responde o Idolatra que mandasse--
Chegar ‡ terra as naus, que longo est,,o,
Por que melhor dali fosse e tornasse.
"Sinal È de inimigo e de ladr,,o,
Que l- t,,o longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
... n,,o temer do seu nenhum perigo."

86

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem que as naus deseja perto
O Catual, por que com f erro e flama,
Lhas assalte, por Ûdio descoberto.
Em v·rios pensamentos se derrama;
Fantasiando est· remÈdio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo enfim cuidava.

87

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aÁo, ou de cristal formoso,
Que, do raio solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoso,
E, sendo da ociosa m„o movido
Pela casa do moÁo curioso,
Anda pelas paredes E telhado
Trímulo, aqui e ali, e dessossegado:

88

Tal o vago julzo flutuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperava
Na praia com os batÊis, como ordenara.
Logo secretamente lhe mandava,
"Que se tornasse ‡ frota, que deixara;
N„o fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Maumetanos."

89

Tal h· de ser quem quer, com o dom de Marte,
Imitar os ilustres e igual·-los:
Voar com o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos, e evit·-los:
Com militar engenho e subtil arte
Entender os inimigos, e engan·-los;
Crer tudo, enfim, que nunca louvarei
O Capit„o que diga: "N„o cuidei".

90

Insiste o Malabar em tí-lo preso,
Se n„o manda chegar a terra a armada;
Ele constante, e de ira nobre aceso,
Os ameaÁos seus n„o teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malícia ousada
Lhe andar armando, que pÙr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

91

Aquela noite esteve ali detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei; mas impedido
Foi da guarda que tinha, n„o pequena.
Comete-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo ou pena,
Se sabe esta malícia, a qual asinha
Saber·, se mais tempo ali o detinha.

92

Diz-lhe "que mande vir toda a fazenda
Vendível, que trazia, para a terra,
Para que de vagar se troque e venda:
Que quem n„o quer comÊrcio, busca guerra.
Posto que os maus propÙsitos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade,
Que compra com a fazenda a liberdade.

93

Concertam-se que o negro mande dar
Embarcações idôneas com que venha;
Que os seus batéis n.,o quer aventurar
Onde lhos tome o inimigo, ou lhos detenha.
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha.
Escreve a seu irm.,o que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse.

94

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual;
Com ela ficam Ilvaro e Diogo,
Que a pudessem vender pelo que val.
Se mais que obrigações, o, que mando e rogo
No peito vil o prêmio pode e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

95

Por ela o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capit.,o mais tempo detivesse.
Ele, vendo que já lhe n.,o convinha
Tornar a terra, por que n.,o pudesse
Ser mais retido, sendo já naus chegado
Nelas estar se deixa descansado.

96

Nas naus estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre:
Que n.,o se fia já do cobiçoso
Regedor corrompido e pouco nobre.
Veja agora o julzo curioso
Quanto no rico, assim como no pobre,
Pode o vil interesse e sede inimiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

97

A Polidoro mata o Pteirêlçio,
Só por ficar senhor do gr.,o tesouro;
Entra, pelo fortíssimo edifício,
Com a filha de Acriso a chuva d'ouro;
Pode tanto em Tarpeia avaro vício,
Que, a troco do metal luzente e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quase afogada em pago morre.

98

Este rende munidas fortalezas,
Faz treedores e falsos os amigos:
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capit.,es aos inimigos;
Este corrompe virginais purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
Este deprava às vezes as ciências,
Os julzos cegando e as consciências;

99

Este interpreta mais que sutilmente.
Os textos; este faz e desfaz leis;
Este causa os perj'rios entre a gente,
E mil vezes tiranos torna os Reis.
At' os que s' a Deus Onipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis
Que corrompe este encantador, e ilude;
Mas n' o sem cor, contudo, de virtude.

Canto Nono

1

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dois feitores
Que os infi'is, por manha e falsidade,
Fazem que n' o lha comprem mercadores;
Que todo seu prop'usito e vontade
Era deter ali os descobridores
Da 'ndia tanto tempo, que viessem
De Meca as naus, que as suas desfizessem.

2

L' no seio Eritreu, onde fundada
Ars'noe foi do Egi'cio Ptolomeu,
Do nome da irm' sua assim chamada,
Que depois em Suez se converteu,
N' o longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a supersti'ia, o falsa e profana
Da religiosa 'gua Maumetana.

3

Gid' se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florescia,
De que tinha proveito grande e grato
O Sold' o que esse Reino possu'a.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infi'is, formosa companhia
De grandes naus, pelo 'ndico Oceano,
Especiaria vem buscar cada ano.

4

Por estas naus os Mouros esperavam,
Que, como fossem grandes e possantes,
Aqueles, que o com'ercio lhe tomavam,
Com flamas abrasassem crepitantes.
Neste socorro tanto confiavam,
Que j' n' o querem mais dos navegantes,
Sen' o que tanto tempo ali tardassem,
Que da famosa Meca as naus chegassem.

5

Mas o Governador dos c'us e gentes,
Que, para quanto tem determinado,
De longe os meios d' convenientes,
Por onde vem a ef'eito o fim fadado,
Influiu piedosos acidentes
De afei'ia, o em Mon'aida, que guardado

Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraíso.

6

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como eles, antes era
Participante em quanto maquinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera.
Muitas vezes as naus que longe estavam
Visita, o com piedade considera
O dano, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

7

Informa o cauto Gama das armadas
Que de Arábia Meca vêm cada ano,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano.
Diz-lhe que vêm de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que pode ser delas oprimido,
Segundo estava mal apercebido.

8

O Gama, que também considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Maumetanos ama,
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem às naus; e por que a fama
Desta súbita vinda os não impeça,
Lhe manda que a fizessem escondida.

9

Porém não tardou muito que, voando,
Um rumor não soasse com verdade:
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do súbio Capitão, com brevidade
Faz represaria nuns, que às naus vieram
A vender a pedraria que trouxeram.

10

Eram estes antigos mercadores
Ricos em Calecu, e conhecidos;
Da falta deles, logo entre os melhores
Sentido foi que estão no mar retidos.
Mas já nas naus os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram com o peito duro a barra;

11

Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava,
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa com que a armada se levava.
As mulheres e filhos que se matam
Daqueles que vão presos, onde estava

O Samorim, se queixam que perdidos
Uns têm os pais, as outras os maridos.

12

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente
Apesar dos inimigos Maumetanos,
Por que lhe torne a sua presa gente.
Desculpas manda o Rei de seus enganar;
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos que as desculpas, e tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

13

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão, o com o Rei gentio trabalhava
Em querer dele paz, a qual pretende
Por firmar o comércio que tratava.
Mas como aquela terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna a pátria cara,
Certos sinais levando do que achara.

14

Leva alguns Malabares, que tomou
Por forçaa, dos que o Samorim mandara
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara;
A seca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, com a canela,
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.

15

Isto tudo lhe houvera a diligência
De Monáide fiel, que também leva,
Que, inspirado de angélica influência,
Quer no livro de Cristo que se escreva.
”ditoso Africano, que a clemência
Divina assim tirou de escura treva,
E tão longe da pátria achou maneira
Para subir a pátria verdadeira!

16

Apartadas assim da ardente costa
As venturosas naus, levando a proa
Para onde a Natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa,
Levando alegres novas e resposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos;

17

O prazer de chegar a pátria cara,
A seus penates caros e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os vários céus e gentes;
Vir a lograr o prêmio, que ganhara
Por tão longos trabalhos e acidentes,

Cada um tem por gosto t.,o perfeito,
Que o coraÁ.,o para ele É vaso estreito.

18

PorEm a deusa Cìpria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
Do Padre eterno, e por bom gÈnio dada,
Que sempre os guia j· de longos anos;
A glÙria por trabalhos alcanÁada,
SatisfaÁ.,o de bem sofridos danos,
Lhe andava j· ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

19

Depois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos, que pelo Deus nascido
Nas AnfiÙneas Tebas se causaram;
J· trazia de longe no sentido,
Para prÈmio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No Reino de cristal lÌquido e manso;

20

Algum repouso, enfim, com que pudesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho que encurta a breve idade.
Parece-lhe raz.,o que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os Deuses faz descer ao vil terreno
E os humanos subir ao cÈu sereno.

21

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada, l· no meio
Das ·guas, alguma Ìnsula divina,
Ornada de esmaltado e verde arreio;
Que muitas tem no reino, que confina
Da m.,e primeira com o terreno seio,
Afora as que possui soberanas
Para dentro das portas Herculanais.

22

Ali quer que as aqu·ticas donzelas
Esperem os fortÌssimos barões,
Todas as que têm tÌtulo de belas,
GlÙria dos olhos, dor dos coraÁies,
Com danÁas e coreias, porque nelas
Influir· secretas afeiÁies,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar, a quem se afeiÁoaram.

23

Tal manha buscou j·, para que aquele
Que de Anquises pariu, bem recebido
Fosse no campo que a bovina pele
Tomou de espaÁo, por subtil partido.
Seu filho vai buscar, porque sÙ nele
Tem todo seu poder, fero Cupido,

Que assim como naquela empresa antiga
Ajudou j·, nestoutra a ajude e siga.

24

No carro ajunta as aves que na vida
V.,o da morte as exÈquias celebrando,
E aquelas em que j· foi convertida
Perlistera, as boninas apanhando.
Em derredor da Deusa j· partida,
No ar lascivos beijos se v.,o dando.
Ela, por onde passa, o ar e o vento
Serenos faz, com brandos movimentos.

25

J· sobre os Id·lios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava ent.,o
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer uma famosa expediÁ.,o
Contra o mundo rebelde, por que emende
Erros grandes, que h· dias nele est.,o,
Amando coisas que nos foram dadas,
N.,o para ser amadas, mas usadas.

26

Via Acteon na caÁa t.,o austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir um feio animal fero,
Foge da gente e bela forma humana;
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se n.,o seja ainda comido
Desses c.,es que agora ama, e consumido.

27

E ví do mundo todos os principais,
Que nenhum no bem p·blico imagina;
VÍ neles que n.,o têm amor a mais
Que a si somente, e a quem Fil·ucia ensina.
VÍ que esses que frequentam os reais
PaÁos, por verdadeira e s., doutrina
Vendem adulaÁ.,o, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florescente.

28

VÍ que aqueles que devem ± pobreza
Amor divino e ao povo caridade,
Amam somente mandos e riqueza,
Simulando justiÁa e integridade.
Da feia tirania e de aspereza
Fazem direito e v., severidade:
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo s·o perecem.

29

VÍ, enfim, que ninguém ama o que deve,
Sen.,o o que somente mal deseja;
N.,o quer que tanto tempo se releve
O castigo, que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, por que leve
ExÈrcitos conformes ± peleja,

Que espera ter com a mal regida gente,
Que lhe n,,o for agora obediente.

30

Muitos destes meninos voadores
Est,,o em v·rias obras trabalhando:
Uns amolando ferros passadores,
Outros ·steas de setas delgaÁando;
Trabalhando, cantando est,,o de amores,
V·rios casos em verso modulando,
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angÈlica a soada.

31

Nas fr·goas imortais, onde forjavam
Para as setas as pontas penetrantes,
Por lenha coraÁies ardendo estavam,
Vivas entranhas ainda palpitantes.
As ·guas onde os ferros temperavam,
L·grimas s,,o de m·seros amantes;
A viva f·lama, o nunca morto lume,
Desejo È s· que queima, e n,,o consume.

32

Alguns exercitando a m,,o andavam
Nos duros coraÁies da plebe rude;
Crebros suspiros pelo ir soavam
Dos que feridos v,,o da seta aguda.
Formosas Ninfas s,,o as que curavam
As chagas recebidas cuja ajuda
N,,o somente d· vida aos mal feridos,
Mas pie em vida os ainda n,,o nascidos.

33

Formosas s,,o algumas e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veias
Curam-no ‡s vezes ·speras triagas.
Alguns ficam ligados em cadeias,
Por palavras subtis de s·bias magas:
Isto acontece ‡s vezes, quando as setas
Acertam de levar ervas secretas.

34

Destes tiros assim desordenados,
Que estes moÁos mal destros v,,o tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido miserando;
E tamboril nos her·is de altos estados
Exemplos mil se v·em de amor nefando,
Qual o das moÁas B·bli e Cinireia,
Um mancebo de Ass·ria, um de Judeia.

35

E v·s, · poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, v·s, senhoras,
TambÈm vos tomam nas Vulc·neas redes.
Uns esperando andais noturnas horas,
Outros subis telhados e paredes:

Mas eu creio que deste amor indino
... mais culpa a da m,,e que a do menino.

36

Mas j· no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente,
E Dione, que as rosas entro a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o cEu se atreve,
A recebÍ-la vem, ledó e contente;
VÍm todos os Cupidos servidores
Beijar a m,,o ‡ Deusa dos amores.

37

Ela, por que n,,o gaste o tempo em v,,o,
Nos braÁos tendo o filho, confiada
Lhe diz: "Amado filho, em cuja m,,o
Toda minha potÍncia est· fundada;
Filho, em quem minhas forÁas sempre est,,o;
Tu, que as armas Tifeias tens em nada,
A socorrer-me a tua potestade
Me traz especial necessidade.

38

"Bem vÍs as Lusit,nicas fadigas,
Que eu j· de muito longe favoreÁo,
Porque das Parcas sei, minhas amigas,
Que me h,,o de venerar e ter em preÁo.
E, porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me ofereÁo
A lhe dar tanta ajuda, em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

39

"E porque das insÍdias do odioso
Baco foram na Ōndia molestados,
E das injÍrias sUs do mar undoso
Puderam mais ser mortos que cansados,
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquele prEmio e doce glÚria
Do trabalho, que faz clara a memÚria.

40

"E para isso queria que, feridas
As filhas de Nereu, no ponto fundo,
De amor dos Lusitanos incendidas,
Que vÍm de descobrir o novo mundo,
Todas numa ilha juntas e subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terei aparelhada,
De dons de Flora e ZÊfiro adornada;

41

"Ali, com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odorÍferos e rosas,
Em cristalinos paÁos singulares
Formosos leitos, e elas mais formosas;
Enfim, com mil deleites n,,o vulgares,
Os esperem as Ninfas amorosas,

De amor feridas, para lhes entregarem
Quanto delas os olhos cobiçarem.

42

"Quero que haja no reino Netunino,
Onde eu nasci, proveja forte e bela,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potência se rebela,
Por que entendam que muro adamantino,
Nem triste hipocrisia val contra ela:
Mal haver na terra quem se guarde,
Se teu fogo imortal nas águas arde."

43

Assim Vênus propôs, e o filho iníquo,
Para lhe obedecer, já se apercebe:
Manda trazer o arco ebúrneo rico,
Onde as setas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cípria, e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe;
A rã larga às aves, cujo canto
A Factútea morte chorou tanto.

44

Mas diz Cupido, que era necessária
Uma famosa e célebre terceira,
Que, posto que mil vezes lhe é contrária,
Outras muitas a tem por companheira:
A Deusa Giganteia, temerária,
Jactante, mentirosa, e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

45

Vão-a buscar, e mandam adiante,
Que celebrando vão com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
Já murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara:
Fala verdade, havida por verdade,
Que junto a Deusa traz Credulidade.

46

O louvor grande, o rumor excelente
No coração dos Deuses, que indignados
Foram por Baco contra a ilustre gente,
Mudando, os fez um pouco afeiçoados.
O peito feminino, que levemente
Muda quaisquer propósitos tomados,
Já julga por mau zelo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

47

Despede nisto o feroz moço as setas
Uma após outra: geme o mar com os tiros;
Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vão, e algumas fazem giros;
Caem as Ninfas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos suspiros;

Cai qualquer, sem ver o vulto que ama:
Que tanto, como a vista, pode a fama.

48

Os cornos ajuntou da eb'rneia lua
Com forÁa o moÁo indŪmito excessiva,
Que Tethys quer ferir mais que nenhuma,
Porque mais que nenhuma lhe era esquivã.
J· n,,o fica na aljava seta alguma,
Nem nos equŪreos campos Ninfa viva;
E se feridas ainda est,,o vivendo,
Ser· para sentir que v,,o morrendo.

49

Dai lugar, altas e cer'leas ondas,
Que, vedes, VĒnus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vím por cima da ·gua Netunina.
Para que tu recìproco respondas,
Ardente Amor, ‡ flama feminina,
..., forÁado que a pudicìcia honesta
FaÁa quanto lhe VĒnus amoesta.

50

J· todo o belo coro se aparelha
Das Nereidas, e junto caminhava
Em coreias gentis, usanÁa velha,
Para a ilha, a que VĒnus as guiava.
Ali a formosa Deusa lhe aconselha
O que ela fez mil vezes, quando amava.
Elas, que v,,o do doce amor vencidas,
Est,,o a seu conselho oferecidas.

51

Cortando v,,o as naus a larga via
Do mar ingente para a p·tria amada,
Desejando prover-se de ·gua fria,
Para a grande viagem prolongada,
Quando juntas, com s'bita alegria,
Houveram vista da ilha namorada,
Rompendo pelo cĒu a m,,e formosa
De MenŪnio, suave e deleitosa.

52

De longe a Ilha viram fresca e bela,
Que VĒnus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava;
Que, por que n,,o passassem, sem que nela
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naus navegam a movia
A Acid·lia, que tudo enfim podia.

53

Mas firme a fez e imŪvel, como viu
Que era dos Nautas vista e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pariu
Latona Febo e a Deusa ‡ caÁa usada.
Para l· logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia uma enseada

Curva e quieta, cuja branca areia,
Pintou de ruivas conchas Citereia.

54

Três formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam..
Na formosa ilha alegre e deleitosa;
Claras fontes o límpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora Nífa fugitiva.

55

Num vale ameno, que os outeiros fende,
Vinhão as claras águas ajuntar-se,
Onde uma mesa fazem, que se estende
Tão bela quanto pode imaginar-se;
Arvoredo gentil sobre ela pende,
Como que pronto está para afeitar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

56

Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos:
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos;
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira com os pesos amarelos;
Os formosos lírios ali, cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.

57

As árvores agrestes que os outeiros
Têm com frondente coma enobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados e queridos;
Mirtos de Citereia, com os pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;
Estão apontando o agudo cipariso
Para onde está posto o etéreo paraíso.

58

Os dons que dá Pomona, ali Natura
Produce diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito melhores:
As cerejas purpúreas na pintura,
As amoras, que o nome têm de amores,
O pomo que da pátria Pérsia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

59

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu prelo perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, com uns cachos roxos e outros verdes;
E vê, se na vossa árvore fecunda,
Pera piramidais, viver quisesdes,

Entregai-vos ao dano, que, com os bicos,
Em vós fazem os passaros inicos.

60

Pois a tapeária bela e fina,
Com que se cobre o rústico terreno,
Faz ser a de Aquemênia menos diria,
Mas o sombrio vale mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cifisia inclina
Súbolo tanque lícido e sereno;
Floresce o filho e neto de Ciniras,
Por quem tu, Deusa Páfia, inda suspiras.

61

Para julgar, difícil coisa fora,
No céu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lhe dá, o a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas da cor dos amadores;
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual reluz nas faces da donzela;

62

A cándida cecém, das matutinas
Lágrimas rociada, e a manjarona.
Vêm-se as letras nas flores Hiacintinas,
Tão queridas do filho de Latona.
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Cloris com Pomona.
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animais o chão povoam.

63

Ao longo da água o nêveo cisne canta,
Responde-lhe do ramo filomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon, nêgua cristalina e bela;
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou tímida gazela;
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

64

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as belas Deusas, como incautas.
Algumas doces cítaras tocavam,
Algumas harpas e sonoras flautas,
Outras com os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animais, que não seguiam.

65

Assim lhe aconselhara a mestra experta;
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na forma descoberta
Do belo corpo estavam confiadas,

Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar-se deixam na ·gua pura,

66

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pÊs, de terra cobiÁosos,
Que n,,o h· nenhum deles que n,,o saia
De acharem caÁa agreste desejosos,
N,,o cuidam que, sem laÁo ou redes, caia
CaÁa naqueles montes deleitosos,
T,,o suave, domÊstica e benigna,
Qual ferida lha tinha j· Ericina.

67

Alguns, que em espingardas e nas bestas,
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lanÁavam:
Outros, nas sombras, que de as altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da ·gua que, suave e queda,
Por alvas pedras corre ‡ praia leda.

68

ComeÁam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos v·rias cores,
Cores de quem a vista julga e sente
Que n,,o eram das rosas ou das flores,
Mas da l,, fina e seda diferente,
Que mais incita a forÁa dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

69

D· Veloso espantado um grande grito:
"Senhores, caÁa estranha, disse, Ê esta!
Se ainda dura o Gentio antigo rito,
A Deusas Ê sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano esprito
Desejou nunca; e bem se manifesta
Que s,,o grandes as coisas e excelentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

70

"Sigamos estas Deusas, e vejamos
Se fant·sticas s,,o, se verdadeiras."
Isto dito, velozes mais que gamos,
Se lanÁam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Ninfas v,,o por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcanÁando.

71

De uma os cabelos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes s'bito mostradas;
Uma de ind'stria cai, e j· releva,
Com mostras mais macias que indignadas,

Que sobre ela, empecendo, tambÊM caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

72

Outros, por outra parte, v,,o topar
Com as Deusas despidas, que se lavam:
Elas comeÁam s'bito a gritar,
Como que assalto tal n,,o esperavam.
Umas, fingindo menos estimar
A vergonha que a forÁa, se lanÁavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ‡s m,,os cobiÁosas v,,o negando.

73

Outra, como acudindo mais depressa
A vergonha da Deusa caÁadora,
Esconde o corpo n'·gua; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora.
Tal dos mancebos h·, que se arremessa,
Vestido assim e calÁado (que, coa mora
De se despir, h· medo que ainda tarde)
A matar na ·gua o fogo que nele arde.

74

Qual c,,o de caÁador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na ·gua a ave ferida,
Vendo no rosto o fÊrreo cano erguido
Para a garcena ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta n'·gua, e da presa n,,o duvida,
Nadando vai e latindo: assim o mancebo
Remete ‡ que n,,o era irm,, de Febo.

75

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavaleiro e namorado,
A quem amor n,,o dera um sÛ desgosto,
Mas sempre fora dele maltratado,
E tinha j· por firme pressuposto
Ser com amores mal afortunado,
PorÊM n,,o que perdesse a esperanÁa
De ainda poder seu fado ter mudanÁa,

76

Quis aqui sua ventura, que corria
ApÛs Efire, exemplo de beleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu para dar-se a natureza.
J· cansado correndo lhe dizia:
"·" formosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera um corpo de quem levas a alma.

77

"Todas de correr cansam, Ninfa pura,
Rendendo-se ‡ vontade do inimigo,
Tu sÛ de mi sÛ foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito j· aquela ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,

"n, o na creias, porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

78

"N, o canses, que me cansas: e se queres
Fugir-me, por que n, o possa tocar-te,
Minha ventura É tal que, ainda que esperes,
Ela far· que n, o possa alcanÁar-te.
Espora; quero ver, se tu quiseses,
Que subtil modo busca de escapar-te,
E notar·s, no fim deste sucesso,
Tra la spica e la man, qual muro É messo.

79

" " n, o me fujas! Assim nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
Que, sÛ com refrear o passo leve,
Vencer·s da fortuna a forÁa dura.
Que Imperador, que exÉrcito se atreve
A quebrantar a f'ria da ventura,
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu sÛ far·s n, o me fugindo!

80

"Pies-te da parte da desdita minha?
Fraqueza É dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coraÁ,,o, que livre tinha?
Solta-me, e correr·s mais levemente.
N, o te carrega essa alma t,,o mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, depois de presa,
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

81

"Nesta esperanÁa sÛ te vou seguindo:
Que, ou tu n, o sofrer·s o peso dela,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudar·s a triste e dura estrela:
E se se lhe mudar, n, o v·s fugindo,
Que Amor te ferir·, gentil donzela,
E tu me esperar·s, se Amor te fere:
E se me esperas, n, o h· mais que espere."

82

J· n, o fugia a bela Ninfa, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas m·goas que dizia.
Volvendo o rosto j· sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cair se deixa aos pÊs do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

83

" que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!
Que afagos t,,o suaves, que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manh,,, e na sesta,
Que VÊnus com prazeres inflamava,

Melhor É experiment--lo que julg--lo,
Mas julgue-o quem n,,o pode experiment--lo.

84

Desta arte enfim conformes j· as formosas
Ninfas com os seus amados navegantes,
Os ornam de capelas deleitosas
De louro, e de ouro, e flores abundantes.
As m,,os alvas lhes davam como esposas;
Com palavras formais e estipulantes
Se prometem eterna companhia
Em vida e morte, de honra e alegria.

85

Uma delas maior, a quem se humilha
Todo o coro das Ninfas, e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto belo se parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O Capit,,o ilustre, que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e rÈgia,
Mostrando-se senhora grande e egrÈgia.

86

Que, depois de lhe ter dito quem era,
Com um alto exÛrdio, de alta graÁa ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influíÁ,,o do imÛvel fado,
Para lhe descobrir da unida esfera
Da terra imensa, e mar n,,o navegado,
Os segredos, por alta profecia,
O que esta sua naÁ,,o sÛ merecia,

87

Tomando-o pela m,,o, o leva e guia
Para o cume dum monte alto e divino,
No qual uma rica f·brica se erguia
De cristal toda, e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos e em prazer contino:
Ela nos paÁos logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

88

Assim a formosa e a forte companhia
O dia quase todo est,,o passando,
Numa alma, doce, incÛgnita alegria,
Os trabalhos t,,o longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo est· guardando
O prÈmio l· no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.

89

Que as Ninfas do Oceano t,,o formosas,
Tethys, e a ilha angÈlica pintada,
Outra coisa n,,o É que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aqueelas proeminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada

De palma e louro, a glória e maravilha:
Estes são os deleites desta ilha.

90

Que as imortalidades que fingia
A antiguidade, que os ilustres ama,
Lá no estelante Olimpo, a quem subia
Sobre as asas ínclitas da Fama,
Por obras valorosas que fazia,
Pelo trabalho imenso que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso:

91

Não eram senão prêmios que reparte
Por feitos imortais e soberanos
O mundo com os vários, que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos.
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Eneias e Quirino, e os dois Tebanos,
Ceres, Palas e Juno, com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

92

Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos
De Deuses, Semideuses imortais,
Indígetes, Herúicos e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo de livre faz escravo.

93

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão à gente:
Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.

94

Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não deem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos inimigos Sarracenos:
Fareis os Reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, o nenhum menos;
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que ilustram tanto as vidas.

95

E fareis claro o Rei, que tanto amais,
Agora com os conselhos bem cuidados,
Agora com as espadas, que imortais
Vos farão, como os vossos já passaram;
Impossibilidades não fazeis,
Que quem quis sempre pôde; e numerados

Sereis entre os Heróis esclarecidos,
E nesta Ilha de Vênus recebidos.

Canto Décimo

1

Mas já o claro amador da Larisséia
Ad'ítera inclinava os animais
Lá pera o grande lago que rodeia
Temistitão, nos fins Ocidentais;
O grande ardor do Sol Favónio enfreia
Co sopro que nos tanques naturais
Encrespa a água serena e despertava
Os lírios e jasmims, que a calma agrava,

2

Quando as formosas Ninfas, cos amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam pera os paços radiantes
E de metais ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares excelentes
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

3

Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,
Se assentam dous e dous, amante e dama;
Noutras, à cabeceira, d'ouro finas,
Está co a bela Deusa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egípcia antiga fama,
Se acumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlântico tesouro.

4

Os vinhos odoríferos, que acima
Estão não só do Itálico Falerno
Mas da Ambrúsia, que Jove tanto estima
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem s'bita alegria,
Saltando co a mistura d'água fria.

5

Mil práticas alegres se tocavam;
Risos doces, sutis e argutos ditos,
Que entre um e outro manjar se ale vantavam,
Despertando os alegres apetitos;
Músicos instrumentos não faltavam
(Quais, no profundo Reino, os nus espíritos
Fizeram descansar da eterna pena)
Cua voz da angélica Sirena.

6

Cantava a bela Ninfa, e cos acentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonância igual, os instrumentos
Suaves vêm a um tempo conformando.

Um s'bito silêncio enfreia os ventos
E faz ir docemente murmurando
As guas, e nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.

7

Com doce voz est· subindo ao CÈu
Altos varies que est,,o por vir ao mundo,
Cujas claras Ideias viu Proteu
Num globo v,,o, di·fano, rotundo,
Que J'piter em dom lho concedeu
Em sonhos, e despois no Reino fundo,
Vaticinando, o disse, e na memÙria
Recolheu logo a Ninfa a clara histÙria.

8

MatÈria È de coturno, e n,,o de soco,
A que a Ninfa aprendeu no imenso lago;
Qual lópas n,,o soube, ou Demodoco,
Entre os Feaces um, outro em Cartago.
Aqui, minha Callope, te invoco
Neste trabalho extremo, por que em pago
Me tornes do que escrevo, e em v,,o pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

9

V,,o os anos descendo, e j· do Estio
H· pouco que passar atÈ o Outono;
A Fortuna me faz o engenho frio,
Do qual j· n,,o me jacto nem me abono;
Os desgostos me v,,o levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono.
Mas tu me d· que cumpra, Û gr,,o rainha
Das Musas, co que quero ‡ naÁ,,o minha!

10

Cantava a bela Deusa que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras venceriam
Por onde o Oceano Õndico suspira;
E que os Gentios Reis que n,,o dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braÁo duro e forte,
AtÈ render-se a ele ou logo ‡ morte.

11

Cantava dum que tem nos Malabares
Do sumo sacerdÙcio a dignidade,
Que, sÙ por n,,o quebrar cos singulares
Baries os nÙs que dera d'amizade,
Sofrer· suas cidades e lugares,
Com ferro, incÍndios, ira e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente,
Que tais Ûdios ter· co a nova gente.

12

E canta como l· se embarcaria
Em BelÈm o remÈdio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O gr,,o Pacheco, Aquiles Lusitano.

O peso sentir,,o, quando entraria,
O curvo lenho e o fÈrvido Oceano,
Quando mais n'·gua os troncos que gemerem
Contra sua natureza se meterem.

13

Mas, j· chegado aos fins Orientais
E deixado em ajuda do gentio Rei de
Cochim, com poucos naturais,
Nos braÁos do salgado e curvo rio
Desbaratar· os Naires infernais
No passo Cambal,,o, tornando frio
D'espanto o ardor imenso do Oriente,
Que ver· tanto obrar t,,o pouca gente.

14

Chamar· o Samorim mais gente nova;
Vir,,o Reis [de] Bipur e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estar,,o prometendo a seu senhor;
Far· que todo o Naire, enfim, se mova
Que entre Calecu jaz e Cananor,
D'ambas as Leis imigas pera a guerra:
Mouros por mar, Gentios pola terra.

15

E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o gr,,o Pacheco ousado,
A grande multid,,o que ir· matando
A todo o Malabar ter· admirado.
Cometer· outra vez, n,,o dilatando,
O Gentio os combates, apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em v,,o aos Deuses v,,os, surdos e imotos.

16

J· n,,o defender· somente os passos,
Mas queimar-lhe· lugares, templos, casas;
Aceso de ira, o C,,o, n,,o vendo lassos
Aqueles que as cidades fazem rasas,
Far· que os seus, de vida pouco escassos,
Cometam o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos num tempo; mas voando
Dum noutro, tudo ir· desbaratando.

17

Vir· ali o Samorim, por que em pessoa
Veja a batalha e os seus esforce e anime;
Mas um tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingir· no andor sublime.
J· n,,o ver· remÈdio ou manha boa
Nem forÁa que o Pacheco muito estime;
Inventar· traiÁies e v,,os venenos,
Mas sempre (o CÈu querendo) far· menos.

18

Que tornar· a vez sÈtima (cantava)
Pelejar co invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa e agrava;
Mas, contudo, este sÚ o far· confuso.

Trar· pera a batalha, horrenda e brava,
M·quinas de madeiros fora de uso,
Pera lhe abalroar as caravelas,
Que atÈ'li v,,o lhe fora cometí-las.

19

Pela ·gua levar· serras de fogo
Pera abrasar-lhe quanta armada tenha;
Mas a militar arte e engenho logo
Far· ser v,, a braveza com que venha.
--"Nenhum claro bar,,o no M·rcio jogo,
Que nas asas da Fama se sustenha,
Chega a este, que a palma a todos toma.
E perdoe-me a ilustre GrÈcia ou Roma.

20

"Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos C,,es n,,o imbeles profligados,
Ou parecer,,o f·bulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros, invocados,
Decer,,o a ajud·-lo e lhe dar,,o
EsforÁo, forÁa, ardil e coraÁ,,o.

21

"Aquele que nos campos MaratÔnios
O gr,,o poder de D·rio estrui e rende,
Ou quem, com quatro mil LacedemÔnios,
O passo de TermÔpilas defende,
Nem o mancebo Cocles dos AusÔnios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defesa da ponte, ou Quinto F·bio,
Foi como este na guerra forte e s·bio."

22

Mas neste passo a Ninfa, o som canoro
Abaxando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baxa voz, envolta em choro,
O grande esforÁo mal agardecido.
--"" Belis·rio (disse) que no coro
Das Musas ser·s sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!

23

"Aqui tens companheiro, assi nos feitos
Como no galard,,o injusto e duro;
Em ti e nele veremos altos peitos
A baxo estado vir, humilde e escuro.
Morrer nos hospitais, em pobres leitos,
Os que ao Rei e ‡ Lei servem de muro!
Isto fazem os Reis cuja vontade
Manda mais que a justiÁa e que a verdade.

24

"Isto fazem os Reis quando embebidos
N,a aparÍncia branda que os contenta
D,,o os prÊmios, de Aiace merecidos,
¿ lÍngua v,, de Ulisses, fraudulenta.

Mas vingo-me: que os bens mal repartidos
Por quem sũ doces sombras apresenta,
Se n„o os d„o a s·bios cavaleiros,
D„o-os logo a avarentos lisonjeiros.

25

"Mas tu, de quem ficou t„o mal pagado
Um tal vassalo, ũ Rei, sũ nisto inico,
Se n„o És pera dar-lhe honroso estado,
... ele pera dar-te um Reino rico.
Enquanto for o mundo rodeado
Dos Apollneos raios, eu te fico
Que ele seja entre a gente ilustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

26

"Mas eis outro (cantava) intitulado
Vem com nome real e traz consigo
O filho, que no mar ser· ilustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos dar„o com braÁo forte, armado,
A Qulloa fĒrtil, ·spero castigo,
Fazendo nela Rei leal e humano,
Deitado fora o pĒrfido tirano.

27

"TambĒm far„o MombaÁa, que se arreia
De casas sumptuosas e ediflcios,
Co ferro e fogo seu queimada e feia,
Em pago dos passados maleflicos.
Despois, na costa da Őndia, andando cheia
De lenhos inimigos e artificios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo LourenÁo far· extremos.

28

"Das grandes naus do Samorim potente,
Que encher„o todo o mar, co a fĒrrea pela,
Que sai com trov„o do cobre ardente,
Far· pedaÁos leme, masto, vela.
Despois, lanÁando arpĒus ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nela
Saltando o far· sũ com lanÁa e espada
De quatrocentos Mouros despejada.

29

"Mas de Deus a escondida providĒncia
(Que ela sũ sabe o bem de que se serve)
O por· onde esforÁo nem prudĒncia
Poder· haver que a vida lhe reserve.
Em Cha'l, onde em sangue e resistĒncia
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe far„o que com vida se n„o saia
As armadas de Egipto e de Cambaia.

30

"Ali o poder de muitos inimigos
(Que o grande esforÁo sũ com forÁa rende),
Os ventos que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o ofende.

Aqui ressurgam todos os Antigos,
A ver o nobre ardor que aqui se aprende:
Outro Ceva ver,,o, que, espedaÁado,
N,,o sabe ser rendido nem domado.

31

"Com toda ,a coxa fora, que em pedaÁos
Lhe leva um cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braÁos
E do gr,,o coraÁ,,o que lhe ficara.
AtÈ que outro pelouro quebra os laÁos
Com que co alma o corpo se liara:
Ela, solta, voou da pris,,o fora
Onde s'bito se acha vencedora.

32

"Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaÁos se apresenta,
Quem o gerou, vingança j· lhe ordena:
Que eu ouÁo retumbar a gr,,o tormenta,
Que vem j· dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos,
A Cambaicos cruÈis e Mamelucos.

33

"Eis vem o pai, com ,nimo estupendo,
Trazendo f'ria e m·goa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe est· movendo
Fogo no coraÁ,,o, ·gua nos olhos.
A nobre ira lhe vinha prometendo
Que o sangue far· dar pelos gíolhos
Nas inimigas naus; senti-lo· o Nilo,
Podí-lo· o Indo ver e o Gange ouvi-lo.

34

"Qual o touro cioso, que se ensaia
Pera a crua peleja, os cornos tenta
No tronco dum carvalho ou alta faia
E, o ar ferindo, as forÁas experimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaxando-lhe a t'mida ousadia.

35

"E logo, entrando fero na enseada
De Dio, ilustre em cercos e batalhas,
Far· espalhar a fraca e grande armada
De Calecu, que remos tem por malhas.
A de Melique laz, acautelada,
Cos pelouros que tu, Vulcano, espalhas,
Far· ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do h'mido elemento.

36

"Mas a de Mir HocÈm, que, abalroando,
A f'ria esperar· dos vingadores,
Ver· braÁos e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.

Raios de fogo ir,,o representando,
No cego ardor, os bravos domadores.
Quanto ali sentir,,o olhos e ouvidos
... fumo, ferro, flamas e alaridos.

37

"Mas ah, que desta prÛspera vitÛria,
Com que despois vir· ao p·trio Tejo,
Qu·si lhe roubar· a famosa glÛria
Um sucesso, que triste e negro vejo!
O Cabo TormentÛrio, que a memÛria
Cos ossos guardar·, n,,o ter· pejo
De tirar deste mundo aquele espirito,
Que n,,o tiraram toda a Òndia e Egipto.

38

"Ali, Cafres selvagens poder,,o
O que destros imigos n,,o puderam;
E rudos paus tostados sÛs far,,o
O que arcos e pelouros n,,o fizeram.
Ocultos os juÿzos de Deus s,,o;
As gentes v,,s, que n,,o nos entenderam,
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
Sendo sÛ providÿncia de Deus pura.

39

"Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto
(Dizia a Ninfa, e a voz alevantava)
L· no mar de Melinde, em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
Pelo Cunha tambËm, que nunca extinto
Ser· seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias que se chamam
De S,,o LourenÁo, e em todo o Sul se afamam!

40

"Esta luz È do fogo e das luzentes
Armas com que Albuquerque ir· amansando
De Ormuz os P·rseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando.
Ali ver,,o as setas estridentes
Reciprocando-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deus peleja
Por quem estende a fË da Madre Igreja.

41

"Ali do sal os montes n,,o defendem
De corrupÁ,,o os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mazcate e Calaiate;
AtË que ‡ forÁa sÛ de braÁo aprendem
A abaxar a cerviz, onde se lhe ate
ObrigaÁ,,o de dar o reino inico
Das perlas de BarËm tributo rico.

42

"Que gloriosas palmas tecer vejo
Com que VitÛria a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra v,, de medo ou pejo,
Toma a ilha ilustrÿssima de Goa!

Depois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e ocasião espera boa
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencer, o a Fortuna e o próprio Marte.

43

"Eis já: sobrela torna e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros.
Irão soldados incólitos fazendo
Mais que liões famélicos e touros,
Na luz que sempre celebrada e dina
Ser da Eglória Santa Caterina.

44

"Nem tu menos fugir poderás deste,
Posto que rica e posto que assentada
Lá no grêmio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada.
As setas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaícos namorados, Jaus valentes,
Todos far-se ao Luso obedientes."

45

Mais estâncias cantara esta Sirena
Em louvor do ilustríssimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe a ira que o condena,
Posto que a fama sua o mundo cerque.
O grande Capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos glória eterna merque,
Mais há-de ser um brando companheiro
Pera os seus, que juiz cruel e inteiro.

46

Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A saem e o lugar, fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selváticas brutezas,
De peitos inumanos e insolentes,
Dar extremo suplício pela culpa
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

47

Não ser a culpa abominoso incesto
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adultério desonesto,
Mas a escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Cos seus a ira insana não refreia,
Põe na fama alva noda negra e feia.

48

Viu Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,
Não sendo seu soldado experimentado,
Nem vendo-se num cerco duro e urgente.

Sentiu Ciro que andava j· abrasado
Araspas, de Panteia, em fogo ardente,
Que ele tomara em guarda, e prometia
Que nenhum mau desejo o venceria;

49

Mas, vendo o ilustre Persa que vencido
Fora de Amor, que, enfim, n„o tem defesa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Dele num caso grande, em recompensa.
Per forÁa, de Judita foi marido
O fÈreo Balduíno; mas dispensa
Carlos, pai dela, posto em causas grandes,
Que viva e povoador seja de Frandes.

50

Mas, prosseguindo a Ninfa o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremular e pÙr espanto
Pelas roxas Ar·bicas ribeiras:
--"Medina abomin·bil teme tanto,
Quanto Meca e Gid·, co as derradeiras
Praias de Ab·ssia; Barbor· se teme
Do mal de que o empÙrio Zeila geme.

51

"A nobre ilha tambÈm de Taprobana,
J· pelo nome antigo t„o famosa
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiÁa c·lida, cheirosa,
Dela dar· tributo ‡ Lusitana
Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,
Vencendo se erguer· na torre erguida,
Em Columbo, dos prÙprios t„o temida.

52

"TambÈm Sequeira, as ondas Eritreias
Dividindo, abrir· novo caminho
Pera ti, grande ImpÈrio, que te arreias
De seres de Candace e Sab· ninho.
MaÁu·, com cisternas de ·gua cheias
Ver·, e o porto Arquico, ali vizinho;
E far· descobrir remotas Ilhas,
Que d„o ao mundo novas maravilhas.

53

"Vir· depois Meneses, cujo ferro
Mais na Africa, que c·, ter· provado;
Castigar· de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
TambÈm tu, Gama, em pago do desterro
Em que est·s e ser·s inda tornado,
Cos titulos de Conde e d'honras nobres
Vir·s mandar a terra que descobres.

54

"Mas aquela fatal necessidade
De quem ninguÈm se exime dos humanos,
Ilustrado co a RÈgia dignidade,
Te tirar· do mundo e seus enganoses.

Outro Meneses logo, cuja idade
... maior na prudência que nos anos,
Governar; e far o ditoso Henrique
Que perpétua memória dele fique.

55

"N, o vencer somente os Malabares,
Destruindo Panane com Coulete,
Cometendo as bombardas, que, nos ares,
Se vingam s' do peito que as comete;
Mas com virtudes, certo, singulares,
Vence os inimigos d'alma todos sete;
De cobiça triunfa e incontinência,
Que em tal idade É suma de excelência.

56

"Mas, depois que as Estrelas o chamarem,
Suceder-s, Ô forte Mascarenhas;
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometo-te que fama eterna tenhas.
Pera teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroados,
Que de fortuna justa acompanhado.

57

"No reino de Bint, o, que tantos danos
Ter a Malaca muito tempo feitos,
Num s' dia as injúrias de mil anos
Vingar-s, co valor de ilustres peitos.
Trabalhos e perigos inumanos,
Abrolhos fêreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas:
Tudo fico que rompas e sometas.

58

"Mas na Índia, cobiça e ambição,
Que claramente piem aberto o rosto
Contra Deus e Justiça, te far, o
Vitupério nenhum, mas s' desgosto.
Quem faz injúria vil e sem razão,
Com forças e poder em que está posto,
N, o vence; que a vitória verdadeira
... saber ter justiça nua e inteira.

59

"Mas, contudo, n, o nego que Sampaio
Ser, no esforço, ilustre e assinalado,
Mostrando-se no mar um feroz raio,
Que de inimigos mil ver coalhado.
Em Bacanor far cruel ensaio
No Malabar, pera que, amedrontado,
Depois a ser vencido dele venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

60

"E n, o menos de Dio a fera frota,
Que Chail temer, de grande e ousada,
Far, co a vista s', perdida e rota,
Por Heitor da Silveira e destruída;

Por Heitor Português, de quem se nota
Que na costa Cambaica, sempre armada,
Ser· aos Guzarates tanto dano,
Quanto j· foi aos Gregos o Troiano.

61

"A Sampaio feroz suceder·
Cunha, que longo tempo tem o leme:
De Chale as torres altas erguer·,
Enquanto Dio ilustre dele treme;
O forte BaÁaim se lhe dar·,
N.,o sem sangue, porÊm, que nele geme
Melique, porque ‡ forÁa sU de espada
A tranqueira soberba ví tomada.

62

"Tr·s este vem Noronha, cujo auspício
De Dio os Rumes feros afugenta;
Dio, que o peito e bÈlico exercício
De AntÚnio da Silveira bem sustenta.
Far· em Noronha a morte o usado ofício,
Quando um teu ramo, Ū Gama, se exprimenta
No governo do ImpÈrio, cujo zelo
Com medo o Roxo Mar far· amarelo.

63

"Das m.,os do teu Estív.,o vem tomar
As rÈdeas um, que j· ser· ilustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata Francís, ao mar usado.
Depois, Capit.,o-mor do Őndico mar,
O muro de Dam.,o, soberbo e armado,
Escala e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil ter.,o coberta.

64

"A este o Rei Cambaico soberbíssimo
Fortaleza dar· na rica Dio,
Por que contra o Mogor poderosíssimo
Lhe ajude a defender o senhorio.
Depois ir· com peito esforÁadíssimo
A tolher que n.,o passe o Rei gentio
De Calecu, que assi com quantos veio
O far· retirar, de sangue cheio.

65

"Destruir· a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei, com muitos, em fugida;
E depois, junto ao Cabo Comorim,
a faÁanha faz esclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo n.,o duvida,
Vencer· co furor do ferro e fogo;
Em si ver· Beadala o M·rcio jogo.

66

"Tendo assi limpa a Őndia dos imigos,
Vir· depois com ceptro a govern·-la
Sem que ache resistência nem perigos,
Que todos tremem dele e nenhum fala.

Sû quis provar os speros castigos
Batical, que vira j· Beadala.
De sangue e corpos mortos ficou cheia
E de fogo e troves desfeita e feia.

67

"Este ser· Martinho, que de Marte
O nome tem co as obras derivado;
Tanto em armas ilustre em toda parte,
Quanto, em conselho, s·bio e bem cuidado.
Suceder-lhe· ali Castro, que o estandarte
Portuguís ter· sempre levantado,
Conforme sucessor ao sucedido,
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

68

"Persas feroces, Abassis e Rumes,
Que trazido de Roma o nome tîm,
V·rios de gestos, v·rios de costumes
(Que mil naÁies ao cerco feras vím),
Far,,o dos CÊus ao mundo v,,os queixumes
Porque uns poucos a terra lhe detîm.
Em sangue Português, juram, descridos,
De banhar os bigodes retorcidos.

69

"Basiliscos medonhos e liies,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas cos baries
Que t,,o ledos as mortes tîm por certas;
AtÊ que, nas maiores opressies,
Castro libertador, fazendo ofertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna e a Deus se sacrifiquem.

70

"Fernando, um deles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo, com ruído,
Em pedaÁos os muros no ar levanta,
Ser· ali arrebatado e ao CÊu subido.
ilvaro, quando o Inverno o mundo espanta
E tem o caminho h·mido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos e depois os inimigos.

71

"Eis vem depois o pai, que as ondas corta
Co restante da gente Lusitana,
E com forÁa e saber, que mais importa,
Batalha d· felice e soberana.
Uns, paredes subindo, escusam porta;
Outros a abrem na fera esquadra insana.
Feitos far,,o t,,o dinos de memÛria
Que n,,o caibam em verso ou larga histÛria.

72

"Este, depois, em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrÊpido, ao possante
Rei de Cambaia e a vista lhe amedrenta
Da fera multid,,o quadrupedante.

Não menos suas terras mal sustenta
O Hidalgo, do braço triunfante
Que castigando vai Dabul na costa;
Nem lhe escapou Pondal, no sertão posta.

73

"Estes e outros Barões, por várias partes,
Dinos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta Ilha,
Varrendo triunfantes estandartes
Pelas ondas que corta a aguda quilha;
E acharão estas Ninfas e estas mesas,
Que glórias e honras são de várias empresas."

74

Assi cantava a Ninfa; e as outras todas,
Com sonoro aplauso, vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas
Que com tanto prazer se celebravam.
--"Por mais que da Fortuna andem as rodas
(Nã cunsona voz todas soavam),
Não vos há de faltar, gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa."

75

Depois que a corporal necessidade
Se satisfaz do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
Viram os altos feitos que descobre,
Têtis, de graça ornada e gravidade,
Pera que com mais alta glória dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Pera o felice Gama assi dizia:

76

--"Faz-te mercê, barão, a Sapiência
Suprema de, cos olhos corporais,
Veres o que não pode a vã ciência
Dos errados e míseros mortais.
Segue-me firme e forte, com prudência,
Por este monte espesso, tu cos mais."
Assi lhe diz e o guia por um mato
Írduo, difícil, duro a humano trato.

77

Não andam muito que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, tais que presume
A vista que divino chão pisava.
Aqui um globo vêm no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície, claramente.

78

Qual a matéria seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a Divina verga
Compôs, e um centro a todos sú tem posto.

Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca s'ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem; e em toda a parte
ComeÁa e acaba, enfim, por divina arte,

79

Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual, enfim, o Arquetipo que o criou.
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a Deusa:--"O transunto, reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde v-s e ir-s e o que desejas.

80

"Vís aqui a grande m-quina do Mundo,
EtÈrea e elemental, que fabricada
Assi foi do Saber, alto e profundo,
Que È sem princìpio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfìcia t,,o limada,
... Deus: mas o que È Deus, ninguÈm o entende,
Que a tanto o engenho humano n,,o se estende.

81

"Este orbe que, primeiro, vai cercando
Os outros mais pequenos que em si tem,
Que est· com luz t,,o clara radiando
Que a vista cega e a mente vil tambÈm,
Empìreo se nomeia, onde logrando
Puras almas est,,o daquele Bem
Tamanho, que ele sÛ se entende e alcanÁa,
De quem n,,o h· no mundo semelhanÁa.

82

"Aqui, sÛ verdadeiros, gloriosos
Divos est,,o, porque eu, Saturno e Jano,
J'piter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.
SÛ pera fazer versos deleitosos
Servimos; e, se mais o trato humano
Nos pode dar, È sÛ que o nome nosso
Nestas estrelas pUs o engenho vosso.

83

"E tambÈm, porque a santa Providência,
Que em J'piter aqui se representa,
Por espìritos mil que tlm prudíncia
Governa o Mundo todo que sustenta
(Ensina-lo a profÈtica ciíncia,
Em muitos dos exemplos que apresenta);
Os que s,,o bons, guiando, favorecem,
Os maus, em quanto podem, nos empecem;

84

"Quer logo aqui a pintura que varia
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes que a antiga Poesia
A seus Deuses j· dera, fabulando;

Que os Anjos de celeste companhia
Deuses o sacro verso est· chamando,
Nem nega que esse nome preminente
TambÈm aos maus se d·, mas falsamente.

85

"Enfim que o Sumo Deus, que por segundas
Causas obra no Mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da M.,o Divina veneranda,
Debaxo deste cìrculo onde as mundas
Almas divinas gozam, que n.,o anda,
Outro corre, t.,o leve e t.,o ligeiro
Que n.,o se enxerga: È o MÙbile primeiro.

86

"Com este rapto e grande movimento
V.,o todos os que dentro tem no seio;
Por obra deste, o Sol, andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaxo deste leve, anda outro lento,
T.,o lento e sojugado a duro freio,
Que enquanto Febo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, d· ele um passo.

87

"Olha estoutro debaxo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que tambÈm nele tem curso ordenado
E nos seus axes correm cintilantes.
Bem vís como se veste e faz ornado
Co largo Cinto d, ouro, que estelantes
Animais doze traz afigurados,
Apousentos de Febo limitados.

88

"Olha por outras partes a pintura
Que as Estrelas fulgentes v.,o fazendo:
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,
AndrÙmeda e seu pai, e o Drago horrendo;
VÍ de Cassiopeia a fermosura
E do Oriente o gesto turbulento;
Olha o Cisne morrendo que suspira,
A Lebre e os C.,es, a Nau e a doce Lira.

89

"Debaxo deste grande Firmamento,
Vís o cÈu de Saturno, Deus antigo;
J'piter logo faz o movimento,
E Marte abaxo, bÈlico inimigo;
O claro Olho do cÈu, no quarto assento,
E VÈnus, que os amores traz consigo;
Merc'rio, de eloquência soberana;
Com trís rostos, debaxo vai Diana.

90

"Em todos estes orbes, diferente
Curso ver·s, nuns grave e noutros leve;
Ora fogem do Centro longamente,
Ora da Terra est.,o caminho breve,

Bem como quis o Padre onnipotente,
Que o fogo fez e o ar, o vento e neve,
Os quais ver-s que jazem mais a dentro
E tem co Mar a Terra por seu centro.

91

"Neste centro, pousada dos humanos,
Que n,,o somente, ousados, se contentam
De sofrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar inst·bil exprimentam,
Ver·s as v·rias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se apousentam
V·rias naÁies que mandam v·rios Reis,
V·rios costumes seus e v·rias leis.

92

"Vís Europa Crist,,, mais alta e clara
Que as outras em polícia e fortaleza.
Vís ífrica, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda cheia de bruteza;
Co Cabo que atÊ'aqui se vos negara,
Que assentou pera o Austro a Natureza.
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem Lei, qu·si infinita.

93

"VÍ do Benomotapa o grande impÈrio,
De selv·tica gente, negra e nua,
Onde GonÁalo morte e vitupÈrio
Padecer·, pola FÈ santa sua.
Nace por este incÛgnito HemispÈrio
O metal por que mais a gente sua.
VÍ que do lago donde se derrama
O Nilo, tambÊm vindo est· Cuama.

94

"Olha as casas dos negros, como est,,o
Sem portas, confiados, em seus ninhos,
Na justiÁa real e defens,,o
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha deles a bruta multid,,o,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combater· em Sofala a fortaleza, Que
defender· Nhaia com destreza.

95

"Olha l· as alagoas donde o Nilo
Nace, que n,,o souberam os antigos;
VÍ-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Crista amigos;
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
VÍ MÈroe, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Nob· se chama.

96

"Nesta remota terra um filho teu
Nas armas contra os Turcos ser· claro;
H·-de ser Dom CristÛv,,o o nome seu;
Mas contra o fim fatal n,,o h· reparo.

Ví c· a costa do mar, onde te deu
Melinde hospício gasalhoso e caro;
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi; entra em Quilmance.

97

"O Cabo ví j· Arûmata chamado,
E agora Guardafí, dos moradores,
Onde comeÁa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores;
Este como limite est· lanÁado
Que divide Asia de Africa; e as milhores
PovoaÁies que a parte Africa tem
MaÁu· s.,o, Arquico e SuaquÊm.

98

"Vís o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos HÊroas a cidade
(Outros dizem que Arsênoe), e ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade.
Olha as ·guas nas quais abriu patente
Estrada o gr.,o MousÊs na antiga idade.
Ísia comeÁa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

99

"Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co sepulcro de Santa Caterina;
Olha Toro e Gid·, que lhe falece
Ígua das fontes, doce e cristalina;
Olha as portas do Estreito, que fenece
No reino da seca ídem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos cÊus se n.,o deriva.

100

"Olha as Ar·bias trís, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baÁa,
Donde vím os cavalos pera a guerra,
Ligeiros e ferozes, de alta raÁa;
Olha a costa que corre, atÊ que cera
Outro Estreito de PÊrsia, e faz a traÁa
O Cabo que co nome se apelida
Da cidade Fartaque, ali sabida.

101

"Olha Dûfar, insigne porque manda
O mais cheiroso incenso pera as aras;
Mas atenta: j· c· destoutra banda
De RoÁalgate, e praias sempre avaras,
ComeÁa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras que inda ser.,o claras
Quando as galÊs do Turco e fera armada
Virem de Castelbranco nua a espada.

102

"Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora Ê MoÁand.,o, dos navegantes;
Por aqui entra o lago que Ê fechado
De Ar·bia e PÊrsias terras abundantes.

Atenta a ilha BarÈm, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
A cor da Aurora; e ví na ·gua salgada
Ter o Tìgris e Eufates ,a entrada.

103

"Olha da grande PÈrsia o impÈrio nobre,
Sempre posto no campo e nos cavalos,
Que se injuria de usar fundido cobre
E de n,,o ter das armas sempre os calos.
Mas ví a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuza, que ali esteve,
Ela o nome despois e a glÙria teve.

104

"Aqui de Dom Filipe de Meneses
Se mostrar· a virtude, em armas clara,
Quando, com muito poucos Portugueses,
Os muitos P·rseos vencer· de Lara.
Vir,,o provar os golpes e reveses
De Dom Pedro de Sousa, que provara
J· seu braÁo em Ampaza, que deixada
Ter· por terra, ‡ forÁa sÛ de espada.

105

"Mas deixemos o Estreito e o conhecido
Cabo de Jasque, dito j· Carpela,
Com todo o seu terreno mal querido
Da Natura e dos dies usados dela;
Carm,nia teve j· por apelido.
Mas vís o fermoso Indo, que daquela
Altura nace, junto ‡ qual, tambÈm
Doutra altura correndo o Gange vem?

106

"Olha a terra de Ulcinde, fertilìssima,
E de J·quete a Ìntima enseada;
Do mar a enchente s'bita, grandìssima,
E a vazante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia ví, riquìssima,
Onde do mar o seio faz entrada;
Cidades outras mil, que vou passando,
A vÛs outros aqui se est,,o guardando.

107

"Vís corre a costa cÈlebre Indiana
Pera o Sul, atÈ o Cabo Comori,
J· chamado Cori, que Taprobana
(Que ora È Ceil,,o) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas vir· despois de ti,
Ter· vitÙrias, terras e cidades,
Nas quais h,,o-de viver muitas idades.

108

"As provìncias que entre um e o outro rio
Vís, com v·rias naÁies, s,,o infinitas:
Um reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o DemÙnio leis escritas.

Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as relliquias santas e benditas
Do corpo de TomÊ, bar,,o sagrado,
Que a Jesu Cristo teve a m,,o no lado.

109

"Aqui a cidade foi que se chamava
Meliapor, fermosa, grande e rica;
Os Ôdolos antigos adorava
Como inda agora faz a gente inica.
Longe do mar naquele tempo estava,
Quando a FÊ, que no mundo se pubrica,
TomÊ vinha prÊgando, e j· passara
Províncias mil do mundo, que ensinara.

110

"Chegado aqui, pregando e junto dando
A doentes sa·de, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar, vagando,
Um lenho de grandeza desmedida.
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer dele madeira; e n,,o duvida
Poder tir·-lo a terra, com possantes
ForÁas d' homens, de engenhos, de alifantes.

111

"Era t,,o grande o peso do madeiro
Que, sÛ pera abalar-se, nada abasta;
Mas o n·ncio de Cristo verdadeiro
Menos trabalho em tal negÛcio gasta:
Ata o cord,,o que traz, por derradeiro,
No tronco, e f·cilmente o leva e arrasta
Pera onde faÁa um sumptuoso templo
Que ficasse aos futuros por exemplo.

112

"Sabia bem que se com fÊ formada
Mandar a um monte surdo que se mova,
Que obedecer· logo ‡ voz sagrada,
Que assi lho ensinou Cristo, e ele o prova.
A gente ficou disto alvoraÁada;
Os Br,menes o tÍm por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a santidade,
H,,o medo de perder autoridade.

113

"S,,o estes sacerdotes dos Gentios
Em quem mais penetrado tinha enveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que TomÊ n,,o se ouÁa, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Um caso horrendo faz, que o mundo veja
Que inimiga n,,o h·, t,,o dura e fera,
Como a virtude falsa, da sincera.

114

"Um filho prÛprio mata, e logo acusa
De homicÍdio TomÊ, que era inocente;
D· falsas testemunhas, como se usa;
Condenaram-no a morte brevemente.

O Santo, que n.,o ví melhor escusa
Que apelar pera o Padre onnipotente,
Quer, diante do Rei e dos senhores,
Que se faÁa um milagre dos maiores.

115

"O corpo morto manda ser trazido,
Que res[s]ucite e seja perguntado
Quem foi seu matador, e ser· crido
Por testemunho, o seu, mais aprovado.
Viram todos o moÁo vivo, erguido,
Em nome de Jesu crucificado:
D· graÁas a TomÈ, que lhe deu vida,
E descobre seu pai ser homicida.

116

"Este milagre fez tamanho espanto
Que o Rei se banha logo na ·gua santa,
E muitos apÙs ele; um beija o manto,
Outro louvor do Deus de TomÈ canta.
Os Br,menes se encheram de Ûdio tanto,
Com seu veneno os morde enveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam mat·-lo, em fim de tudo.

117

"Um dia que pregando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arruldo.
(J· Cristo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao CÈu subido);
A multid.,o das pedras que voava
No Santo d·, j· a tudo oferecido;
Um dos maus, por fatar-se mais depressa,
Com crua lanÁa o peito lhe atravessa.

118

"Choraram-te, TomÈ, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pisaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se iam da santa FÈ que lhe ensinaste.
Mas os Anjos do CÈu, cantando e rindo,
Te recebem na glÙria que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajuda peÁas
Com que os teus Lusitanos favoreÁas.

119

"E vÙs outros que os nomes usurpais
De mandados de Deus, como TomÈ,
Dizei: se sois mandados, como estais
Sem irdes a pregar a santa FÈ?
Olhai que, se sois Sal e vos danais
Na p·tria, onde profeta ninguÈm È,
Com que se salgar.,o em nossos dias
(InfiÈis deixo) tantas heresias?

120

"Mas passo esta matÈria perigosa
E tornemos ‡ costa debuxada.
J· com esta cidade t.,o famosa
Se faz curva a GangÈtica enseada;

Corre Narsinga, rica e poderosa;
Corre Orixá, de roupas abastada;
No fundo da enseada, o ilustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio;

121

"Ganges, no qual os seus habitantes
Morrem banhados, tendo por certeza
Que, inda que sejam grandes pecadores,
Esta água santa os lava e dá pureza.
Vá Catigão, cidade das milhores
De Bengala província, que se preza
De abundante. Mas olha que está posta
Pera o Austro, daqui virada, a costa.

122

"Olha o reino Arracão; olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram,
Monstros filhos do feio ajuntamento
Da mulher e um cão, que sãos se acharam.
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam, o que usaram
Por manha da Rainha que, inventando
Tal uso, deitou fora o error nefando.

123

"Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião, o largo o império tão comprido;
Tenassari, Quedá, que é seu cabeça
Das que pimenta ali têm produzido.
Mais avante fareis que se conhece
Malaca por empório ennobrecido,
Onde toda a província do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

124

"Dizem que desta terra com as possantes
Ondas o mar, entrando, dividiu
A nobre ilha Samatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antiga viu.
Quersoneso foi dita; e das prestantes
Veias d'ouro que a terra produziu,
'Aurea', por epíteto lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ofir imaginaram.

125

"Mas, na ponta da terra, Cingapura
Verás, onde o caminho às naus se estreita;
Daqui tornando a costa à Cinosura,
Se encurva e pera a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita;
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamai se chama.

126

Vês neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações, nunca sabidas:
Os Laos, em terra e número potentes;
Avás, Bramas, por serras tão compridas;

Ví nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usanÁa crua.

127

"Vís, passa por Camboja Mecom rio,
Que capit,,o das ·guas se interpreta;
Tantas recebe d' outro sÛ no Estio,
Que alaga os campos largos e inquieta;
Tem as enchentes quais o Nilo frio;
A gente dele crÍ, como indiscreta,
Que pena e glÛria tÍm, depois de morte,
Os brutos animais de toda sorte.

128

"Este receber·, pl·cido e brando,
No seu regaÁo os Cantos que molhados
VÍm do naufr·gio triste e miserando,
Dos procelosos baxos escapados,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Ser· o injusto mando executado
Naquele cuja Lira sonora
Ser· mais afamada que ditosa.

129

"Vís, corre a costa que Champ· se chama,
Cujá mata È do pau cheiroso ornada;
Vís Cauchichina est·, de escura fama,
E de Ain,,o ví a incÛgnita enseada;
Aqui o soberbo ImpÈrio, que se afama
Com terras e riqueza n,,o cuidada,
Da China corre, e ocupa o senhorio
Desde o TrÛpico ardente ao Cinto frio.

130

"Olha o muro e edifício nunca crido,
Que entre um impÈrio e o outro se edifica,
CertÍssimo sinal, e conhecido,
Da potÍncia real, soberba e rica.
Estes, o Rei que tÍm, n,,o foi nacido
PrÍncipe, nem dos pais aos filhos fica,
Mas elegem aquele que È famoso
Por cavaleiro, s·bio e virtuoso.

131

"Inda outra muita terra se te esconde
AtÈ que venha o tempo de mostrar-se;
Mas n,,o deixes no mar as Ilhas onde
A Natureza quis mais afamar-se:
Esta, meia escondida, que responde
De longe ‡ China, donde vem buscar-se,
... Jap,,o, onde nace a prata fina,
Que ilustrada ser· co a Lei divina.

132

"Olha c· pelos mares do Oriente
js infinitas Ilhas espalhadas:
VÍ Tidore e Ternate, co fervente
Cume, que lanÁa as flamas ondeadas.

As árvores ver-s do çravo ardente,
Co sangue Português inda compradas.
Aqui h- as -ureas aves, que n,,o decem
Nunca ‡ terra e sÛ mortas aparecem.

133

"Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam
Da v-ria cor que pinta o roxo fruto;
çs aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha tambÊm BornÊu, onde n,,o faltam
L-grimas no licor coalhado e enxuto
Das -rvores, que c,nfora Ê chamado,
Com que da Ilha o nome Ê celebrado.

134

"Ali tambÊm Timor, que o lenho manda
S,,ndalo, salutífero e cheiroso;
Olha a Sunda, t,,o larga que ,a banda
Esconde pera o Sul dificultoso;
A gente do Sert,,o, que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que, por onde ele sÛ, sem outro, vai,
Converte em pedra o pau que nele cai.

135

"VÍ naquela que o tempo tornou Ilha,
Que tambÊm flamas trÊmulas vapora,
A fonte que Ôleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor que o tronco chora,
--Cheiroso, mais que quanto estila a filha
De Ciniras na Ar-bia, onde ela mora;
E ví que, tendo quanto as outras têm,
Branda seda e fino ouro d- tambÊm.

136

"Olha, em Ceil,,o, que o monte se alevanta
Tanto que as nuvens passa ou a vista engana;
Os naturais o têm por cousa santa,
Pola pedra onde est- a pegada humana.
Nas ilhas de Maldiva nace a pranta
No profundo das -guas, soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
... tido por antídoto excelente.

137

"Ver-s defronte estar do Roxo Estreito
Socotor-, co amaro aloÊ famosa;
Outras ilhas, no mar tambÊm sujeito
A vÛs, na costa de jfrica arenosa,
Onde sai do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo oculta e preciosa.
De S,,o LourenÁo ví a Ilha afamada,
Que Madag-scar Ê dalguns chamada.

138

"Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vÛs outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com t,,o forte peito navegaís.

Mas È tambÈm raz,,o que, no Ponente,
Dum Lusitano um feito inda vejais,
Que, de seu Rei mostrando-se agravado,
Caminho h--de fazer nunca cuidado.

139

"Vedes a grande terra que continua
Vai de Calisto ao seu contr·rio PÙlo,
Que soberba a far· a luzente mina
Do metal que a cor tem do louro Apolo.
Castela, vossa amiga, ser· dina
De lanÁar-lhe o colar ao rudo colo.
Varias provìncias tem de v·rias gentes,
Em ritos e costumes, diferentes.

140

"Mas c· onde mais se alarga, ali tereis
Parte tambÈm, co pau vermelho nota;
De Santa Cruz o nome lhe poreis;
Descobri-la· a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa, que tereis,
Ir· buscando a parte mais remota
O Magalh.,es, no feito, com verdade,
Portuguís, porÈm n.,o na lealdade.

141

"Dís que passar a via mais que meia
Que ao Ant·rtico PÙlo vai da Linha,
D,a estatura qu·si giganteia
Homens ver·, da terra ali vizinha;
E mais avante o Estreito que se arreia
Co nome dele agora, o qual caminha
Pera outro mar e terra que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.

142

"AtÈ'aqui Portugueses concedido
Vos È saberdes os futuros feitos
Que, pelo mar que j· deixais sabido,
Vir.,o fazer baries de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos faÁam ser aceitos
As eternas esposas e fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas,

143

"Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo, pera a p·tria amada."
Assi lhe disse; e logo movimento
Fazem da Ilha alegre e namorada.
Levam refresco e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
Das Ninfas, que h.,o-de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquecente.

144

Assi foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso e nunca irado,
AtÈ que houveram vista do terreno
Em que naceram, sempre desejado.

Entraram pela foz do Tejo ameno,
E ‡ sua p·tria e Rei temido e amado
O prÊmio e glÙria d.,o por que mandou,
E com títulos novos se ilustrou.

145

NÙ mais, Musa, nÙ mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E n.,o do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
N.,o no d· a p·tria, n.,o, que est· metida
No gosto da cobiÁa e na rudeza
D,a austera, apagada e vil tristeza.

146

E n.,o sei por que influxo de Destino
N.,o tem um ledor orgulho e geral gosto,
Que os ,nimos levanta de continuo
A ter pera trabalhos ledor o rosto.
Por isso vÙs, Û Rei, que por divino
Conselho estais no rÊgio sÙlio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor sÙ de vassallos excelentes.

147

Olhai que ledos v.,o, por v·rias vias,
Quais rompentes lias e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a setas e pelouros,
A quentes regiies, a plagas frias,
A golpes de Idol·tras e de Mouros,
A perigos incÙgnitos do mundo,
A naufr·gios, a pexes, ao profundo.

148

Por vos servir, a tudo aparelhados;
De vÙs t.,o longe, sempre obedientes;
A quaisquer vossos ·speros mandados,
Sem dar reposta, prontos e contentes.
SÙ com saber que s.,o de vÙs olhados,
DemÙnios infernais, negros e ardentes,
Cometer.,o convosco, e n.,o duvido
Que vencedor vos faÁam, n.,o vencido.

149

Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presenÁa e leda humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os,
Que assi se abre o caminho ‡ santidade.
Os mais exprimentados levantai-os,
Se, com a experiência, têm bondade
Pera vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

150

Todos favorecei em seus ofícios,
Segundo têm das vidas o talento;
Tenham Religiosos exercícios
De rogem, por vosso regimento,

Com jejuns, disciplina, pelos vícios
Comuns; toda ambição, o ter, o por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro
Glória vê, não pretende nem dinheiro.

151

Os Cavaleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido e fervente
Estendem não sómente a Lei de cima,
Mas inda vosso Império preminente.
Pois aqueles que a tão remoto clima
Vos vão servir, com passo diligente,
Dous inimigos vencem: uns, os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

152

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ótulos e Ingleses,
Possam dizer que são pera mandados,
Mais que pera mandar, os Portugueses.
Tomai conselho só d'exprimentados
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes muito cabe.
Mais em particular o experto sabe.

153

De Formião, filósofo elegante,
Vereis como Anibal escarnecia,
Quando das artes bélicas, diante
Dele, com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

154

Mas eu que falo, humilde, baxo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.
Tem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

155

Pera servir-vos, braço às armas feito,
Pera cantar-vos, mente às Musas dada;
Só me falece ser a vós aceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina
Olhando a vossa inclinação divina,

156

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante,

A minha j- estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vÔs cante,
De sorte que Alexandro em vÔs se veja,
Sem ‡ dita de Aquiles ter enveja.

-----oOo-----

Final de Os Lusladas

End of the Project Gutenberg EBook of Os Lusladas, by Luís Vaz de Camões

*** END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK OS LUSÕADAS ***

***** This file should be named 3333-8.txt or 3333-8.zip *****

This and all associated files of various formats will be found in:

<http://www.gutenberg.org/3/3/3/3333/>

Produced by Maria Helena Moreira Rodriques and Victor Calha

Updated editions will replace the previous one--the old editions
will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no
one owns a United States copyright in these works, so the Foundation
(and you!) can copy and distribute it in the United States without
permission and without paying copyright royalties. Special rules,
set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to
copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to
protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project
Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you
charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you
do not charge anything for copies of this eBook, complying with the
rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose
such as creation of derivative works, reports, performances and
research. They may be modified and printed and given away--you may do
practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is
subject to the trademark license, especially commercial
redistribution.

*** START: FULL LICENSE ***

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free
distribution of electronic works, by using or distributing this work
(or any other work associated in any way with the phrase "Project
Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project
Gutenberg-tm License (available with this file or online at
<http://gutenberg.org/license>).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation" or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is in the public domain in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country outside the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived from the public domain (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than "Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg-tm works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread public domain works in creating the Project Gutenberg-tm collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a

written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation web page at <http://www.pgla.org>.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal

Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at <http://pglaf.org/fundraising>. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S. Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered throughout numerous locations. Its business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's web site and official page at <http://pglaf.org>

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby
Chief Executive and Director
gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide spread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit <http://pglaf.org>

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: <http://pglaf.org/donate>

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

<http://www.gutenberg.org>

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.